



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ELIANI CONCEIÇÃO DA SILVA FERREIRA

**OS PROFESSORES FORMADORES EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL NA
PANDEMIA: DESENVOLVENDO NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**BRASÍLIA-DF
2022**

ELIANI CONCEIÇÃO DA SILVA FERREIRA

**OS PROFESSORES FORMADORES EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL NA
PANDEMIA: DESENVOLVENDO NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – PPGE-UnB.

Linha de Pesquisa: Educação, Tecnologias e Comunicação – ETEC.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio França Teles

BRASÍLIA-DF

2022

Ferreira, Eliani Conceição da Silva

F383p Os professores formadores em tecnologia educacional na pandemia: desenvolvendo novas práticas pedagógicas / Eliani Conceição da Silva; orientador Lúcio França Teles. -- Brasília, 2022.

156 f.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Formação de professores. 2. Pandemia do Covid-19. 3. Educação. 4. Ensino remoto. 5. TIC's. I. Teles, Lúcio França, orient. II. Título.

ELIANI CONCEIÇÃO DA SILVA FERREIRA

**OS PROFESSORES FORMADORES EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL NA
PANDEMIA: DESENVOLVENDO NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade de Brasília, Linha de Pesquisa – Educação,
Tecnologias e Comunicação (ETEC).

Resultado: _____ Data: / / .

Prof. Dr. Lúcio França Teles
PPGE/UnB – Presidente (Orientador)

Profa. Dra. Amaralina Miranda de Sousa
PPGE/UnB – Membro Interno

Profa. Dra. Lucicleide Araújo de Sousa Alves
PPGET/JK – Membro Externo

Profº Dr. Francisco Thiago Silva
PPGE/UnB – Suplente

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador, Lúcio França Teles, que me ajudou a chegar ao tema apropriado para a elaboração deste trabalho. Desde o início eu já tinha em mente, de forma ampla, a temática sobre a qual queria falar, no entanto, com a orientação do ilustríssimo Professor Dr. Lúcio França Teles, pude ponderar e chegar ao melhor título possível para minha pesquisa. Acrescento que a calma e paciência do professor para comigo fazem com que sua presença seja marcada sempre em minhas orações. Além de ser extremamente grata pelo apoio dos amigos que conquistei na Universidade de Brasília, em especial à minha amiga Paula Nascimento que contribuiu muito com sua monitoria.

Agradeço também a Deus, que é o grande inspirador da minha vida. Por meio da força dada a mim por Ele que pude superar os obstáculos e seguir em frente e, mesmo no contexto pandêmico atual, não deixar meu sonho acadêmico parar. Estou muito feliz por ter conseguido o afastamento remunerado para estudos com o apoio da EAPE, cuja escola faz parte da SEEDF.

Sou muito grata ao meu esposo, Carlos Antonio Bezerra; ao meu filho mais velho, Antonio Presley; ao meu filho mais novo, José Carlos; e a toda a minha família, por todo apoio e incentivo que me deram, me motivando a fazer o que fosse necessário para meu desenvolvimento acadêmico e intelectual, de modo que tal trabalho fosse realizado da melhor forma possível, sendo desenvolvido com muito amor e carinho.

À bibliotecária, pedagoga e graduanda em letras espanhol, Carmem Corrêa Miranda, pela revisão ortográfica e referente às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Por fim, sou grata a todos que fizeram parte dessas páginas da minha vida, possibilitando-me tamanho aprendizado e crescimento profissional. Mesmo com tantos fatores para me desmotivarem, minha família, amigos e professores sempre estiveram ao meu lado para me encorajar e influenciar a mostrar o meu melhor trabalho. A partir disso, pude ver o poder da educação e perceber que vale a pena continuar investindo nas crianças, que são grande inspiração para mim e, por isso, apenas tenho gratidão. Gratidão! Gratidão!

RESUMO

FERREIRA, Eliani Conceição da Silva. **Os professores formadores em tecnologia educacional na pandemia:** desenvolvendo novas práticas pedagógicas. Orientador: Prof. Dr. Lúcio França Teles. 2022. 156 f. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2022.

O objetivo primordial da pesquisa aqui empreendida é investigar as mudanças decorrentes da pandemia no trabalho desenvolvido pelos formadores do Distrito Federal, que atuam, principalmente, nos Centros de Referência Tecnológica CRTE's. Essa preocupação se dá uma vez que é inegável que a pandemia do Covid-19 tenha trazido diversas mudanças que repercutam nas fragilidades da educação do país, visto que afetou as instituições educacionais, professores, alunos e a administração escolar (MARQUES, 2020). Isto posto, o foco da pesquisa é a compreensão do trabalho dos formadores frente à necessidade de formação e preparação dos educadores para a nova realidade educacional, considerando que, nesse contexto, a tecnologia foi a principal forma de comunicação entre pais, estudantes e escola. Assim, exige-se que os professores do ensino regular sejam preparados para trabalhar com os recursos tecnológicos (MORAN, 2006). Dessa forma, a partir dos questionamentos e problemáticas trazidas pelos professores, tem-se a finalidade de trazer resposta à seguinte pergunta: "Quais são as principais adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE's frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas, no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's?". Nos objetivos específicos está indicada a especificidade de cada uma das três fases desta dissertação: na primeira fase foi feito um estudo exploratório, com um pequeno grupo de professores formadores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, para melhor compreender o processo da readaptação do trabalho do professor para a nova fase caracterizada por atividades didáticas exclusivamente remotas; na segunda fase foi elaborado e aplicado um questionário, de modo que, 35 professores participaram, respondendo-o. Uma vez coletados os dados, estes foram computados. A partir da análise das respostas do questionário se fez possível vislumbrar os tópicos centrais para estes professores formadores que trabalham na formação dos professores da Educação Básica; a terceira fase se propõe aprofundar os sete itens mais mencionados nas respostas dos questionários. Para isso, foram realizadas entrevistas com um grupo de professores, que contou com 6 participantes, tendo como objetivo discutir os itens mais citados na pesquisa, buscando a utilização do grupo focal para um melhor diálogo. Assim, os dados foram analisados para melhor compreender as especificidades da pedagogia do ensino remoto e como os professores formadores aplicam este formato na formação de professores, de modo que os resultados coletados propiciarão novas informações sobre atividades didáticas e pedagogias apropriadas para a formação de professores no que diz respeito à utilização das tecnologias. Com isso, se fez possível compreender não somente as principais adaptações ocorridas no âmbito da educação, como, também, a importância da formação continuada para a manutenção de uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Formação de professores. Pandemia do Covid-19. Educação. Ensino remoto. TIC's.

ABSTRACT

FERREIRA, Eliani Conceição da Silva. **The teacher trainers in educational technology in the pandemic:** developing new pedagogical practices. Advisor: Eliani Conceição da Silva. 2022. 156 f. Dissertation (Master of Education) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2022.

The primary objective of the research undertaken here is to investigate the changes resulting from the pandemic in the work developed by the educators of the Federal District, who work mainly in the CRTE's (Technological Reference Centers). This concern occurs since it is undeniable that the COVID-19 pandemic has brought several changes that impact on the country's educational weaknesses, since it affected educational institutions, teachers, students, and school administration (MARQUES, 2020). In this way, the focus of the research is the understanding of the work of teacher educators facing the need for training and preparation of teachers for the new educational reality, since now, technology was the main form of communication between parents, students, and school, in this context. This form of communication that requires regular education teachers to be prepared to work with technological resources (MORAN, 2006). Thus, from the questions and problems brought by teachers, the main objective is to bring the following question: What are the main adaptations in the pedagogical practices developed by the educators in the face of the changes necessary for the application of the format of remote classes, in the pandemic period, regarding the continuing training of teachers for the use of ICT's? The specific objectives indicate the specificity of each of the three phases of this research project: In the first phase, an exploratory study will be conducted with a small group of teacher-educators from the Federal District Department of Education to better understand the process of readjusting of the teacher's work to the new phase characterized by educational activities exclusively remote. In the second phase is the elaboration and application of a questionnaire, so that 35 teachers participated, answering it. Once the data were collected, they were computed. From the analysis of the answers of the questionnaire it was possible to glimpse the central topics for these teacher trainers who work in the formation of teachers of Basic Education. And then there is the third phase, which proposes to deepen the seven most mentioned items in the answers of the questionnaires. In this third phase, interviews will be conducted with a group of teachers, with 6 participants, about the most cited items in the research, seeking to use focus groups for a better dialogue. Thus, the data will be analyzed to better understand the specificities of the pedagogy of remote education and how teacher trainers apply this format in teacher training, so that the results collected will provide new information on didactic activities and appropriate pedagogies for teacher training regarding the use of technologies. With this, it was possible to understand not only the main adaptations that occurred in the context of education, but also the importance of continuing education for the maintenance of quality education.

Keywords: Teacher training. Covid-19 pandemic. Education. Online teaching. ICT's.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Principais programas de inserção tecnológica na educação brasileira	20
Quadro 02 – Referencial teórico	40
Quadro 03 – Passos a serem seguidos para a realização da pesquisa	47
Quadro 04 – Diferenças entre análise do discurso e análise de conteúdo	48
Quadro 05 – Categorização dos dados coletados	51
Quadro 06 – Cronograma	96
Quadro 07 – Estrutura geral	148
Quadro 08 – Estruturação do texto de dissertação	149
Quadro 09 – Perguntas para o questionário	153
Quadro 10 – Perguntas do grupo focal	155

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Trajetória profissional	14
Figura 02 – Tópicos do referencial teórico	26
Figura 03 – Classificação e Ferramentas de coleta de dados	45
Figura 04 – CRTEs participantes da pesquisa	49
Figura 05 – Análise do discurso	54
Figura 06 – Os desafios enfrentados no ensino remoto durante a pandemia	55
Figura 07 – Fatores considerados negativos sobre ser professor	84
Figura 08 – Centro de Referência Tecnológico Educacional (CRTE) dos entrevistados.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

3D	3 Dimensões
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Análise do Conteúdo
ACD	Análise Crítica do Discurso
AD	Análise do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BOCA	Boletim de Conjuntura
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CPD	Centro de Processamento de Dados
CRE	Coordenação Regional de Ensino
CRTE	Centro de Referência em Tecnologia Educacional
CTAR	Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede
DCN's	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
DF	Distrito Federal
EAD	Educação à Distância
EAPE	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
EDUCOM	Educação e Computador
EM	Ensino Médio
ETC	Educação, Tecnologias e Comunicação
FCC	Fundação Carlos Chagas
FVC	Fundação Victor Civita
Gestrado	Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente
IFAP	Instituto Federal do Amapá
MEC	Ministério da Educação
Org.	Organizador
PBLE	Programa Banda Larga nas Escolas
PNE	Plano Nacional de Educação
PRODASEN	Processamento de dados do Senado Federal
PROINFO	Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional
PRONINFE	Programa Nacional de Informática Educativa

PROUCA	Programa Um Computador por Aluno
PUC-RS	Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RA	Região Administrativa
Scielo	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
SIA	Setor de Indústria e Abastecimento
Sinpro DF	Sindicato dos Professores do Distrito Federal
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UNIEB	Unidade Regional de Educação Básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa	17
2 PROBLEMÁTICA NORTEADORA DA PESQUISA	23
2.1 Objetivo Geral.....	24
2.2 Objetivos Específicos	24
3 REFERENCIAL TEÓRICO	25
3.1 O Professor Formador	29
3.2 O Ensino Remoto	32
3.3 O Professor Formador Durante a Pandemia.....	33
4 METODOLOGIA	43
4.1 <i>Lócus</i> da Pesquisa	48
4.2 Instrumentos de Pesquisa	50
4.3 Cronograma.....	50
5 DADOS PRODUZIDOS	51
6 ANÁLISE DOS DADOS	53
6.1 Problemática: Ensino Remoto X Quantidade de Horas Trabalhadas	56
6.2 Problemática: Ensino Remoto X Formação Continuada	59
6.3 Problemática: Ensino Remoto X Saúde Física e Mental dos Professores.....	64
6.4 Problemática: Vida Profissional X Vida Pessoal.....	68
6.5 Problemática: Ensino Remoto X Ferramentas de Trabalho	71
6.6 Ensino Remoto X Prospecções Futuras	75
6.7 Valorização X Desvalorização	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
8 REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	96
APÊNDICE A – CRONOGRAMA	96
APÊNDICE B – RESPOSTAS DOS PROFESSORES AO QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i>	97
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO GRUPO FOCAL.....	128
APÊNDICE D – QUADRO DE COERÊNCIA PARA TEXTO DE DISSERTAÇÃO... ..	148
ANEXOS	153
ANEXO A – PERGUNTAS PARA O QUESTIONÁRIO.....	153
ANEXO B – PERGUNTAS DO GRUPO FOCAL.....	155

1

INTRODUÇÃO

Nascida e criada no Gama, Distrito Federal, posso dizer que minha carreira se inicia quando eu decidi fazer o curso profissionalizante do Ensino Médio Técnico em Eletrônica, no Colégio 01 do Gama em 1992. Nesse mesmo período atuava como *office girl* no Banco do Brasil Sede. No último ano do Ensino Médio (EM), no período vespertino, fazia também um estágio na Rede de Tecnologia no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) – Região Administrativa (RA) do Distrito Federal (DF).

Ao terminar o Ensino Médio fui trabalhar numa empresa terceirizada que fazia manutenção no Processamento de dados do Senado Federal (PRODASEN), durante 2 anos. Em seguida, fui convidada a fazer parte da equipe dos colaboradores que trabalhavam com redes para o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), onde trabalhei durante 10 anos, inicialmente com suporte de redes de computadores, passando a ser analista de sistemas.

No entanto, eu sentia que precisava galgar outros rumos, uma vez que minha missão era muito mais do que simplesmente pensava ser, pois não podia deixar guardada toda essa gama de informações somente para mim. A partir disso, comecei a ministrar aulas de informática para escolas particulares, incluindo colégio de freiras e faculdades.

Foi neste momento, então, que descobri meu profundo interesse pela educação. Senti uma imensa necessidade em repassar o que eu aprendi em todos esses anos de muita dedicação e amor. Fui nomeada e tomei posse como professora do Magistério Público Federal no Instituto Federal do Amapá (IFAP), indo atuar no interior do Laranjal do Jari. Estava há dois anos no IFAP quando a

Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) me nomeou e aqui estou, desde o dia 10 de fevereiro de 2014, com muita garra e determinação para fazer uma Educação mais justa e igualitária para todos.

É por isso que, juntando minhas duas grandes paixões – a educação e a tecnologia – viso, no presente trabalho, apresentar uma relação íntima entre essas duas vertentes sociais baseada, principalmente no próprio cotidiano do professor da Secretaria de Educação, a respeito. Trago, aqui, as principais justificativas para o uso da tecnologia na educação, no entanto, em um contexto inesperado que é o vivido na atualidade por todo o mundo: o contexto pandêmico instaurado pelo novo Coronavírus. Dessa forma, no referido contexto, acentuou-se a importância do uso das tecnologias para a manutenção do direito ao acesso à educação, bem como da importância de profissionais preparados para esse manuseio (Figura 01).

Figura 01 – Trajetória profissional



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Desde meados do século XVIII e XIX, com o advento da Revolução Industrial, o cenário tecnológico mundial tem sofrido drásticas mudanças. As transformações nas formas de trabalho não foram as únicas. A necessidade de velocidade nos processos realizados no cotidiano do homem possibilitou a criação e desenvolvimento de diversos mecanismos de auxílio às atividades básicas já realizadas anteriormente (DATHEIN, 2003). A educação, como parte essencialmente formadora da sociedade, não poderia ficar de fora de tais avanços.

As mudanças provocadas com o advento da tecnologia trouxeram questionamentos relacionados à postura de qualquer profissional. O profissional da educação, diante do compromisso frente a seus aprendizes e da comunidade a qual

pertence, também passou a ser questionado. Dessa forma, não bastaria mais ao professor apenas deter a informação, mas, também, criar as possibilidades para a sua própria produção/construção de forma condizente com os avanços tecnológicos emergentes (FREIRE, 1996).

No entanto, de acordo com Cardoso e Figueira-Sampaio (2019, p. 2): “Apesar da tecnologia estar presente no cotidiano de grande parcela da população, é possível perceber uma contradição entre o avanço tecnológico e a utilização de ferramentas digitais na sala de aula”. Isso se dá pelo fato de que a maioria das escolas no Brasil, atualmente, não possuem profissionais especializados e capacitados para a inserção das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's) no contexto educacional.

O uso de mecanismos obsoletos para o ensino básico acaba, na maioria das vezes, por não atrair a atenção dos alunos e, pior ainda, por ocasionar a desmotivação do interesse em aprender (CARDOSO; FIGUEIRA-SAMPAIO, 2019). Entretanto, a maioria dos professores da Educação Básica, no Brasil, não se dispõem a fazer o uso de novidades tecnológicas em suas aulas, uma vez que não possuem capacitação adequada para tal. Por isso, acabam desenvolvendo um certo medo em relação ao uso de tecnologia. O professor formador seria, assim, um suporte ideal para que os professores tenham o auxílio e orientações necessárias para utilizar a tecnologia, através do acesso à formação continuada e profissionalização técnica.

Como dito, o avanço dos processos tecnológicos se deu a partir do século XIX (DATHEIN, 2003), ou seja, a tecnologia vem sendo desenvolvida há muito tempo. Isso corrobora para uma maior variedade de mecanismos tecnológicos disponíveis atualmente no mercado, sendo estes cada vez mais eficientes. Dado esse avanço gradual no decorrer da história, tem-se que hodiernamente as crianças já nascem imersas num contexto tecnológico avançado. Essa imersão contribui grandemente para que o uso da tecnologia dentro das escolas obtenha sucesso quanto ao auxílio no ensino.

No entanto, para que esse diálogo concreto ocorra é necessário a capacitação dos professores, seja por meio de uma graduação em informática ou de uma outra especialização na referida área. Para isso os Governos, principalmente a

partir dos anos 2000, têm criado programas visando a formação continuada dos professores, a exemplo do Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo), criado em 2007. Segundo o Ministério da Educação (MEC) o objetivo principal do programa foi “Proporcionar a inclusão digital de professores, gestores de escolas públicas da Educação Básica e a comunidade escolar em geral” (BRASIL, 2018).

Trazendo a questão para a atualidade, de acordo com Marques (2020), a pandemia do Coronavírus, instaurada no mundo todo a partir do final de 2019, modificou a realidade, a partir de um efeito cascata, de todas as atividades humanas frente à necessidade da imposição do isolamento social. Nesse sentido, os alunos, que antes passavam grande parte de seu dia dentro das salas de aula da escola, com o auxílio direto de seus professores e coordenadores, se viram obrigados a cuidar de sua vida escolar longe dos braços da escola, apoiados, na maioria das vezes, apenas por seus pais. Essa mudança brusca e abrupta acabou gerando inúmeros desafios, tanto para alunos quanto para a escola e, também, para os pais.

Dessa forma, as novidades no processo de ensino-aprendizagem, impulsionaram nos professores a necessidade de adoção de metodologias de inserção de conteúdo em suas classes, sendo todas elas, no entanto, metodologias de ensino à distância (MARQUES, 2020). Assim, com as dificuldades relacionadas à formação dos professores do ensino regular da rede de ensino básica do Brasil, é perceptível a necessidade de auxílio para que esses profissionais continuem exercendo seu papel de forma satisfatória.

É por isso, então, que o objetivo principal do presente trabalho é o de investigar as mudanças decorrentes da pandemia no trabalho desenvolvido pelos professores formadores do Distrito Federal que atuam, precipuamente, nos Centros de referência Tecnológica (CRTE's), no que se refere à formação continuada dos professores da Educação Básica para o uso das Tecnologias Educacionais, uma vez que é a partir dessa nova realidade que os docentes de informática se vêm em uma nova função, qual seja: a de trabalhar na formação dos professores do ensino regular, de modo a os auxiliar a permitir a manutenção do acesso ao ensino.

1.1 Justificativa

Educação e tecnologia têm se tornado cada vez mais próximas. Segundo Machado (2007):

Sendo que a educação tem como finalidade principal a formação de cidadão competente para a vida em sociedade, a escola, como centro de formação, precisa estar inserida neste novo contexto, em que estas tecnologias são apontadas como ferramentas de apoio no processo de ensino de aprendizagem (MACHADO, 2007, p. 10).

Nesse sentido, visando ilustrar as principais mudanças ocorridas nas atividades realizadas pelos professores formadores no cenário educacional atual, a presente pesquisa está sendo implantada em conjunto com os professores formadores da Secretária de Educação do Distrito Federal dos Centros de Referência Tecnológica do DF. Desse modo, a pesquisadora irá entrar em contato com os referidos professores, de maneira a questionar e entender as reais mudanças, dificuldades e benefícios da nova realidade.

Dessa forma, tem-se como sendo a temática principal da pesquisa a busca pela resposta do seguinte questionamento:

“Quais são as principais adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE’s frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas, no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC’s?”.

Tem-se por objetivo discorrer acerca da necessidade do uso das tecnologias educacionais sob a orientação de um profissional especializado na área de informática e tecnologia.

Ademais, de acordo com a Lei N. 13.005, de 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), na estratégia 7.12 da 7ª meta proposta na referida Lei, no intuito de fomentar a qualidade da Educação Básica no Brasil, fica estipulado que:

7.12) incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino

fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem [...] (BRASIL, 2014).

A partir do que é apresentado na Lei, justifica-se o interesse em se estudar e fazer pesquisas acerca da importância da implementação de planos políticos pedagógicos que englobem a imersão tecnológica, não somente em momentos específicos como o atual, mas, principalmente, desde o início da iniciação escolar dos estudantes, para que, a partir do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), os estudantes tenham seu desenvolvimento complementado e explorado ao máximo. Tal incorporação se dá por meio da contratação de professores de informática especializados e/ou, nesse caso, com o auxílio dos próprios professores formadores, que já possuem especializações no ramo da tecnologia, de maneira a trabalharem na formação continuada de professores que já fazem parte da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Dado que a utilização das TIC's vem sendo cada vez mais necessária e imprescindível no Ensino Básico como um todo, os governos federais, juntamente com os órgãos responsáveis pela educação brasileira, têm se empenhado em desenvolver projetos e políticas que visem a instituição da tecnologia como aliada ao processo educacional. Desde meados de 1979, quando foi publicado o Decreto N. 84.067 (BRASIL, 1979), que instituía a criação da Secretaria Especial de Informática, a qual tinha como um de seus integrantes um representante do Ministério da Educação e Cultura, os governos federais tentam demonstrar sua preocupação com a atualização tecnológica do país.

Mais à frente, a partir do decreto N. 6.300 de 2007 (BRASIL, 2007), o Governo Federal estipulou novos objetivos para o programa ProInfo, criado em 1997. Tais objetivos visam promover o uso pedagógico da tecnologia nas instituições de educação pública básica do país. Sendo alguns deles:

- I promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais;
- II fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação;
- III promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa;

- IV contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, da conexão à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas;
- V contribuir para a preparação dos jovens e adultos para o mercado de trabalho por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação; e
- VI fomentar a produção nacional de conteúdos digitais educacionais (BRASIL, 2007).

Nesse mesmo viés, a partir da Lei N. 12.249, de 11 de junho de 2010 (BRASIL, 2010), sancionada sob assinatura de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criado o Programa Um Computador por Aluno (PROUCA), o qual tem por objetivo:

[...] promover a inclusão digital nas escolas das redes públicas de ensino federal, estadual, distrital, municipal ou nas escolas sem fins lucrativos de atendimento a pessoas com deficiência, mediante a aquisição e a utilização de soluções de informática, constituídas de equipamentos de informática, de programas de computador (software) neles instalados e de suporte e assistência técnica necessários ao seu funcionamento (BRASIL, 2010).

Além disso, na Lei N. 13.005, de 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014), que trata o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências, fica definido, entre outras coisas que:

- 5.4) fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a alfabetização e favoreçam a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos (as) alunos (as), consideradas as diversas abordagens metodológicas e sua efetividade;
[...]
- 6.3) institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, bibliotecas, auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos, bem como da produção de material didático e da formação de recursos humanos para a educação em tempo integral;
[...]
- 7.12) incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, com preferência para

softwares livres e recursos educacionais abertos, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas;

[...]

- 7.15) universalizar, até o quinto ano de vigência deste PNE, o acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade e triplicar, até o final da década, a relação computador/aluno (a) nas escolas da rede pública de educação básica, promovendo a utilização pedagógica das tecnologias da informação e da comunicação (BRASIL, 2014).

Sabe-se, portanto, que os Governos Federais começaram, a partir de 1983, a criar e viabilizar programas que tinham como foco a utilização de tecnologia no contexto educacional. Exemplos disso são os programas elencados no Quadro 01, a seguir:

Quadro 01 – Principais programas de inserção tecnológica na educação brasileira

ANO	PROGRAMA	OBJETIVO
1983	EDUCOM – Educação e Computador	Uso de computadores em 5 escolas de Ensino Superior
1989	PRONINFE – Programa Nacional de Informática Educativa	Formação continuada de professores a partir da criação de centros de informática
1997	PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação	Introdução da informática nas redes municipais e estaduais de educação
2007	PROUCA – Programa Um Computador por Aluno	Disponibilização de um laptop por aluno
2008	PBLE – Programa Banda Larga nas Escolas	Atendimento e disponibilização de internet banda larga a todas as escolas públicas urbanas de nível fundamental e médio

Fonte: Adaptação de Prado (2017, p. 29-30).

Em 2007, no entanto, houve a reformulação do programa ProInfo, onde ficou estabelecido sua ampliação, conforme o Decreto N. 6.300 (BRASIL, 2007), que estipulou a nacionalização do programa. Com essa ampliação, novos recursos tecnológicos foram adquiridos e disponibilizados às instituições de ensino (PRADO, 2017).

Nesse sentido, o Ministério da Educação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN's), de 2013 (BRASIL, 2013), lançou metas e estratégias que visam o melhor desenvolvimento possível de todas as habilidades

dos estudantes de Educação Básica do país. Obviamente, as tecnologias educacionais fazem parte desse pacote. No que se refere ao uso das tecnologias na educação o MEC adverte: As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens” (BRASIL, 2013, p. 25).

Ou seja, de acordo com o Ministério as tecnologias, por mais simples que sejam, podem contribuir e auxiliar no processo educacional de ensino-aprendizagem.

Além disso, ainda segundo as Diretrizes, sabendo da importância da revolução tecnológica dentro das escolas, a Base Nacional Comum Curricular foi organizada de modo que as Tecnologias da Informação e Comunicação façam parte transversalmente das propostas curriculares desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 2013). Dessa forma, tal organização se deu devido ao fato de que para o MEC:

O desenvolvimento da tecnologia visa à satisfação de necessidades que a humanidade se coloca, o que nos leva a perceber que a tecnologia é uma extensão das capacidades humanas. A partir do nascimento da ciência moderna, pode-se definir a tecnologia, então, como mediação entre conhecimento científico (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção no real) (BRASIL, 2013, p. 162).

Entretanto, apesar da criação desses referidos programas e das falas do MEC, evidenciando a importância da educação tecnológica, a valorização da tecnologia dentro das escolas ainda é escassa. Sabe-se, de acordo com pesquisa feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras – TIC Educação 2019 – que a utilização dos recursos tecnológicos não é feita de modo integral. Isso se dá visto que, dentre as escolas públicas do Brasil, 33% não possui laboratório de informática e, dentro das que possuem, 19% não fazem a utilização desses laboratórios por motivos variados (CETIC, 2019).

Percebe-se, então, que, por mais que a intenção de inserção das tecnologias na escola seja grande, esse objetivo ainda não foi colocado realmente em prática.

Sabe-se, no entanto, que a informática não é a solução para todos os problemas da educação brasileira, mas é compreensível a ideia de que esta ferramenta pode trazer uma melhoria significativa para a área. Para que, desse modo, os professores de qualquer disciplina possam dispor de uma gama de *softwares* educacionais e ações inovadoras para colocar em prática em sala de aula e, assim, otimizar o processo de aprendizagem. Por isso, é de suma importância que programas como o PBLE sejam colocados em prática efetivamente.

As desigualdades relacionadas ao uso da tecnologia na educação são ainda mais latentes quando levado em consideração o contexto pandêmico atual, onde o ensino à distância se fez necessário. Isso fica nítido se levados em conta os dados disponibilizados pela TIC Educação 2019, que mostram que grande parte das crianças e adolescentes em idade escolar ainda não têm acesso eficaz aos instrumentos de acesso à tecnologia dentro de casa, ou seja, não têm acesso às ferramentas como computadores, celulares e, até mesmo à internet (CETIC, 2019).

A maior parte dos programas desenvolvidos pelo Estado se dá por meio da participação de professores de áreas tecnológicas. Ou seja, são os professores dos CRTE's, por exemplo, que colocam em prática as propostas elaboradas juntamente com os projetos de inserção da tecnologia no contexto educacional. Nesse sentido, percebe-se que o trabalho dos professores dos CRTE's, frente à necessidade de formação continuada dos professores da Educação Básica, não se fez presente no contexto educacional apenas no cenário pandêmico, uma vez que os responsáveis pela tecnologia na educação vêm trabalhando constantemente e independente do contexto na formação e profissionalização dos professores para o uso das TIC's dentro de sala de aula e, especificamente no contexto atual, para que seja possível a manutenção do acesso à educação, mesmo fora do ambiente escolar.

2

PROBLEMÁTICA NORTEADORA DA PESQUISA

A partir da revisão da literatura, realizada no decorrer deste capítulo, buscou-se uma contextualização a respeito dos estudos e referenciais bibliográficos que nortearam a presente pesquisa, de modo a sustentar os argumentos trazidos com base em estudos anteriormente realizados. Gerou-se, então, a seguinte problemática central:

“Quais as principais adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE’s frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas, no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC’s?”.

Dessa forma, foram estabelecidos objetivos que visam resultados positivos para todos os envolvidos no contexto da pesquisa, ou seja, que tem em vista beneficiar os professores do ensino regular, os professores formadores, os estudantes, a comunidade escolar, bem como a sociedade como um todo.

Os objetivos propostos, os quais foram delimitados e serão apresentados na subseção a seguir, visaram, primeiramente, sanar as dúvidas quanto à questão norteadora já citada e, assim, corroborar com os avanços significativos na Educação Básica brasileira.

2.1 Objetivo Geral

Esta dissertação tem foco na análise das mudanças de que os professores formadores da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) tiveram que aplicar nas suas práticas pedagógicas em virtude da suspensão das aulas presenciais pela pandemia da Covid-19 e o prosseguimento do ano letivo de 2020 no formato de aulas remotas.

Para responder à questão norteadora de pesquisa este trabalho seguirá passos representados por objetivos a serem alcançados. De forma ampla pretende-se alcançar o seguinte Objetivo Geral:

“Analisar as adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE’s frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC’s”.

2.2 Objetivos Específicos

Associadas a essa questão central, e com base nas atividades de formação de professores realizadas pelos professores formadores, surgem as seguintes questões adjacentes:

1. Quais as principais diferenças nas práticas pedagógicas usadas pelos professores formadores, principalmente no que diz respeito à formação continuada de professores para o uso das TIC’s no contexto da pandemia?;
2. Quais as principais dificuldades encontradas pelos professores formadores para desenvolverem suas atividades pedagógicas no período de aulas remotas?;
3. Como o professor formador continuou a ofertar oficinas e outras formas de formação dos professores no uso das TIC’s sem aulas/oficinas presenciais e quais as tecnologias e práticas pedagógicas utilizadas nesse contexto?

Embora secundários esses questionamentos são de suma importância para determinar os passos a serem seguidos ou os objetivos a serem alcançados para elucidação da questão norteadora principal.

3

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 35) “todas as pesquisas necessitam de um referencial teórico”. Isso se dá porque é a partir da revisão da literatura, correspondente ao tema da pesquisa, que se obtém o embasamento necessário para a comprovação dos fatos descritos.

A fundamentação teórica é uma das partes mais importantes de uma pesquisa, pois é através dela que se dará o desenvolvimento de todo o trabalho. Uma pesquisa não deve pautar-se apenas em estudos de caso isolados e/ou ideias soltas, mas em uma ampla literatura que a fundamente e sirva de apoio concreto para o desenvolvimento das ideias ali pontuadas.

É nesse sentido que o presente estudo está sendo pautado, principalmente a partir do estudo de três tópicos principais introduzidos pela temática da utilização de Tecnologias na Educação. Os pontos destacados e utilizados como respaldo para a presente pesquisa foram: A tecnologia na educação; O professor formador; o ensino remoto; e o professor formador durante a pandemia. Esses tópicos foram analisados com o objetivo de averiguar o estado dos estudos referentes aos temas que dão aporte teórico às informações coletadas por meio dos dados utilizados na pesquisa (Figura 02).

A partir dos estudos pôde-se, então, perceber que as dificuldades frente a necessidade de preparar o educando para a sua própria produção/construção o conhecimento não são recentes: desde os tempos mais remotos percebe-se, quando professores são entrevistados, que a educação e o ensino como um todo são rodeados de dificuldades, sendo elas das mais variadas vertentes, tais como falta de interesse por parte dos discentes, falta de investimento, falta de capacitação por parte dos docentes, entre outros.

Figura 02 – Tópicos do referencial teórico

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nesse sentido, levando-se em conta o contexto globalizado em que a maioria dos países se encontra, percebe-se a necessidade da inclusão da tecnologia no contexto educacional. De acordo com Abreu e Teles (2010, p. 181) a tecnologia por meio, principalmente, dos computadores, “[...] vêm se tornando ferramenta indispensável para inúmeras atividades humanas constituindo apoio, cada vez mais importante, nas lides educativas”.

Visando uma melhoria nesse quadro de dificuldades, e sabendo que a tecnologia vem sendo responsável pelo auxílio ao homem em todos os ramos sociais, a partir da década de 1990, o Governo Federal tem aumentado seus esforços no tocante à implementação de Tecnologias da Informação e Comunicação dentro das escolas no Brasil. Desde então a inserção da tecnologia na educação tem proporcionado novas ferramentas muito úteis no auxílio à aprendizagem.

Apesar disso, sabe-se que o uso das TIC's na educação pode possibilitar aos alunos e professores uma experiência muito mais abrangente no que tange ao amplo desenvolvimento do potencial cognitivo dos estudantes. Segundo Machado (2007) o uso da tecnologia no ensino básico pode funcionar como uma ferramenta para a construção do conhecimento, proporcionando o desenvolvimento de um aprendizado organizado e estruturado, além de servir como meio de divulgação de informação, através de seus mecanismos de pesquisa. Funciona, ainda, como ambiente de contextualização para criação e manipulação, de modo a proporcionar simulações realistas de situações diversas; e também como meio social, onde podem trabalhar suas habilidades de interação social. E, por fim, tendo função de ferramenta intelectual, com a qual seria possível a indução de reflexões, o desenvolvimento da habilidade de articulação e a construção de novos significados (MACHADO, 2007).

A inserção das TICs na educação pode ser uma importante ferramenta para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Essas tecnologias podem gerar resultados positivos ou negativos, dependendo de como elas sejam utilizadas. Entretanto, toda a técnica nova só é utilizada com desenvoltura e naturalidade no fim de um longo processo de apropriação. No caso das TICs, esse processo envolve claramente duas facetas que seria um erro confundir: a tecnológica e a pedagógica (PONTE, 2000).

Insta-se que para a inclusão dessas tecnologias na educação de forma positiva, é necessário que haja uma junção de vários fatores, sendo os principais deles o domínio do professor sobre as tecnologias e sua utilização na prática, ou seja, dependendo necessariamente de uma ampla e diversificada formação acadêmica dos professores e de sua formação continuada, visando a atualização das metodologias de ensino. Além disso, é necessário que os professores tenham em mãos as ferramentas necessárias para colocarem em prática as funcionalidades possibilitadas por meio das tecnologias educacionais. Além disso, é mister que os governos invistam em capacitações que promovam as atualizações necessárias para acompanhar as mudanças sociais e os avanços tecnológicos.

Países de todos os continentes têm investido no uso das TICs nas escolas e na inovação de processos pedagógicos. Infraestrutura de equipamentos TICs, acesso à Internet, desenvolvimento profissional e criação de conteúdos digitais de aprendizagem são alguns exemplos desses investimentos [CETIC, 2011]. Ao final da década

de 2000, parece haver o reconhecimento na América Latina de inúmeros benefícios que as TICs podem trazer à educação, qualquer que seja o modelo pedagógico dominante [Valdivia, 2008]. Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO [2010] afirmam que os investimentos em Tecnologia e Comunicação, voltados para projetos educacionais, estão aumentando nos países da América Latina e do Caribe. Muitos países estão investindo milhões de dólares por ano somente em equipamentos (SOARES-LEITE; NASCIMENTO-RIBEIRO, 2012).

Para Machado, citando Passerino (PASSERINO *apud* MACHADO, 2007), a informática pode ser usada como fim, como meio e como ferramenta: como fim, de modo que o estudante aprenda sobre informática para, assim, bem entendê-la; como meio, dado que o aluno possa refletir sobre o processo de aprendizagem através da máquina e usar o conhecimento que a própria informática “detém”; e como ferramenta, já que os alunos a usam como apoio para a realização de trabalhos, por exemplo, sendo mais uma ferramenta dentro das demais já existentes, como é o caso atual, onde a tecnologia se faz necessária para a manutenção do acesso à educação em tempos de pandemia.

Segundo Prado (2017), os estudantes de Educação Básica, atualmente, já nascem inseridos no meio tecnológico. Essa “singularidade digital” marca fortemente o perfil dos estudantes da contemporaneidade, o que transforma, também, como consequência, o desenvolvimento psicossocial e cultural desses indivíduos. Os recursos tecnológicos, disponíveis no meio vêm então impulsionar e intensificar esse desenvolvimento (PRADO, 2017). Nesse sentido, uma vez que os estudantes já se encontram inseridos nesse contexto tecnológico, o meio digital se mostra como sendo a melhor maneira de mediar a interação entre os estudantes e a estrutura educacional, de maneira a proporcionar que o acesso à educação se mantenha mesmo em um momento em que o isolamento social se faz necessário.

No entanto, ainda segundo Prado (2017, p. 27), “a consolidação de novas tecnologias em ambiente escolar resulta de uma construção política e social”. Ou seja, a implementação do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação dentro das escolas não depende apenas dos professores, alunos e sociedade, mas, sim, também, do Poder Público e Político que os rege.

Nesse sentido, levando em consideração a realidade tecnológica do país, percebe-se a importância de cada vez maior de políticas públicas que visem levar não somente o acesso à tecnologia a todas as escolas do Brasil, mas também a capacitação necessária para que os professores usufruam dela, uma vez que não é suficiente que apenas algumas regiões tenham suas necessidades supridas, enquanto outras não tem o mínimo, como é o caso de algumas regiões do norte do país que chegam a ter 0% de escolas com Internet. Essa busca pela informação nas escolas e pela inclusão da Internet no ambiente escolar se dá, particularmente, por conta da luta pela emancipação dos alunos. De acordo com Moran (2006, p. 115):

Diante da possibilidade de acessar a Internet na escola, em suas próprias casas, nas bibliotecas públicas, nos centros de informática e até mesmo no local de trabalho, os alunos podem ser beneficiados por uma ação pedagógica que, além de servir como instrumento de pesquisa, pode favorecê-los no acesso à rede de informação de maneira autônoma (MORAN, 2006, p. 115).

Anjos e Francisco, citando Amante (AMANTE *apud* ANJOS; FRANCISCO, 2021), citam vários estudos destacando a contribuição da tecnologia na educação e na aprendizagem das crianças, principalmente do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, da Matemática, da Relação entre o conhecimento do mundo, dos outros e da Natureza, bem como das suas realidades sociais e culturais; além de diversas outras possibilidades. Isso se dá visto que, a partir da introdução das tecnologias no contexto escolar, se possibilite maior interação dos estudantes com ferramentas técnicas de aprendizagem, incentivando sua criatividade e expressão, visto que, nessa modalidade de ensino, se tornam autônomos, podendo apresentar seu desenvolvimento e conhecimento para o mundo, que começa a partir do compartilhamento das conquistas educacionais com os familiares que os acompanham nas atividades (ANJOS; FRANCISCO, 2021).

3.1 O Professor Formador

A formação continuada dos professores, na visão de Imbernón (2009, p. 49), deve “fomentar o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional do professorado, potencializando um trabalho colaborativo para mudar a prática”. Ou seja, conforme esse pensamento, a formação continuada dos professores deve ser constante e com foco nas necessidades da rede de ensino do país.

Pensando nessa questão o MEC, juntamente com os projetos lançados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, lançou um artigo que prevê a formação continuada dos gestores e professores, de modo que possam se especializar em áreas tecnológicas do saber:

VII – preveja a formação continuada dos gestores e professores para que estes tenham a oportunidade de se manter atualizados quanto ao campo do conhecimento que lhes cabe manejar, trabalhar e quanto à adoção, à opção da metodologia didático-pedagógica mais própria às aprendizagens que devem vivenciar e estimular, incluindo aquelas pertinentes às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (BRASIL, 2013, p. 49).

Essa questão é levantada principalmente devido ao fato de que, segundo as diretrizes, para o uso adequado das tecnologias da informação e comunicação os professores precisam de formação adequada, além da provisão de recursos tecnológicos atualizados e em número suficiente para os alunos (BRASIL, 2013, p. 111). Segundo Cardoso e Figueira-Sampaio (2019), é na formação continuada dos educadores que as novas competências podem ser trabalhadas para que haja a capacidade de uso da informática em sala de aula. Isso é algo relevante, haja vista que na formação inicial dos professores, nos cursos de licenciatura, não ocorre a incorporação da informática no currículo dos discentes (CARDOSO; FIGUEIRA-SAMPAIO, 2019).

Dessa forma, pode-se compreender a função de “ponte” do professor formador a partir da possibilidade de desenvolver e fomentar o uso de ferramentas tecnológicas, a partir de cursos de formação continuada, de modo a capacitar os professores para que possam usufruir de novos mecanismos, com o objetivo de proporcionar a manutenção do acesso à educação independente do contexto em que estejam inseridos. Nesse sentido, dialogando com o que é dito por Behrens (2010) acerca da formação continuada. Para o autor, o uso das tecnologias na educação tem o objetivo de trazer cada vez mais melhorias pedagógicas para o contexto educacional do país. “A tecnologia precisa ser contemplada na prática pedagógica do professor, de modo a instrumentalizá-lo a agir e interagir e integrar no mundo com critério, com ética e com visão transformadora” (*Ibidem*, p. 72).

De acordo com Shigunov Neto e Maciel (2002) é necessário que os profissionais de ensino acompanhem as mudanças que ocorrem na sociedade, de modo a se profissionalizarem constantemente e de maneira específica para atenderem as demandas necessárias em cada momento novo que a sociedade venha a enfrentar. Dessa forma, a formação continuada passa a ser um dos pré-requisitos básicos para a transformação do professor, pois é através de profissionalizações específicas e constante contato com novas concepções, proporcionado pelos programas de formação continuada, que se torna possível a atualização e renovação dos processos de ensino (CHIMENTÃO, 2009). Nesse sentido, a autora afirma que:

A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos (CHIMENTÃO, 2009, p. 3).

Dialogando com isso, de acordo com Alvaro-Prada *et al.* (2010):

Formar-se é um processo de toda a vida; enquanto seres humanos, temos a possibilidade de aprender e, portanto, nos humanizamos permanentemente, mediante as relações e interações que acontecem nos diversos ambientes culturais nos quais temos relações. Deste modo, aprender é mais do que receber ou obter informações e conhecê-las ou compreendê-las é tornar o aprendizado parte do ser, implicando desenvolver-se com ele. Formar-se é um processo de aprendizagem que se realiza desenvolvendo-se individual e coletivamente dentro da cultura, incorporando-a, criando e recriando-a (ALVARO-PRADA *et al.* 2010, p. 369).

Ou seja, a formação continuada do professor não tem o objetivo apenas de capacitá-lo para novas técnicas pedagógicas, mas, também, possibilitar um desenvolvimento pessoal que vise habilitar o professor para criar novas ferramentas, tanto em sua vida pessoal quanto em sua vida profissional, viabilizando transformar o ambiente educacional, com o objetivo de ensejar em uma atualização constante das ferramentas educacionais para que, mesmo em momentos adversos, os professores estejam habilitados para promover a manutenção do acesso à educação. Sob esse aspecto, o papel do professor formador vem no sentido de possibilitar a conexão entre o professor que busca a formação e o conhecimento em

questão. Ou seja: o professor formador é a ponte entre o professor da Educação Básica e a profissionalização necessária a eles.

3.2 O Ensino Remoto

O ensino remoto não é sinônimo de educação à distância. Apesar de estar diretamente relacionado ao uso de tecnologia, esse ensino se utiliza de diversas ferramentas para ser colocado em prática. O ensino viabilizado remotamente permite a utilização de plataformas abertas disponíveis para fins não puramente didáticos, bem como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras (MOREIRA ET AL, 2020).

A variabilidade de recursos e estratégias, bem como de práticas, é definida com base na familiaridade do professor e na capacidade de adotar esses recursos. Ou seja, de acordo com o conhecimento do professor no que se referem às Tecnologias Educacionais, as possibilidades de inovação visando a manutenção do Ensino Remoto se tornam incontáveis, possibilitando ao professor encontrar a melhor maneira para maior disponibilidade às tecnologias (MOREIRA ET AL, 2020).

No que diz respeito ao ensino remoto de caráter emergencial, ou seja, não planejado, mas utilizado como uma saída para uma situação adversa acontece, ou deveria acontecer uma adaptação curricular temporária de maneira a propiciar que ocorram as atividades acadêmicas mesmo quando acometido de circunstâncias de crise. Dessa maneira, a prática envolve o uso de soluções de ensino remotas, que substituem temporariamente atividades que anteriormente seriam ministradas presencialmente, ou de forma híbrida, de modo que a ideia de que o formato presencial seria retomado assim que a crise ou emergência arrefecer (HODGES *et al.* 2020). Dentro do contexto atual Moreira *et al.* (2020) afirmam que:

[...] com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência. E na realidade, essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em YouTubers gravando vídeo-aulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Skype, o *Google Hangout* ou o *Zoom* e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o *Google Classroom* (MOREIRA *et al.*, 2020, p. 352).

No que se refere ao contexto atual, motivada pela Pandemia do Covid-19, foi desenvolvida a Portaria MEC 544 de 2020 (MEC, 2020) que estendeu as aulas remotas até o fim do ano e autorizou o uso de recursos educacionais digitais e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Isso se deu visto que, dada a impossibilidade de realização de aulas presenciais, as instituições de educação que atendem aos diferentes níveis de ensino se viram diante de um impasse, entre suspender as aulas ou mantê-las de forma remota, com algumas modificações (MARQUES, 2020).

Apesar de funcionar como sendo uma ferramenta de manutenção do acesso à educação em momentos de crise, o ensino remoto traz algumas questões. Exemplo disso é o fato de que, se no ensino presencial uma aula expositiva de 50 minutos tende a ser cansativa, no ensino remoto esse tempo pode ser ainda menos produtivo se não forem utilizadas estratégias ativas de ensino e de aprendizagem, o que mostra uma grande necessidade de mudanças significativas na prática docente. É nesse sentido, então, que se insere a necessidade de um movimento de capacitação dos professores para que estejam preparados para utilizar os mecanismos necessários. Dessa forma, conforme Monteiro *et al.* (2012), mais do que uma transferência de práticas presenciais para o meio virtual, é necessário que sejam desenvolvidos modelos de aprendizagem *online* que sejam colaborativos e construtivos, de maneira a possibilitar sua flexibilidade de acordo com as necessidades de cada realidade.

3.3 O Professor Formador Durante a Pandemia

Os efeitos da pandemia do Covid-19, instaurada no mundo todo a partir do fim de 2019, podem ser vistos em todas as esferas da vida dos cidadãos do mundo ainda hoje. As mudanças no cotidiano de toda a população mundial foram bruscas e atingiram, até mesmo, atividades antes vistas como essenciais. De acordo com Anjos e Pereira (2021):

A pandemia causada pela covid-19 tem assombrado o planeta e dissipado milhares de vidas humanas. Além disso, toda as esferas do convívio e das relações sociais foram afetadas. A covid-19 ainda causa adoecimentos e mortes, sofrimento e inúmeras transformações sociais e econômicas e o cenário impôs a necessidade de isolamento social e distanciamento físico entre as

peças para a preservação de vidas, conforme orientação a Organização Mundial da Saúde. A circulação de pessoas foi drasticamente reduzida e, em muitas localidades, medidas de distanciamento e de isolamento físico precisaram ser impostas, inclusive com confinamento obrigatório das pessoas em suas casas. No Brasil, desde o aparecimento dos primeiros casos¹ de transmissão interna da covid-19, as atividades educacionais presenciais começaram a ser suspensas. A incerteza quanto à evolução da pandemia e a suspensão de todas as atividades nas instituições educativas têm levantado uma série de questionamentos, pressões e desafios para educadores (as), gestores (as) e outros(as) profissionais da educação, bem como para as crianças e suas famílias (ANJOS; PEREIRA, 2021, p. 3).

Nesse sentido, as atividades educacionais sofreram drásticas alterações frente à necessidade do isolamento social, necessitando de adaptações que possibilitassem a continuidade do acesso à educação sem, no entanto, a necessidade de aglomerações (ANJOS; PEREIRA, 2021). Mas, apesar dessas mudanças, Anjos e Francisco (2021) ressaltam que é importante lembrar que:

Ainda, considera-se importante a manutenção do vínculo das crianças desde bebês com as unidades educacionais, sendo que algumas iniciativas pautam-se no contato com os pais-mães/responsáveis/cuidadores das crianças, envio de material, contato em reuniões virtuais a fim de enviar e discutir sugestões de atividades educativas, indicação de como lidar com o período pandêmico em termos afetivos, emocionais e comportamentais, dentre outros aspectos (ANJOS; FRANCISCO, 2021, p. 127-128).

Apesar das vantagens trazidas pelo uso do ensino remoto, as tecnologias digitais impulsionam uma quase permanente necessidade de formação continuada dos professores, tendo em vista que nessa área a inovação acontece a todo o momento, o que por vezes propiciaria mudanças significativas nas práticas dos professores (MOREIRA; MONTEIRO, 2012).

Essa necessidade de adaptação se dá uma vez que, como citado pelos autores, o direito à educação é garantido pela Constituição Federal de 1988, mesmo que em condições adversas, como o caso atual, qual seja: o cenário pandêmico em que o país se encontra (ANJOS; PEREIRA, 2021). É nesse sentido, então, que Marques (2020) fala sobre a necessidade de inovação por parte dos professores e instituições educacionais. Segundo o autor:

As mudanças que ocorreram no processo de ensino e aprendizagem frente o atual contexto da pandemia causada pelo novo coronavírus levaram a adoção de metodologias alternativas até então não adotadas por muitos professores em seus ambientes de ensino. O que fez urgir a necessidade de inovação perante o ato de lecionar, buscando alternativas inovadoras para levar conhecimento aos seus alunos, com o intuito sobretudo de promover autonomia do estudante no seu processo de aprendizagem (MARQUES, 2020, p. 33).

Com vistas, ainda, nesse contexto, Oliveira e Souza (2020, p. 18), afirmam que “[...] a tecnologia surge como uma alternativa viável para atenuar a situação, mesmo que o aspecto tradicional seja colocado em segundo plano neste momento”. Dessa forma, a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação, por meio do uso do ensino a distância, está sendo vista como a saída mais eficaz para a manutenção do direito à educação garantido a todos os cidadãos brasileiros.

No entanto, existem diversos problemas no que se refere à implementação do ensino à distância no contexto educacional brasileiro. Problemas relacionados, dentre outros, às condições sociais, psicológicas, materiais, familiares – que podem afetar significativamente o rendimento escolar de um estudante, ou até mesmo fazer com que ele não possa ter acesso ao ensino remoto (OLIVEIRA; SOUZA, 2020).

Essa importância, dada à formação dos professores, é apresentada também por Anjos e Francisco (2021), que afirmam que grande parte dos professores não trazem consigo, da sua formação inicial, a preparação necessária para o uso pedagógico dos recursos tecnológicos, as TIC's. Nesse sentido, os autores citam a capacitação proposta por Kim (2020), que promoveu uma capacitação de forma remota para os graduandos matriculados nos cursos de licenciatura, durante a pandemia vivenciada.

Ou seja, é importante lembrar que em sua formação profissional a maioria dos professores da educação regular básica não são preparados para o uso das tecnologias, bem como para a utilização dos mecanismos que possibilitem a efetivação do ensino remoto. É nesse sentido, então, que emergencialmente os professores formadores têm trabalhado, visando possibilitar esse intermédio entre a utilização dos meios tecnológicos e os professores da rede de ensino básico.

Esse déficit na formação dos professores fica ainda mais gritante quando levados em consideração dados atualizados do Censo Escolar de 2020, que

mostram a porcentagem de professores que não tem formação nem mesmo na área em que estão atuando nas secretarias de educação. De acordo com o censo mencionado, apenas cerca de 54% dos professores de ensino médio têm formação na área em que ministram aulas. Esses dados, além de incoerentes, são preocupantes, visto que, para que a educação seja de qualidade, é necessário que os professores que a ministrem tenham o preparo devido, seja antes de entrar na comunidade escolar, ou depois, através de programas de formação continuada.

É nesse viés que Marques (2020) afirma ser pertinente aos governos a implementação de mais ações de formação continuada dos professores da rede de ensino regular, não somente em momentos de emergência, mas de forma contínua, eficaz e constante, “sobretudo no que diz respeito ao uso de tecnologias na prática docente” (MARQUES, 2020, p. 43). Essa preocupação com a formação tecnológica dos professores e capacitação para que possam utilizar as TIC's no ensino regular, independente do contexto, se dá uma vez que, segundo o autor:

É necessário que a tecnologia na Educação não seja vista como apenas um objeto ou ferramenta auxiliar no processo de ensino, mas como instrumento de intervenção na construção de uma sociedade igualitariamente democrática, capaz de produzir pensamentos críticos e intervir em certos determinantes (MARQUES, 2020, p. 35).

Essa necessidade de formação continuada dos professores fica ainda mais nítida quando levado em consideração o contexto atual do país. Frente a tantas incertezas e dificuldades, a formação dos professores para conseguir enfrentar esses desafios se faz extremamente importante. De acordo com Moran (2006):

A consistência teórica e metodológica do professor para atuar neste novo paradigma depende da proposição de formação continuada, da oportunidade de discutir com seus pares seus sucessos e suas dificuldades, e, principalmente, de momentos que contemplem a reflexão sobre a ação pedagógica que venham desencadear novos processos de atuação em sala de aula (MORAN, 2006, p. 128).

Ainda, de acordo com Moran (2006), é fundamental que se incentive a formação permanente, a pesquisa, o debate, o diálogo, a elaboração de novos trabalhos, entre diversas outras atividades que venham a contribuir com a formação e profissionalização dos professores do ensino básico do país. Nesse sentido, o autor acrescenta que: “Organizações educacionais precisam rever seus processos

de organização, flexibilizar seus currículos, adaptar-se a novas situações, formar seus docentes no gerenciamento da aprendizagem com tecnologias telemáticas” (*Ibidem*, p. 2).

Ou seja, para Moran (2006), faz-se necessário que as instituições educacionais deem mais atenção e importância para a formação dos professores da educação regular no sentido de incentivar a implantação da educação tecnológica, inclusive dentro das aulas presenciais.

Além disso, não somente durante momentos como o instaurado pela pandemia atual, mas pensando na evolução dos mecanismos utilizados na educação, é imprescindível que os professores da Educação Básica se sintam confortáveis em utilizar a tecnologia dentro de suas aulas. Isso se dá visto que, segundo Teles, citando Silva (SILVA *apud* TELES, 2015, p. 5) “Em ambientes colaborativos, o professor interage com seus estudantes tanto para esclarecer dúvidas como para indicar novas fontes de informação, certificando-se de que os membros do grupo compreenderam bem o tópico de estudo”.

Ou seja, a utilização da tecnologia no contexto escolar, por meio dos ambientes *online* de colaboração, por exemplo, é uma ferramenta fundamental não somente para a otimização do trabalho dos professores, mas para a garantia do amplo desenvolvimento dos estudantes. É nesse sentido que se percebe a importância, também, do professor formador, situado dentro dos CRTE's, na formação continuada dos docentes, não somente de forma emergencial, mas como sendo um plano contínuo de atualização dos meios de ensino utilizados nas escolas.

Essa necessidade da orientação de um professor formador fica ainda mais clara quando levado em conta a importância, segundo Teles (2015, p. 12), de que “A interface do sistema online deve ser clara, límpida e consistente, intuitiva, de alta usabilidade”. Ou seja, é necessário que as plataformas utilizadas para a manutenção da educação *online* sejam atraentes e usuais, tanto para professores quanto para alunos. É nesse sentido que se entende a importância dos professores formadores no que se refere à escolha das plataformas corretas, bem como ao suporte em sua utilização e entendimento.

Faz-se mister entender que a importância do formador, que já tenha profissionalização na área tecnológica, no contexto educacional, não se faz presente

apenas em contextos emergenciais como o instaurado pela então Covid-19 mas, pelo contrário, sua importância se mostra presente na perspectiva futura, pós-pandemia.

O sistema educacional deve abraçar uma nova pedagogia que engaje estudantes para encaminhá-los ao desenvolvimento das habilidades necessárias à sociedade do século XXI [COLLINS; HALVERSON, 2009]. Mesmo o espaço físico deve ser mudado, já não com salas de aula, mas com “laboratórios de aprendizagem” onde estudantes trabalham em grupos presenciais e online executando as tarefas escolares de forma colaborativa [PEARLMAN, 2010] (TELES, 2015, p.14).

Isso fica ainda mais nítido quando se leva em consideração o que Ferreira et. al. (2020) afirmam em seu trabalho a respeito das metamorfoses sofridas pelo processo de formação continuada dos professores. De acordo com as autoras é importante salientar que

A formação continuada de professores e o desenvolvimento profissional desses sujeitos têm sido acometidos por metamorfoses ao longo da história da educação brasileira, uma vez que, em cada momento histórico, se tem a necessidade de adequar as ações para atender ao projeto posto em determinado contexto (FERREIRA *et al.*, 2020, p. 3).

Nesse contexto, de acordo com Cardoso *et al.* (2020), percebe-se qual foi a estratégia adotada pelo ensino público no Brasil. De acordo com o autor, enquanto as instituições educacionais particulares procuraram pela inserção quase que imediata do ensino remoto, grande parte das instituições públicas investiu primeiramente na formação dos professores para o uso das tecnologias digitais para, após, dar início ao processo de utilização deste tipo de ensino e, posteriormente, do estudo híbrido.

Além disso, a pesquisa “Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil”, realizada pelo Instituto Península (2020), com 7.734 mil professores entre os dias 13 de abril e 14 de maio de 2020, chama a atenção para a importância de se levar em consideração diversas outras questões que são decorrentes do despreparo tecnológico dos professores. De acordo com a pesquisa, 83% dos professores brasileiros ainda se sentiam nada ou pouco preparados para o ensino remoto, além de que 88% afirmaram nunca terem

dado aula de forma virtual antes da pandemia. Esses dados, ainda de acordo com a pesquisa, trouxeram outros problemas como os relacionados à saúde mental dos professores, uma vez que 67% dos participantes da pesquisa afirmaram, por exemplo, terem apresentado problemas como crises de ansiedade, entre outros desafios psicológicos.

Percebe-se, então, que o professor formador, representado pelos professores dos CRTE's, procuram se empenhar no papel de mediador do conhecimento de modo que, com o auxílio das TIC's, desenvolvidas e implementadas por eles, possam possibilitar ao professor da Educação Básica um acesso mais amplo e eficaz ao conhecimento, bem como implementar essas novidades juntamente aos seus alunos, de maneira a viabilizar a adequação das ferramentas de educação, tanto aos acontecimentos da sociedade quanto às necessidades de dos educandos. Ou seja, o professor formador deve “fornecer condições para que os professores ausentes se tornem presentes” (ZUIN, 2006) durante o ensino remoto.

Além disso, percebe-se a importância do formador, no Distrito Federal, não apenas no que se refere à formação continuada dos professores, mas também frente ao combate às desigualdades no acesso à educação nesse momento em que os estudantes enfrentam um contexto escolar totalmente diferente do que estão acostumados, uma vez que, tendo em vista que os governos não têm cumprido seu dever de formação continuada e contínua dos professores, frente à necessidade de ação rápida, são os professores formadores que estão na linha de frente das ações de capacitação e preparação dos professores para a manutenção do acesso à educação por meio do ensino remoto.

Nesse interim, levando em consideração o que disse Wandscheer (2020), o qual afirmou que “o desconhecido, inevitavelmente assusta, nos desafia e nos mostra uma atualização de nossos afazeres e nossa forma de conduzir, uma nova forma de educação em tempos de Pandemia, de isolamento social” (*Ibidem*, p. 238), fica ainda mais nítida a importância do trabalho desenvolvido pelos professores formadores, por meio dos CRTE's, no contexto em questão, os quais foram responsáveis por desenvolver novas práticas para manter a formação continuada dos professores, tão necessária nesse momento, de modo a auxiliá-los no que se

refere ao uso das tecnologias digitais e os preparar para a utilização, primeiramente, do ensino remoto e, agora, do ensino híbrido.

Para a delimitação das considerações apontadas no capítulo referente ao Referencial Teórico da pesquisa, foram utilizados os pensamentos apresentados por diversos profissionais da área. Nesse sentido, com o objetivo de ser ainda mais didático, será apresentado, a seguir, um quadro informativo (Quadro 02), com as referências utilizadas no desenvolvimento do presente trabalho.

Quadro 02 – Referencial teórico

Ano	Título	Autor(es)	Periódico/Tese/ Dissertação	Base de dados
2021	Educação Infantil e Tecnologias Digitais: reflexões em tempos de pandemia	ANJOS, C.; FRANCISCO, D.	Rev. Zero à Seis	Periódicos UFSC
2021	Educação infantil em tempos de pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias	ANJOS, C.; PEREIRA, F.	Rev. Zero à Seis	Periódicos UFSC
2020	Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto	CARDOSO, C. A. <i>et al.</i>	Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal	Google Acadêmico
2020	Considerações sobre a formação docente para atuar online nos tempos da pandemia de covid-19	FERREIRA, L.; <i>et al.</i>	Rev. Docência Ens. Sup.	Google Acadêmico
2020	The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning.	HODGES C. <i>et al.</i>	Educause Review	Google Acadêmico
2020	A ressignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da COVID-19	MARQUES, R.	Rev. BOCA	Portal de Revistas da UFRR
2020	Learning and Teaching Online During Covid-19: Experiences of Student Teachers in an Early Childhood Education Practicum	KIM, J.	International Journal of Early Childhood	Google Acadêmico

Quadro 02 – Referencial teórico

Ano	Título	Autor(es)	Periódico/Tese/ Dissertação	Base de dados
2020	Ensino remoto: um caminhar de possibilidades educativas	WANDSCHEE R. K.	<i>In: MAYER et al. (Orgs.). Desafios da educação em tempos de pandemia</i>	Google Acadêmico
2019	Dificuldades para o uso da informática no ensino: percepção dos professores de matemática após 40 anos da inserção digital no contexto educacional brasileiro.	CARDOSO, M.; FIGUEIRA-SAMPAIO, A.	Educação Matemática Pesquisa	Repositório PUC-RS
2017	Tablets no Ensino Fundamental da rede municipal de Joinville: inserção de novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem	PRADO, C.	Mestrado em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias	Plataforma Sucupira
2015	Tecnologias Interativas na Aprendizagem em redes sociais on-line, na ciberarte, na cidadania.	ABREU, M.; TELES, L.	Educação Superior a Distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)	Google Acadêmico
2010	Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas	ALVARADO-PRADA, L.; FREITAS, T.; FREITAS, C.	Rev. Diálogo Educ	Periódicos PUC-PR
2010	Dimensões da aprendizagem colaborativa no design e gerenciamento de ambientes online	TELES, L.	Revista De Estudos Em Linguagem E Tecnologia	Google Acadêmico
2009	O significado da formação continuada docente	CHIMENTÃO, L.	4º CONPEF	Google Acadêmico
2009	Formação permanente do professorado: novas tendências	IMBERNÓN, F.	São Paulo: Cortez	Google Acadêmico
2007	Um software educativo de exercício-e-prática como ferramenta no processo de alfabetização infantil	MACHADO, R.	Mestrado em Engenharia Elétrica	Repositório UFU
2006	. Novas tecnologias e mediação pedagógica	MORAN, J.		Campinas-SP: Papyrus
2006	Educação a distância ou educação distante? O programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual	ZUIN, A. A. S.	Educação & Sociedade	SciELO

Quadro 02 – Referencial teórico

Ano	Título	Autor(es)	Periódico/Tese/ Dissertação	Base de dados
2002	Reflexões sobre a formação de professores	SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L.		Campinas: Papyrus
2002	Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente	BEHRENS, M. A.	In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas Tecnologias e mediação Pedagógica	Campinas: Papyrus

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

4

METODOLOGIA

Para a realização de uma pesquisa é necessário que se tenha um problema claramente formulado e objetivos bem determinados (GIL, 2002). Para isso, buscou-se, aqui, uma revisão da literatura, de modo que tenham sido analisados diversos documentos da base de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além da plataforma *Google Acadêmico* e da plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), bem como artigos de revistas conceituadas no meio acadêmico brasileiro, como a Revista Boletim de Conjuntura (BOCA), por exemplo, publicados entre 2015 a 2021. Estes trabalhos puderam nortear os argumentos e discussões acerca: da importância da tecnologia na educação; o professor formador, o ensino remoto e o papel do professor formador no que se refere ao ensino remoto durante a pandemia do Covid-19. Cabe pontuar, no entanto que, sendo esses os estudos principais a serem usados, não foram os únicos.

Para a busca dos estudos usados como base para a revisão da literatura aqui feita, foram atribuídas como palavras-chave nos dispositivos de busca, tais como *Google Acadêmico*, Plataforma Sucupira e SciELO, dentre tantas outras ferramentas disponibilizadas pelos meios digitais, as seguintes expressões: “Educação Básica”, “Professor formador”, “Covid-19 e educação”, “Formação continuada de professores”, “Tecnologia na educação”, “TCE’s e ensino remoto emergencial”. O uso dessas palavras possibilitou a filtragem de pesquisas já realizadas anteriormente ao presente estudo, proporcionando uma leitura mais detalhada e específica do conteúdo.

Segundo Gil (2002), a revisão da literatura é a parte em que são esclarecidos pressupostos teóricos que fundamentem a pesquisa, bem como as contribuições de estudos anteriores que podem proporcionar novas investigações. Essa revisão pode ser entendida, de acordo com o referido autor, como uma imersão sistemática no objeto de estudo, o que possibilita maior criatividade e coerência no momento de elaboração do problema central a ser pesquisado.

A partir da mencionada revisão pôde-se, então, analisar a questão norteadora da pesquisa, bem como seus objetivos principais e complementares. Baseados em uma hipótese que estabelece relação de dependência entre três variáveis – o papel do professor formador, a pandemia do Covid-19 e a formação continuada dos professores. Dessa forma, estabeleceu-se uma pesquisa do tipo exploratória, com o objetivo de se formular hipóteses sobre o problema colocado. Assim, foi criado o cronograma para um estudo de campo, adaptado para o meio virtual, em que é proposta a investigação no campo onde se originou o problema apontado na pesquisa, visando maior atuação do pesquisador e resultados mais fidedignos (GIL, 2002).

Como estabelecido em Gil (2002), a análise dos dados de pesquisas classificadas como estudos de campo predominantemente é feita a partir de procedimentos qualitativos. Portanto, a pesquisa aqui empreendida pode ser classificada também como sendo uma pesquisa exploratória qualitativa (GIL, 2002).

Para isso, pretendeu-se estabelecer um mecanismo de avaliação dos reais efeitos do ensino remoto no que se refere ao papel do professor formador na Educação Básica no Distrito Federal.

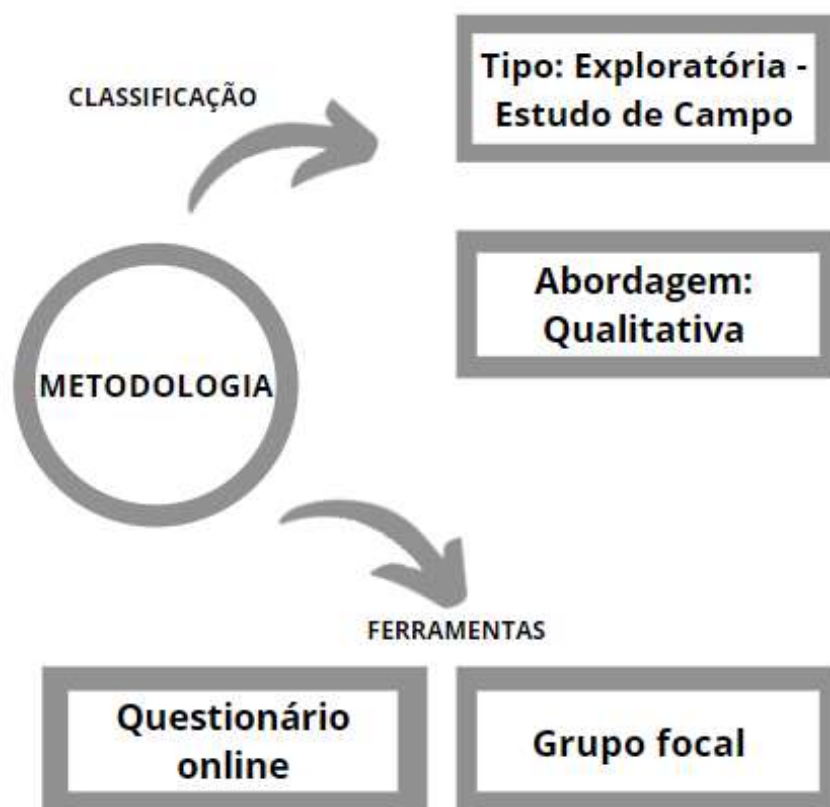
A metodologia qualitativa exploratória empregada nessa pesquisa consiste em três passos aqui descritos (Figura 03):

1. Um estudo exploratório, por meio do campo onde se insere a pesquisa, ou seja, um estudo exploratório prévio juntamente aos professores dos CRTE's, de modo a nortear as questões a serem abordadas nos próximos passos da pesquisa, tendo sido feito majoritariamente por contatos telefônicos e contatos diretos com os professores;
2. Questionário enviado aos 35 professores formadores, colaboradores dos CRTE's do DF, para obter informações do seu perfil e de sua atuação nesse

período, além de compreender os principais pontos que visam responder à questão norteadora da pesquisa;

3. Entrevistas com os professores para dirimir dúvidas que não foram esclarecidas durante a coleta de dados do questionário, por meio de um grupo focal com 6 professores.

Figura 03 – Classificação e Ferramentas de coleta de dados



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dessa forma, foram realizadas entrevistas por meio de questionários desenvolvidos através do programa *Google Forms*, Link: <https://forms.gle/S3soy8Lho59knbFd7>, de modo a investigar, a partir do contato direto com os professores dos CRTE's do Distrito Federal, quais foram as principais mudanças que ocorreram no seu cotidiano laboral, como também avaliar sua real importância frente a formação continuada dos professores da rede de ensino regular. Assim, procurou-se entender a real visão dos professores formadores no presente contexto, uma vez que “é o questionário uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade” (CHAER *et al.*, 2011, p. 260).

Nesse sentido, a coleta de dados se deu a partir de duas formas diferentes: a Análise do Discurso (AD) das perguntas respondidas pelos 35 professores convidados a participar do estudo; e, após, realizou-se uma entrevista seguindo a metodologia de grupos focais com uma parcela consideravelmente reduzida do número de professores, visando esclarecer possíveis dúvidas. Vale ressaltar que a utilização do grupo focal se deu pelo fato de que, em alguns momentos, durante a análise preliminar das respostas obtidas por meio dos questionários online, surgiram novas questões e divergências que puderam ser sanadas por meio de uma conversa direta com esses professores.

A Análise do Discurso se fez essencial, visto que a comunicação é conteúdo fundamental para a realização do estudo aqui empreendido. De acordo com Gregolin (1995), a Análise do Discurso se trata de:

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz? como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?). Ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o campo da língua (susceptível de ser estudada pela Linguística) [*sic*] e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia) (GREGOLIN, 1995, p. 17).

Ou seja, a Análise do Discurso é uma técnica metodológica aplicável a discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte. Nesse modelo metodológico o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou padrões que estão por trás das comunicações que são levadas em consideração no decorrer do estudo (GODOY, 1995). Dessa forma, percebe-se a importância da referida metodologia no presente estudo, tendo em consideração que a comunicação e a informação são as matérias principais a serem levadas em consideração, uma vez que a maior parte dos dados colhidos se dá a partir do discurso dos professores que vivenciaram a realidade em questão.

Buscar-se-á, portanto, seguir os passos a seguir destacados (Quadro 03):

Quadro 03 – Passos a serem seguidos para a realização da pesquisa

PASSO	OBJETIVO
Desenvolvimento das perguntas do questionário	Elaboração de questionário com base nas técnicas estabelecidas por Gil (2002), levando em consideração o uso de perguntas abertas de modo a não permitir influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador sobre os entrevistados.
Envio dos questionários para os professores formadores da rede de ensino do Distrito Federal	Os questionários foram enviados para os professores que tiveram determinado prazo de tempo para respondê-los.
Grupo focal	Após analisadas previamente as respostas dos professores ao questionário, foram desenvolvidas novas perguntas que foram esclarecidas em um grupo focal.
Análise dos dados	Após colhidos os dados, foi dado prosseguimento à análise destes, a partir de uma análise de discurso seguindo os parâmetros de Gregolin (1995), fazendo-se possível analisar os mais diversos discursos coletados dos professores por meio das entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A escolha da Análise do Discurso para a análise dos dados colhidos no decorrer do trabalho se deu, principalmente pelo que destacam Rocha e Deusdará (2005, p. 308), no sentido de que “a Análise de Conteúdo se define como um ‘conjunto de técnicas de análise das comunicações’ que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto”. Nesse sentido, visto que os dados colhidos no presente estudo são banhados de diversas questões adjacentes e que, para sua efetiva análise, é necessário que essas adjacências sejam levadas em consideração e, também, analisadas, a Análise do discurso acabou se mostrando uma metodologia mais abrangente e que possibilitaria um melhor entendimento dos reais desafios dos professores formadores, uma vez que a Análise do Conteúdo (AC), ainda de acordo com Rocha e Deusdará (2005), seria um modelo de abordagem muito mais “duro, rígido”.

A Análise do Discurso, em contraponto ao que foi apresentado, é uma abordagem que leva em consideração a interpretação mais subjetiva dos dados, sendo influenciada pelas percepções e interpretações do próprio pesquisador (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). Nesse sentido, percebe-se como a Análise do

Discurso se encaixa perfeitamente ao estudo aqui empreendido, uma vez que, para uma boa compreensão dos pontos apresentados pelos professores entrevistados durante o estudo, é necessário que o pesquisador leve em consideração seus conhecimentos teóricos – relacionados aos pressupostos estudados no que se refere à Educação e, assim, interprete os dados, levando em consideração não apenas a metodologia mas, também e principalmente, os contextos em que professores e pesquisadores se inserem, dado que a “ atividade de pesquisa é uma interferência do pesquisador em uma dada realidade” (*Ibidem*, p. 315).

Para resumir as principais diferenças entre a Análise do Discurso e a Análise do Conteúdo, de maneira a ficar ainda mais claro o motivo de escolha da utilização da Análise do Discurso no presente trabalho, colaciona-se, a seguir, um quadro demonstrativo que sintetiza as ideias apresentadas por Rocha e Deusdará (2005) a esse respeito (Quadro 04):

Quadro 04 – Diferenças entre análise do discurso e análise de conteúdo

	Análise de Conteúdo	Análise do Discurso
Objetivos de pesquisa	Captar um saber que está por trás da superfície textual.	Analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói.
Eu pesquisador	Espião da ordem que se propõe a desvendar a subversão escondida, leitor privilegiado por dispor de “técnicas” seguras de trabalho.	Agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para a construção de uma articulação entre linguagem e sociedade.
Concepção de texto	Véu que esconde o significado, a intenção do autor.	Materialidade do discurso.
Concepção de linguagem	Reprodução e disseminação de uma realidade a priori.	Ação no mundo.
Concepção de ciência	Instrumento neutro de verificação de uma determinada realidade.	Espaço de construção de olhares diversos sobre o mal.

Fonte: Rocha; Deusdará (2005, p. 321).

4.1 *Lócus* da Pesquisa

A pesquisa exploratória (GIL, 2002) deu-se no âmbito dos Centros de Referência em Tecnologia Educacional do Distrito Federal. De acordo com a Portaria 363 de agosto de 2017, os CRTE's têm como principal atribuição:

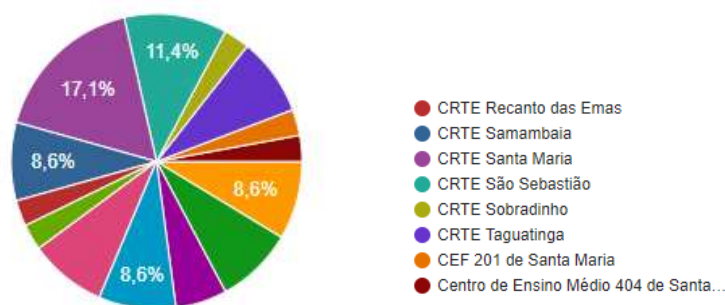
[...] contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e a operacionalização do Currículo de Educação Básica, por meio da implementação, acompanhamento e utilização pedagógica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, junto às unidades escolares da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (SEDF, 2017).

Nesse sentido, as principais atividades dos CRTE's são:

- I - Orientar, acompanhar e avaliar as atividades pedagógicas inerentes à utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC;
- II - Propor e articular formação continuada aos profissionais da Carreira Magistério Público na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC;
- III - Assessorar as unidades escolares quanto à elaboração de projetos pedagógicos na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC;
- IV - Promover o intercâmbio de experiências significativas;
- V - Sensibilizar e orientar quanto à implantação e implementação de tecnologias educacionais;
- VI - Promover a aprendizagem colaborativa por meio da utilização das tecnologias educacionais;
- VII - Apoiar e implementar as formações continuadas de projetos do Governo Federal e do Distrito Federal ou de instituições parceiras (SES-DF, 2017).

Cada RA do DF conta com um CRTE responsável por suas unidades de ensino. No entanto, para a presente pesquisa não foram abordados todos eles. O contato com os professores dos CRTE's utilizados no estudo foi realizado por meio de um contato inicial com seus coordenadores gerais a partir, principalmente, por e-mail. Nesse sentido, os CRTE's que participaram da pesquisa aqui empreendida foram aqueles que responderam ao contato positivamente aceitando participar do estudo. Sendo eles demonstrados na ilustração a seguir (Figura 04):

Figura 04 – CRTEs participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor

4.2 Instrumentos de Pesquisa

Para a realização do projeto estabelecido e para a devida coleta de dados foram necessários recursos humanos e tecnológicos, ambos sendo de grande importância para o desenvolvimento eficaz da pesquisa, de modo que esta seja realizada da melhor forma possível. Essa importância pode ser vista quando Gil (2002) diz que:

[...] mas é também muito importante o papel desempenhado pelos recursos de que dispõe o pesquisador no desenvolvimento e na qualidade dos resultados da pesquisa. Ninguém duvida de que uma organização com amplos recursos tem maior probabilidade de ser bem-sucedida num empreendimento de pesquisa que outra cujos recursos sejam deficientes (GIL, 2002, p. 18).

A partir disso, estipulou-se que seriam necessários, como parte dos recursos humanos, um grupo de professores formadores; além dos recursos tecnológicos que fazem parte da elaboração dos questionários e coleta de dados, quais sejam: um computador com acesso à internet e ao programa *Google Forms*; bem como e-mails para a comunicação direta com instituições e professores.

4.3 Cronograma

O cronograma da pesquisa será criado de acordo com os passos já pré-estabelecidos, de modo a seguir a mesma ordem de aplicação, sendo que datas e períodos foram determinados de acordo com a data efetiva de início da pesquisa.

- I - Desenvolvimento das perguntas que fariam parte do questionário de pesquisa;
- II - Envio por meio eletrônico dos questionários para os professores;
- III - Realização de entrevistas por meio do grupo focal, com um grupo menor de professores para o esclarecimento de questões que tenham ficado dúbias mesmo após a análise dos dados;
- IV - Geração de dados e quantificações a partir das informações colhidas;
- V - Análise dos dados por meio da análise do discurso;
- VI - Desenvolvimento de considerações a respeito do tema em análise.

5

DADOS PRODUZIDOS

Nesse capítulo é colocado em foco a categorização das perguntas e respostas utilizadas como base para a realização do presente trabalho. Essa categorização foi feita com base nas características da Análise do Conteúdo, conceituada por Bardin (2011) como uma técnica de análise de dados qualitativos. Nesse sentido, aqui foi utilizada uma das técnicas da AC desenvolvidas pelo autor supracitado, a qual faz parte da etapa de exploração do material.

Essa fase é o que pode ser chamada de “codificação do material” e se trata da categorização dos dados produzidos. Na codificação, deve-se realizar o recorte das unidades de registro e de contexto. As unidades de registro podem ser com base em estruturas menores como a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento ou o documento (BARDIN, 2011). Assim, as unidades de registro aqui utilizadas se foram referentes ao tema das perguntas e respostas do estudo (Quadro 05).

Quadro 05 – Categorização dos dados coletados

PROBLEMÁTICA	DIRECIONAMENTO DAS RESPOSTAS
ENSINO REMOTO X QUANTIDADE DE HORAS TRABALHADAS	Prof2 – Q. 2: <i>"...aumento considerável da minha carga de trabalho, visto que passei a atender mais pessoas [...]. Além disso, com ampliação do meu horário de trabalho, que muitas vezes se estendia até a noite".</i> Prof9 – Q. 2: <i>"O que mudou na verdade foi a quantidade da procura por nossas formações e orientações".</i>
ENSINO REMOTO X FORMAÇÃO CONTINUADA	Prof2 – Q. 9: <i>"Ofertamos cursos rápidos de ambientação da Plataforma Google, para todos os professores do DF".</i> Prof3 – Q. 9: <i>"No CRTE oferecemos cursos dos mais diversos em auxílio ao magistério, desde curso completo sobre as ferramentas Google, passando por programação básica para educação até criação de conteúdo audiovisual".</i>

Quadro 05 – Categorização dos dados coletados

PROBLEMÁTICA	DIRECIONAMENTO DAS RESPOSTAS
ENSINO REMOTO X SAÚDE FÍSICA E MENTAL DOS PROFESSORES	<p>Prof8 – Q. 2: "Aumento de trabalho, aumento de dor na coluna devido ao uso do computador, aumento do cansaço na visão devido ao uso do computador..."</p> <p>Prof4 – Q. 11: "Esse novo contexto exigiu demais de nós responsáveis pelas tecnologias nas escolas".</p>
VIDA PROFISSIONAL X VIDA PESSOAL	<p>Prof3 – Q. 2: "A adaptação de horários e rotinas em relação aos compromissos do lar..."</p> <p>Prof24 – Q. 8: "Meu celular, não é meu, meu e-mail não é meu, meu computador não é meu. É tudo da SEDF".</p>
ENSINO REMOTO X FERRAMENTAS DE TRABALHO	<p>Prof1 – Q. 3: "Utilizamos toda a estrutura do Gworkspace para atividades e encontros síncronos e assíncronos. Além disso utilizamos o Streamyard para algumas transmissões e também alguns recursos educacionais da Microsoft, como OneNote, Teams, entre outros".</p> <p>Prof2 – Q. 3: "WhatsApp, ligações telefônicas, e-mail".</p> <p>Prof6 – Q. 4: "Não. Os professores foram se adaptando aos poucos e por conta própria, custo próprio".</p>
ENSINO REMOTO X PROSPECÇÕES FUTURAS	<p>Prof4 – "Após pandemia espero que os encontros presenciais retornem com mais significância e sejam mais produtivos. Podemos dinamizar alguns encontros com os recursos aprendidos neste período de pandemia, mas para complementação".</p> <p>Prof6 – "Após a pandemia entendo que o ensino híbrido atende melhor pois tem o momento da aula presencial em que o aluno está fora do contexto da casa dele e desse modo ele pode dedicar-se melhor nas aulas".</p> <p>ProfG2 – "Aprimorar a docência sim. E qual vai ser o futuro, a forma como a docência vai existir, isso também é algo que a gente ainda estará presenciando".</p>
DESVALORIZAÇÃO X VALORIZAÇÃO	<p>ProfG6 – "Do meu ponto de vista, com certeza. Porque eu lembro que a gente dava os cursos e eu sempre perguntava: "Alguém já ouviu falar do CRTE, alguém sabe o que é?" E ninguém sabia, geralmente. Assim, 99% não sabia nem o que era aquilo. Depois, por causa da pandemia, que tivemos que dar as oficinas e, principalmente indo atrás dos e-mails, porque muita gente não sabia qual era o e-mail institucional e não sei o quê... Aí vieram atrás de gente, colocaram a gente como referência para isso. E, aí sim, passaram a saber da nossa existência, o que fazemos. Então assim, com certeza a pandemia trouxe esse reconhecimento muito maior para os CRTE's".</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

6

ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Gregolim (1995), todos os textos que constituem as relações sociais existem por meio do discurso. É o discurso que torna real, estruturalmente, as narrativas empregadas. Nesse sentido, através da Análise do Discurso é possível que se faça uma análise interna do texto, realizando seu diálogo com o exterior que o influencia. Ou seja, quando se analisa o texto, por meio da AD (Figura 04), se analisa diretamente e inevitavelmente sua relação com a situação social que o criou.

Chouliaraki e Fairclough (1999) defendem que ao se utilizar da Análise Crítica do Discurso (ACD) é necessário que se tenha uma visão de língua como um elemento integrante do processo social material. Ou seja, o discurso não pode estar separado daquilo que é compreendido como sociedade e deve ser analisado levando todo o contexto de inserção em consideração. Assim, de acordo com Fairclough (2012):

A ACD é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas (FAIRCLOUGH, 2012, p. 309).

Nesse sentido, dada a pandemia instaurada no mundo a partir do final de 2019 (ANJOS; PEREIRA, 2021), percebe-se que o contexto a ser estudado na presente pesquisa se trata, para além de uma questão que envolva o contexto educacional, majoritariamente, de uma questão social. Ou seja, os impactos da

pandemia no contexto educacional, devem ser analisados levando-se em consideração os impactos sociais envolvidos, uma vez que a comunidade escolar, antes de tudo, é composta por indivíduos que, para compor a sociedade em que estão inseridos, trazem consigo questões individuais e coletivas, que influenciam diretamente a vida acadêmica (Figura 05).

Figura 05 – Análise do discurso



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dessa forma, para que a ADC se dê por completo, é necessário que se sigam algumas etapas, sendo a primeira delas o entendimento e ênfase ao problema social em questão – no caso, as mudanças bruscas nas atividades dos professores formadores durante a pandemia. Em seguida, faz-se necessário observar quais são os obstáculos envolvidos nesse problema, tais como a falta de recursos, o excesso de carga de trabalho, entre outros apontados pelos professores. Em seguida, deve-se procurar formas de superar os obstáculos e, seguindo essa linha teórica, refletir criticamente sobre a análise como um todo (FAIRCLOUGH, 2012) (Figura 05).

Assim, o presente capítulo tem como objetivo principal realizar, principalmente, a última parte do processo, qual seja: Refletir criticamente sobre a problemática aqui desenvolvida e discutida, de modo a compreender detalhadamente o problema e, assim, possibilitar a reflexão a respeito de formas de resolução para os obstáculos encontrados (Figura 06).

Figura 06 – Os desafios enfrentados no ensino remoto durante a pandemia



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

É nesse interím que se insere a pesquisa aqui empreendida, com o objetivo principal de entender quais são as principais adaptações na prática pedagógica desenvolvidas pelos professores formadores frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's. Esse interesse se dá, principalmente, devido as dificuldades enfrentadas, sobretudo, na educação pública por parte dos professores que, despreparados, tiveram que se adaptar às pressas aos novos modelos educacionais utilizados no período pandêmico.

A preparação dos professores para o uso das TIC's no Distrito Federal, por exemplo, se dá, majoritariamente, por meio de cursos e oficinas desenvolvidos e operacionalizados por meio dos CRTE's e dos professores formadores que os compõem, impulsionados por projetos como o ProInfo, tendo como objetivo "Proporcionar a inclusão digital de professores, gestores de escolas públicas da educação básica e a comunidade escolar em geral" (BRASIL, 2018, s/p.).

Ou seja, o trabalho dos professores formadores, na formação continuada dos professores da Educação Básica, no que se refere à inserção das tecnologias no contexto educacional não é uma questão recente, sendo pensada e viabilizada em diversos contextos desde momentos muito anteriores ao cenário atual. No entanto, em contextos anteriores, as formações eram colocadas em prática sem a interferência de um vírus mortal, como se deu no contexto em análise. Nesse sentido, são os problemas decorrentes dessa interferência e as adaptações criadas pelos professores formadores para manter os programas de formação continuada que foram objeto de análise da presente pesquisa, a partir de dados coletados por meio de questionário virtual enviado a 35 professores dos CRTE's do Distrito Federal.

6.1 Problemática: Ensino Remoto X Quantidade de Horas Trabalhadas

De acordo com o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF)¹, uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG), intitulada "Trabalho docente em tempos de pandemia", realizada com 15.654

¹ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/para-82-dos-professores-trabalho-remoto-traz-aumento-da-jornada-de-trabalho/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

professores, mostrou que o aumento da jornada de trabalho, sem nenhuma remuneração adicional por isso, é um dos principais pontos de reclamação elencados pela categoria a partir da realização de trabalho remoto. Essa realidade afetou professores das mais diversas áreas da educação, inclusive os professores formadores, os quais são o foco do presente estudo.

Nesse sentido, na pesquisa realizada, os professores foram questionados a respeito de diversos pontos que permeiam a problemática central da pesquisa. Quando perguntados a respeito das principais mudanças decorrentes do momento em questão, em relação ao seu trabalho, a maioria dos professores relatou um aumento efetivo na quantidade de horas de trabalho, devido a maior busca pelas formações oferecidas.

A partir de respostas como a do Prof5² que afirma que “*Tudo ficou urgente*”, ou do professor 8 que diz perceber um “*aumento de dor na coluna*”, pode-se perceber um certo descontentamento dos professores em relação ao modo como seu trabalho se deu no contexto pandêmico. O que fica ainda mais nítido quando levado em consideração, por exemplo, o comentário do professor 34, que traz a ideia de que o “*trabalho ficou infinito*”. Ademais, o excesso de demanda que acometeu os professores foi um desafio muito grande e que, muitas vezes, proporcionou desorganizações e dificuldades maiores, como salientado pelo Professor 20, que lembra que o primeiro maior desafio “*foi organizar o excesso de demandas, não só em relação às formações como também em relação ao trabalho no Google ADM, no auxílio à UNIEB/CRE, nas demandas ímpares das escolas, bem como auxílio diário para o uso da plataforma sala Google Sala de Aula*”.

Mediante tudo isso, o aumento da rotina de trabalho foi inevitável, de acordo com o Prof35:

“[...] passamos a cumprir uma jornada de trabalho bem mais extensa ao receber questionamentos dos alunos fora o horário de trabalho ou nos fins de semana e feriado, para a SEDF a recomendação era não responder fora do seu horário de trabalho, mas isso, na prática, não foi possível, já que nossa jornada de trabalho se confundiu com nossa vida privada, se dizer que, muitos colegas respondiam aos estudantes fora do horário de trabalho, por saber que do outro lado havia uma pessoa cheio de angustias, assim como ele”.

² Os professores serão assim nomeados para que suas identidades sejam preservadas.

De acordo com o Prof2, esse aumento da demanda de trabalho se deu, em grande parte, pela necessidade de os professores compreenderem as necessidades daqueles que buscavam as formações. Ou seja, como eram demandas urgentes e que influenciariam urgentemente o trabalho daqueles que procuravam por ajuda, muitas vezes os horários se estendiam e não cumpriam com a carga horária habitual. É o que se pode ver em: *“passei a atender mais pessoas e de forma individual e com demandas bem variadas. Além disso, com ampliação do meu horário de trabalho, que muitas vezes se estendia até a noite”*.

Além disso, o Prof11 lembra que *“como tudo que é novo dá trabalho, muita gente ainda não tinha noções do que é trabalhar remotamente, aí as dificuldades apareceram”*, o que remete a outra questão. Dado o contexto de pandemia, os cenários eram desconhecidos por todos, então os professores formadores, que teoricamente deveriam mostrar para os outros professores os caminhos a se seguir, muitas vezes também tinham suas dificuldades em relação ao desconhecido, fazendo com que, para além da carga horária demandada para as formações e cursos, os professores dispendessem muito mais tempo com preparações e atualizações constantes diante dos novos cenários e de constantes mudanças.

A pesquisa realizada pelo Gestrado-UFMG, mencionada anteriormente, aponta que cerca de 89% dos professores da educação básica entrevistados tinham pouca ou nenhuma experiência anterior em educação à distância, e que menos de 30% dos entrevistados considera fácil ou muito fácil o uso das tecnologias digitais. Essa realidade mostra a importância dos professores formadores no contexto da pandemia, uma vez que, partindo desse desconhecimento por parte dos professores da Educação Básica, percebe-se a importância dos cursos e oficinas de formação continuada oferecidos, no contexto do Distrito Federal, pelos CRTE's, o que deixa evidente como a busca por essas formações aumentaram drasticamente durante a pandemia, intensificando, conseqüentemente, a carga horária dos professores formadores dos CRTE's.

Pompe (2020), concordado com a realidade mencionada, afirma que:

O trabalho dos professores foi dos mais afetados pelas imposições de isolamento social devido à pandemia. Foram colocados novos desafios, como organizar espaço em casa para preparar aulas e materiais (livros, cadernos, computador, utilitários a serem utilizados no ensino etc.). A rotina diária teve que ser reorganizada, reservado

horário para planejamento, conhecimento dos aplicativos, tecnologia e preparo de aulas online e estudo, atividades acrescentadas às exigências familiares e domésticas (POMPE, 2020, s/p.).

Ou seja, para além de todas as preocupações relacionadas à didática do trabalho docente e todas as atribuições decorrentes disso, é necessário que os professores se preocupem com o contexto que envolve as questões sociais em que o mundo está inserido, o que impõe a todos uma reorganização drástica do cotidiano e motivos para se preocupar consigo mesmos, no que se diz respeito à saúde, por exemplo, além de várias incertezas e instabilidades quanto aos seus trabalhos. Todas essas preocupações e mudanças demandam muito tempo, o que, mais uma vez, mostra o quanto a carga horária dos professores foi afetada e aumentada pelas novas realidades decorrentes do ensino remoto (CANDIDO; GUEDES, 2020).

De acordo com Candido e Guedes (2020):

De uma hora para outra, muitos professores que nunca tiveram contato com vídeo aula, tiveram que se adaptar a uma realidade totalmente nova, com exigências ainda maiores dos seus empregadores, sem qualquer planejamento e em curtíssimo espaço de tempo (CANDIDO; GUEDES, 2020, s/p.).

Em decorrência disso, era de se esperar que esses professores procurassem por ajuda de alguma forma. No Distrito Federal, a busca por ajuda, por parte dos professores da Educação Básica, se deu de maneira que se colocaram na posição de estudantes, procurando orientação e especialização por meio dos cursos de formação continuada, bem como oficinas e atividades, ofertados pelos CRTes. Essa busca por ajuda, de forma repentina e aglomerada, foi o que proporcionou, então esse aumento esdrúxulo da carga horária dos professores, de maneira a ser um dos principais pontos no que se refere às problemáticas que envolvem a utilização do ensino remoto como forma de manutenção do acesso à educação durante a pandemia.

6.2 Problemática: Ensino Remoto X Formação Continuada

Como visto anteriormente, a necessidade do apoio por parte dos professores formadores em relação aos professores da educação básica, nesse

período de pandemia, se mostrou muito maior, aumentando a procura por suas formações e cursos. Apesar disso, os programas de formação continuada oferecidos pelos CRTE's acontecem desde antes dessa nova realidade. De acordo com o Prof3 *“No CRTE oferecemos cursos dos mais diversos em auxílio ao magistério, desde curso completo sobre as ferramentas Google, passando por programação básica para educação até criação de conteúdo audiovisual”*. Já o Prof1 lista como sendo os principais auxílios prestados pelos profissionais dos CRTE's os seguintes:

- “I - Orientar, acompanhar e avaliar as atividades pedagógicas inerentes à utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC;*
- II - Propor e articular formação continuada aos profissionais da Carreira Magistério Público na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC;*
- III - Assessorar as unidades escolares quanto à elaboração de projetos pedagógicos na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC;*
- IV - Promover o intercâmbio de experiências significativas;*
- V - Sensibilizar e orientar quanto à implantação e implementação de tecnologias educacionais;*
- VI - Promover a aprendizagem colaborativa por meio da utilização das tecnologias educacionais;*
- VII - Apoiar e implementar as formações continuadas de projetos do Governo Federal e do Distrito Federal ou de instituições parceiras.*
- VIII- Os cursos ofertados pelos CRTEs: Gworkspace, Uso de ferramentas digitais, Scratch, App inventor, robótica, dentre outros”*.

De acordo com o Prof9:

“Os CRTE's estão em atividade nas 14 regionais desde 2010, nos anos anteriores funcionavam em pólos que agregavam o atendimento aos professores dessas regionais, subsidiados pela parceria com o MEC no programa ProInfo criado em 1997, e equipou vários laboratórios de informática em todo o Brasil. A EAPE sempre aceitou projetos de cursos autorais dos CRTE's e certificou os professores cursistas em várias formações. Essas ações foram de grande valia para o enfrentamento à pandemia, já que muitos dos ex cursistas hoje estão em gestão de escola, supervisão e coordenação pedagógica, e com as aprendizagens e abordagens que já possuíam puderam ser protagonistas nas ações que precisaram ser tomadas, dada a necessidade e urgência de se começar a trabalhar com a educação mediada por tecnologias”.

Ou seja, nesse sentido, percebe-se que o papel dos professores dos CRTE's, mesmo antes do contexto atual, estava majoritariamente voltado para a formação continuada dos professores da Secretaria de Educação do DF, o que, de acordo com Moran (2006), é de extrema importância, visto que a evolução da educação e sua atualização dependem da formação continuada eficaz dos professores da Educação Básica. Nesse contexto, os professores dos CRTE's desenvolvem, desde sua criação, oficinas e atividades destinadas a capacitar os professores no sentido de utilizarem cada vez mais as tecnologias da informação e seus recursos no ambiente escolar. Essa capacitação se fez ainda mais necessária e urgente no contexto pandêmico, onde as atividades educacionais se deram quase que exclusivamente de forma virtual e à distância.

A importância da formação continuada dos professores se mostra ainda mais latente quando levado em consideração o que foi dito por Libâneo, quando afirma que

É no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz sua profissionalidade. Esta é hoje a idéia-chave [sic] do conceito de formação continuada. Colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve saberes e as competências do ensinar, mediante um processo ao mesmo tempo individual e coletivo (LIBÂNEO, 2004, p. 34-35).

Ou seja, a formação continuada, mesmo em um momento como o enfrentado, no qual se insere a pandemia do Covid-19, uma vez que é através desse movimento de atualização e familiarização dos professores com a realidade que os envolve que se torna possível capacitar os docentes para enfrentar qualquer cenário adverso que venha a assolar o contexto educacional do país, os ajudando a desenvolver, na prática, ferramentas de manutenção e de otimização da educação.

Nesse sentido, é perceptível que o trabalho formativo desenvolvido pelos professores dos CRTE's surtiu muito efeito. De acordo com o Prof5 *“Acho que todos estão colocando em prática nas suas vidas profissionais e alguns estão fazendo um trabalho realmente eficiente e criativo”*. Ou seja, apesar das dificuldades, e mesmo que não tenham absorvido por completo os conteúdos ministrados, os professores da Educação Básica do DF, em sua maioria auxiliados pelos professores formadores, têm conseguido colocar em prática recursos tecnológicos responsáveis

por auxiliar a manutenção do acesso das crianças à educação, tanto no ensino remoto quanto agora, no ensino híbrido.

De acordo com o Prof2:

“Muitos ainda têm dificuldades. Muitos ainda têm resistência ao uso de tecnologias para ministrar conteúdos. Algumas dificuldades foram sanadas, outras estão em processo de mudança. As principais dificuldades relatadas são relacionadas às condições dos alunos que não tem os recursos necessários para receber o ensino remoto de forma satisfatória. Faltam dispositivos e falta sinal de Internet, dentre outras coisas”.

É por isso que, de acordo com o Prof21, a falta de contato entre o professor formador e os professores-alunos ainda é um fator que faz com que muitos deles apresentem dificuldades na implementação dos recursos. Segundo o professor *“Eles apresentam dificuldade para colocar em prática, pois ficam com medo de fazer ligações novas, sem a presença física do formador”.* Ou seja, ainda existe a necessidade de um contato mais pessoal entre os formadores e os cursistas.

Nesse interim, diante dos inúmeros desafios apresentados no decorrer da presente pesquisa, percebe-se que a falta de investimentos prévios e a urgência na preparação desses professores foram fatores que contribuíram de forma negativa para que as formações ministradas durante o período pandêmico tivessem de enfrentar diversas dificuldades, de modo que muitos professores, mesmo após as formações e cursos, ainda apresentassem dificuldades.

Apesar disso, de acordo com o Prof35, as principais dificuldades para a operacionalização do que foi aprendido nos cursos ainda se encontram na falta de recursos:

“As dificuldades estão mais ligadas aos meios do que aos conhecimentos adquiridos no curso, pois, todos tiveram que se reinventar e se atualizar tecnologicamente e muitas vezes o professor não tem dinheiro para isso, ou seus alunos não possuem conectividade o que gerou um retrabalho para os professores, que tiveram que preparar material para os alunos da plataforma online e para os que precisaram do material impresso”.

Ou seja, o investimento nas tecnologias e na educação é a ferramenta fundamental para a evolução de forma eficaz e natural da educação brasileira.

Dado que um dos principais problemas enfrentados pelos professores, principalmente nesse momento, foi a falta de investimentos, os professores dos CRTE's afirmam que, a exemplo do que diz o Prof1, *“O maior desafio foi a falta de gestão, estruturação e planejamento, para todos nós acredito que foi traumático”*. Apesar disso, de acordo ainda com o Prof1 *“O futuro pós pandêmico acreditamos que a tecnologia educacional estará mais presente nas práticas pedagógicas”*. Nesse mesmo sentido, o Prof2, lembra que *“Sempre houveram desafios. A diferença é que nesse período de pandemia eles vieram em avalanche: muitos, variados e de uma vez só. O enfrentamento foi necessário e com as condições que tínhamos no momento, sem um tempo para nos preparar”*. Ou seja, as mudanças e dificuldades no contexto educacional sempre existiram, no entanto, agora elas vieram acompanhadas de um novo elemento: a surpresa. Todos os integrantes das comunidades acadêmicas se viram surpreendidos por uma “avalanche” de mudanças, o que fez com que a reação a elas fosse muito mais complicada.

Apesar dos problemas colacionados, de acordo com o Prof5:

“Foi fundamental a rede de apoio dos CRTE's, quando tínhamos dúvidas, problemas que não conhecíamos, panes que desconhecíamos e falta de acesso ao super usuário, explicávamos nos grupos de tecnologia nossos problemas e raramente não obtínhamos uma solução e assim era com os professores das escolas, avisávamos que já tínhamos solicitado ajuda e eles aguardavam com toda paciência e respeito. Fiz muitos amigos nesse contexto, gente que só vou conhecer nos presencial quando tudo isso passar, mas que sabem que podem contar conosco”.

Assim como no presencial, nas modalidades à distância, o ensino ainda passa por desafios diários, como salientado pelo Prof6, que lembra que:

“Os desafios são diários, pois enfrentamos dificuldades com conexões, com acessos e disponibilidades dos professores para desenvolver as atividades propostas. Muitos têm uma sobrecarga de trabalho e essa interliga com seus afazeres domésticos e com isso interfere diretamente no envolvimento ou não nas suas atividades como cursistas”.

Além disso, a pressão psicológica e o cansaço mental foram fatores decisivos no que se diz a respeito às dificuldades enfrentadas pelos professores formadores. De acordo com o Prof9:

“As expectativas sobre nosso trabalho foram colocadas no nível máximo, já que nos enxergavam como pessoas capazes de trazer soluções para os anseios dos professores regentes, o que foi comprovado pela forma que conseguimos acalmar os gestores que conseqüentemente puderam encaminhar as ações nas suas escolas”.

No entanto, apesar de todos esses desafios, as perspectivas são boas, visto que, por mais que tenha sido considerado difícil, os professores dos CRTE's conseguiram desenvolver um trabalho louvável, auxiliando os professores e dando o suporte necessário para manter suas atividades em dia. E é por isso que professores como o Prof20 trazem consigo esperanças futuras, em suas palavras: *“A perspectiva é que a utilização das ferramentas digitais sejam uma constante na vida pós pandemia, e que sejam valorizados os profissionais da área de tecnologias”*. Ou seja, como balanço tira-se que, apesar das dificuldades, da falta de investimento e planejamento por parte da Administração Pública, os professores formadores conseguiram desenvolver com maestria seu trabalho desenvolvendo novas metodologias de ensino e doando grande parte de seu tempo em prol da manutenção do acesso à educação.

6.3 Problemática: Ensino Remoto X Saúde Física e Mental dos Professores

De acordo com Vianna e Ferreira (2018, p. 111), “Os investimentos em educação on-line [*sic*] crescem em diversos países para atender às necessidades do mundo contemporâneo, que sinalizam para práticas pedagógicas coerentes com as necessidades atuais”. Com a pandemia do Covid-19, a educação *online* foi apresentada como sendo a solução para o distanciamento social, no entanto, os desafios enfrentados pelos professores aumentaram consideravelmente.

Para os alunos e professores, as salas de aula foram substituídas por escritórios, quartos ou qualquer outra parte de suas residências. Com a implementação do distanciamento social como medida de contenção do vírus, as dificuldades aumentam ainda mais, dada a falta de recursos para lecionar; sobrecarga de trabalho – devido aos alunos precisarem de atendimentos nas redes sociais, por exemplo, mesmo após o expediente; juntamente com o uso excessivo de telas e, em muitos casos, a dificuldade do uso de plataformas digitais, além das

dificuldades financeiras enfrentadas pela maioria das famílias nesse período tão complicado.

É nesse sentido, então, que fica latente a necessidade de se levar em consideração as condições sociais, psicológicas, materiais, familiares, entre tantos outros fatores que podem afetar significativamente o rendimento (OLIVEIRA; SOUZA, 2020) tanto dos professores que buscam as formações e orientações, como dos professores formadores que trabalham nesse objetivo, nos CRTE's do Distrito Federal.

Um exemplo dessa preocupação é tema o abordado por uma pesquisa do Instituto TIM (2021), por meio do projeto “*O círculo da matemática no Brasil*”, que constatou que 78% dos docentes apresentaram problemas de insônia ou excesso de sono, a partir do início dos trabalhos remotos. Ou seja, percebe-se que o trabalho em casa, apesar de ser visto como indiferente por alguns profissionais, afetou significativamente a saúde dos professores no que diz respeito à saúde física, como a dor nas costas ou o sono desregulado, mas também no que diz respeito à saúde mental desses profissionais.

A questão da saúde mental é ainda mais delicada quando levado em consideração o fato de que 66,8% dos professores passou pelo luto durante o período das aulas remotas, por perdas de parentes ou conhecidos devido à Covid-19 (TIM, 2021). Apesar de a pesquisa do Instituto TIM ter sido realizada com professores de diversos níveis educacionais, é possível se tirar uma ideia da realidade de todos os professores do país, independente do ramo em que atuam. Além disso, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Península (2020), 91% dos professores entrevistados afirmam estar um pouco, muito ou extremamente preocupados com o estado de sua saúde física e mental, em decorrência das mudanças acarretadas com as novas modalidades de ensino.

Como se não bastassem os problemas relacionados ao bem-estar do professor, 58% dos professores afirmam não ter condições ideais para trabalhar em casa por conta de interrupções e barulhos, por exemplo. Esse problema é exemplificado, no presente estudo, pela fala do Prof3, que afirma ter tido dificuldades para adaptar sua rotina em relação “*aos compromissos do lar*”, ou do Prof17, que diz

ter dificuldade frente ao fato de “*ter que trabalhar em casa, sem as mesmas condições de mobiliário do ambiente do trabalho*”.

Nesse sentido, o Portal PEBMed³, em artigo publicado eletronicamente em 2020 afirma que:

A quarentena em adultos geralmente tem efeitos psicológicos negativos, como confusão, raiva e sofrimento pós-traumático. A duração da quarentena, medos de infecção, tédio, frustração, falta de suprimentos necessários, falta de informação, perda financeira e estigma parecem aumentar o risco de resultados psicológicos negativos (PEBMED, 2020).

Além disso, é possível que os adultos desenvolvam quadros de ansiedade, frente ao medo de contágio e de perda de renda etc.; e depressão, devido ao sentimento de solidão, decorrente do isolamento social, por exemplo, (PEBMED, 2020). Esse sentimento de solidão que afeta os indivíduos pode ser percebido nas falas dos Prof11 e Prof28 que afirmam ter sofrido, respectivamente com “*fato de perder o contato*” e “*falta de contato com alunos e colegas*”. Além disso, de acordo com o Prof8, uma das principais mudanças decorrentes da utilização do ensino remoto como meio de manutenção do acesso à educação foi o “*aumento de trabalho, aumento de dor na coluna devido ao uso do computador, aumento do cansaço na visão devido ao uso do computador*”.

De acordo com ProfG5, “*Estava tudo misturado. Então, assim, tivemos muitos professores entrando de atestado por conta disso*”, ou seja, o fato de diversas mudanças terem acontecido tão repentinamente, foi absorvido de formas diferentes pelos professores, de maneira que muitos tiveram dificuldades no que diz respeito à adaptação do ensino presencial para o ensino remoto, afetando não somente seu trabalho, como também sua saúde, o que possibilitou esse cenário do aumento do número de atestados e afastamentos. Percebe-se, portanto, que apesar de ser uma alternativa para a manutenção dos trabalhos e para a efetivação da formação dos professores, e a despeito do contexto pandêmico, o formato de trabalho totalmente remoto, na maioria dos casos, significou prejuízo aos professores e novos desafios aos professores formadores dos CRTE’s do Distrito Federal.

³ A PEBMED foi fundada por três estudantes de medicina da UFF em 2012, trazendo as iniciais dos nomes deles: Pedro, Eduardo e Bruno (PAIVA, 2021).

Ademais, a falta de contato humano influencia drasticamente a manutenção da saúde mental dos professores, de maneira estável, uma vez que, de acordo com o Prof29 “*a falta de contato humano traz desânimo e dificulta o compartilhamento de ideias*”. Isso se dá principalmente pelo fato de que:

A manutenção dos relacionamentos familiares, sociais e afetivos, e as trocas interpessoais são essenciais para o bem-estar e a qualidade de vida de pessoas de todas as idades. A mudança repentina que gerou essa dificuldade de convívio social afetou as emoções, trouxe insegurança, medo, frustração e angústia.

Nesse contexto, manter a interação social, mesmo a distância, pode ser a chave para driblar os efeitos negativos da quarentena, visto que esse cenário contribui para a prevalência de efeitos psicológicos negativos. Os mais evidentes são os transtornos de humor, estresse excessivo, ansiedade patológica, irritabilidade, medo e insônia (HOSPITAL SANTA MÔNICA, 2020).

Apesar disso, alguns professores apresentaram pontos positivos decorrentes da implantação do trabalho remoto. Exemplo disso é o Prof8, que afirma que apesar dos problemas acarretados a partir do trabalho remoto, houve a “*diminuição do estresse causado por conversa excessiva de estudantes durante as explicações*”, o que poderia ser considerado um ponto positivo, além do que foi apontado pelo Prof18, que mostra ter interesse pelo fato de ter que “*aprender coisas novas*”, ou o Prof26, que salientou o fato de que “*a locomoção ficou menor*”.

Além disso, de acordo com o ProfG2, “*a gente teve benefícios muito grandes com essas tecnologias da educação*”, ou seja, apesar das grandes dificuldades enfrentadas nesse período, alguns dos professores envolvidos no ensino à distância percebem que as ferramentas desenvolvidas nesse período, como solução para as demandas que foram surgindo, são um ganho enorme para o contexto educacional do país, ampliando as possibilidades e viabilizando a preparação dos professores para situações que venham a acontecer no futuro. Essas prospecções futuras e positivas não diminuem o fato de que o trabalho desenvolvido durante a pandemia “*Foi muito puxado e muito cansativo*”, como afirmou o Prof5.

6.4 Problemática: Vida Profissional X Vida Pessoal

De acordo com pesquisa desenvolvida pela Oracle juntamente à *Workplace Intelligence*⁴, realizada em 2021 com 14,6 mil profissionais de 13 países diferentes, no que se refere ao trabalho, houve um salto de 218% no número de pessoas que diz ter perdido, durante a pandemia, o controle de sua vida profissional. Além disso, os participantes brasileiros do estudo afirmaram considerar que o ano de 2021 foi muito mais estressante que o ano anterior, de modo que 47% dos entrevistados afirmarem ter tido de lidar com os reflexos do desequilíbrio da saúde mental no trabalho de forma mais frequente esse ano do que no ano de 2020.

Essa dificuldade de controle da vida profissional, em detrimento da vida pessoal, é muito perceptível quando levados em consideração os dados colhidos na presente pesquisa. É o que fica claro quando se lê, por exemplo, o que o Prof24 afirma quando diz que *“Meu celular, não é meu, meu e-mail não é meu, meu computador não é meu. É tudo da SEDF”*. Ou seja, ter o controle e separar a vida pessoal da vida profissional acabou se tornando uma atividade muito difícil para todos os profissionais, principalmente para os professores.

Essa dificuldade se dá, principalmente, pela falta de investimento nas ferramentas necessárias para que os professores trabalhem confortavelmente. Segundo o ProfG2, uma das principais dificuldades da nova jornada, como dito, é a questão do espaço de trabalho. De acordo com o professor *“Isso passa pela estrutura física né. Desde equipamento, mobiliários, espaços, espaço físico e passa também pelo conhecimento dessas ferramentas”*.

Ou seja, sem ter um espaço destinado para o trabalho, o professor carece de instrumentos ideais para realizar suas atividades. Dessa forma, o trabalho fica muito mais difícil, prejudicando não somente a vida profissional do professor, como também sua vida pessoal, uma vez que o novo local de trabalho se situa dentro de casa. Isso perpassa, também, pelos professores que buscam os cursos de formação continuada oferecidos pelos professores dos CRTE's, uma vez que, de acordo com o Prof11 *“Os principais desafios hoje para os cursistas é a questão de organização do tempo de trabalho, que está misturado com o tempo das coisas de casa. A escola*

⁴ Disponível em: <https://exame.com/pop/falta-de-controle-na-vida-pessoal-do-brasileiro-salta-300-mostra-estudo/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

está exigindo muito do professor, e com isso muitos estão assoberbados de tarefas da escola, o que também acaba atrapalhando para se concentrar nas formações”.

A dificuldade em separar suas vidas profissionais de suas vidas pessoais se dá, principalmente, pelo fato de a carga horária dos professores ter aumentado de forma drástica, sem as ferramentas necessárias para suprir essa nova demanda. É o que se percebe quando o ProfG5 diz, de forma incisiva, que apesar de estarem em casa, o fazer laboral não se torna, de forma alguma, mais confortável. Em suas palavras:

“Mas pelo contrário, o ambiente de casa é o ambiente de casa. Muitos têm filhos, o menino pula no pescoço quer atenção, a mulher está fazendo comida... ou então você precisa fazer algumas outras coisas. Então fica assim, boa parte... O meu caso, por exemplo: eu tenho duas crianças pequenas, então aquela história: ‘Meu pai está aqui, minha mãe está aqui, ótimo, vou conseguir minha atenção’. Só que não. Se a gente não sai daquele ambiente ali, vamos supor na sala, se você não vai para o quarto e se tranca para trabalhar de fato, não tem produção nenhuma. Não tem ganho nenhum para falar a verdade. É até pior. Piora a situação e o ambiente acaba te confundindo e te acomodando, digamos”.

Concordando com isso, o ProfG2 afirma que *“A gente perde produtividade, a gente perde a capacidade de aprimoramento, a gente perde um avanço enorme. Não só da educação, mas, também, social por conta de não termos os recursos que possibilitam a gente trabalhar com a realidade de hoje”* – ilustrando ainda mais a dificuldade que os professores enfrentam em separar suas vidas pessoais e profissionais.

Além desses tantos problemas, os professores-formadores ainda tomam para si as particularidades de cada um dos professores-alunos, no decorrer das oficinas, uma vez que precisam desenvolver metodologias e meios de se adequar a cada um dos alunos. Um exemplo disso é o que diz o Prof5, quando conta que reserva *“uma hora por semana para atender uma única professora que tem fobia de tecnologia e se sente profundamente insultada pela obrigatoriedade de atuar de modo virtual”*. Ou seja, além da sua carga horária normal, os professores acabam se imbuindo de ainda mais demandas por conta da realidade de cada um de seus colegas.

É nesse sentido que o ProfG5 mostra sua preocupação em refutar aqueles que pensam ser fácil ministrar aulas de casa. De acordo com o ProfG5, muitos pensam que:

“[se] ‘Você deu sua aula numa quinta-feira, por exemplo, e está de boa o resto da semana’. Não, não estamos. Temos que planejar, temos que corrigir trabalhos que são muitos, na verdade. Sem falar que a linguagem de aulas para professores, os professores agem exatamente como os seus alunos: procuram no sábado de noite, no domingo em horário de almoço: ‘Eu estou com tal dúvida assim’ – então assim, dificilmente eu vejo um colega negando isso, uma resposta”.

De acordo com o professor, isso não significa que antes da pandemia, os professores não levavam demandas para casa, no entanto, a quantidade era efetivamente menor. Anteriormente, os alunos não tinham, por exemplo, os telefones pessoais dos professores, de maneira que apenas entravam em contato no ambiente de trabalho, tendo em vista que *“Em sala de aula você cumpriu o seu horário, vai embora”* (ProfG5). Atualmente, mesmo depois da aula, o professor permanece *“na sala de aula”*, pois os professores-alunos possuem seus telefones pessoais, e-mails pessoais e diversas outras formas de entrar em contato com os professores-formadores. Ou seja, nesse processo de virtualização das atividades, a individualidade do professor ficou comprometida, o que pôde ser evidenciado nas respostas à pesquisa em questão, onde muitos destes profissionais afirmaram não ter mais uma diferenciação explícita entre seu horário de trabalho e os horários de folga, tendo seus expedientes aumentados descomunalmente.

Além disso, a partir das respostas dos professores é possível perceber que, para além das dificuldades psicológicas trazidas com o isolamento social, o trabalho em casa traz contextos que podem gerar um grande desconforto para os professores. Uma vez que a perda da individualidade acaba sendo uma consequência do trabalho remoto, isso fica bem claro quando analisado o discurso do Prof35, que mostra um visível descontentamento ao lembrar que, com o ensino remoto, a necessidade de novas ferramentas se tornou eminente, e que muitas delas *“a maioria de nós já tinha em casa, mas era para nossas necessidades privadas, e se tornaram públicos”*. Ou seja, pertences particulares e individuais dos professores passaram a se tornar pertences dos seus locais de trabalho, o que afeta

não somente a vida profissional dos professores, como também suas vidas pessoais.

6.5 Problemática: Ensino Remoto X Ferramentas de Trabalho

A educação, de acordo com Anjos e Pereira (2021), deve acompanhar as mudanças que acometem a sociedade. Dessa forma, no contexto pandêmico atual, foi fundamental que as instituições educacionais desenvolvessem metodologias para contornar as medidas de contenção do vírus tomadas pelos governos locais. Como o distanciamento social foi tido como sendo uma das melhores maneiras para se lutar contra o vírus, a educação, que normalmente se dá de forma presencial nas instituições, passou a ser colocada em prática de forma remota,

Nesse sentido, foi perguntado aos professores quais plataformas foram mais utilizadas na manutenção de seus trabalhos na formação continuada dos professores da Educação Básica. De acordo com as respostas colhidas, não existe uma unanimidade na escolha das plataformas. Analisando as respostas, percebe-se que existe uma recomendação para que sejam utilizados os recursos disponibilizados pelo *Google Workspace*, tais como *Meet* e *Drive*, no entanto, nem todos os professores acreditam que essas plataformas sejam suficientes para satisfazer todas as necessidades trazidas com as atividades EAD.

Para além disso, como dito pelo Prof23, a maioria das plataformas digitais utilizadas nesse processo apresentam limitações “*quanto a políticas públicas para dar acessibilidade*”. Ou seja, elas não trazem consigo ferramentas que possam abranger todas as possíveis particularidades dos envolvidos nas atividades, por exemplo, as plataformas de vídeo, como o *Meet*, em sua maioria, não apresentam recursos de legenda instantânea, impossibilitando que participantes com deficiência auditiva tenham acesso ao material disponibilizado. Apesar disso, de acordo com o Prof24 as plataformas utilizadas “*Não são suficientes para as demandas, mas é o que temos*”. Ou seja, apesar das insuficiências e dificuldades apresentadas, os professores não têm muita perspectiva de alteração dos fatos, fazendo com que acreditem na importância de se trabalhar com as ferramentas que estão disponíveis.

É por isso que muitos professores têm a prática de buscarem sempre atualizações e recursos novos, e isso é o que fica perceptível quando levada em

consideração a fala do Prof30 que, ao ser perguntado a respeito da eficiência das plataformas utilizadas, afirma que: “*Não são suficientes, tanto que sempre estamos mostrando outras ferramentas aos professores como o Kahoot, o flippity, etc...*”.

A necessidade desse questionamento fica ainda mais clara quando levado em consideração o que está sendo desenvolvido em algumas instituições educacionais. Cita-se como exemplo a parceria firmada entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Microsoft, a partir da qual ferramentas essenciais ao teletrabalho foram disponibilizadas a estudantes e profissionais da instituição. É nesse sentido que o diretor do Centro de Informática (CPD) da UnB, Jacir Bordim, afirma em entrevista ao site de própria instituição que “*durante o período de isolamento preconizado pelas autoridades da saúde para conter o avanço do Coronavírus, a disponibilização de ferramentas que facilitem atividades remotas passa a ser crucial*”⁵.

A partir desse acordo, estudantes e colaboradores têm acesso gratuito a quase 30 aplicativos, incluindo o *Microsoft Teams*, que possibilita o acesso a aulas ao vivo, bem como sua gravação, o que sanaria um dos problemas apontados pelos professores entrevistados no presente trabalho, que afirmaram sentir falta de alguns recursos disponíveis apenas para usuários pagantes. Além disso, é disponibilizado, também, acesso gratuito a aplicativos úteis como *Word* e *Excel*, muito utilizados nos trabalhos administrativos que envolvem o fazer educacional.

É nesse sentido que se insere o questionamento a respeito da necessidade de padronização das plataformas a serem utilizadas pelos professores, uma vez que, a partir disso, possivelmente seriam abertos caminhos para parcerias e recursos mais avançados para todos os participantes dessa comunidade educacional. Essa necessidade se dá, sobretudo, em vista de que a parceria firmada entre a Secretaria de Educação do DF e a empresa *Google* para a utilização de alguns recursos, que teve início em um contexto anterior ao que o país se insere hoje, não se mostrou suficiente para as necessidades dos professores na atual conjuntura.

No contexto analisado, onde o contato entre os participantes da comunidade escolar tem se dado exclusivamente de forma virtual, o acesso à Internet, além de

⁵ Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/4048-office-365-gratuito-chega-para-facilitar-a-vida-de-quem-faz-atividade-em-modo-remoto>. Acesso em: 24 ago. 2021.

importante, é fundamental. Apesar disso, autores como Vianna e Ferreira (2018) afirmam que a desigualdade no acesso às novas tecnologias e aos ambientes virtuais de aprendizagem ainda são uma característica muito presente na sociedade brasileira, o que afeta consideravelmente as possibilidades de inserção do uso das ferramentas de ensino à distância na educação do país. Somando-se a isso, tem-se o fato de que o acesso à Internet não foi disponibilizado de forma gratuita aos professores, de modo que pudessem manter seus trabalhos. Perguntados a esse respeito, a grande maioria dos professores informou que teve que arcar individualmente com os gastos extras com o uso de Internet, uma vez que esse recurso não foi disponibilizado pela Secretária de educação. Apesar disso, alguns professores ainda informaram que foi disponibilizado acesso à Internet, no entanto, apenas para alguns aplicativos específicos, o que se torna insuficiente, uma vez que, não existe uma padronização dos aplicativos e ferramentas a serem utilizadas pelos professores.

Como mencionado na análise dos dados coletados por meio da pesquisa, os recursos necessários para que os professores coloquem em prática suas atividades laborais, na maioria das vezes, são providenciados por eles mesmos. De acordo com a maioria dos professores, além da Internet que eles precisam providenciar, é necessário que sejam dispostos muitos outros equipamentos, tais como tripé, microfones, câmeras, celular, computadores e *notebooks* e até mesmo equipamentos mais complexos, a exemplo do Prof1 que apresentou a necessidade da utilização de uma mesa digitalizadora para conseguir operacionalizar suas atividades.

Além disso, a problemática que envolve a disponibilização da Internet se tornou ainda mais latente quando levadas em consideração respostas como a do Prof3, que afirmou que, para a manutenção das atividades, tem sido necessária a utilização de ferramentas como “*Editores de vídeos como Kinemaster, DaVinci Resolve, Shotcut e InShot; direcionadores de videotransmissão como OBS Studio e StreamYard; editores de texto e planilhas, criadores de formulários e programas de ilustração e design como Canva, Adobe Illustrator e Paint 3D*”. Ou seja, se faz necessária a utilização de diversos programas e ferramentas que não são disponibilizados pela Secretaria e quem, além disso, exigem o uso de Internet de qualidade que, também, não é disponibilizada pela Administração Pública.

No entanto, de acordo com os professores participantes do grupo focal, as maiores barreiras enfrentadas por eles, durante a pandemia, sofreram pouquíssimas alterações. É o que se percebe na fala do ProfG3, quando afirma que “*Os pontos positivos, eles não chegam a superar aquilo que a gente tem de dificuldade dentro da SEE para que a aprendizagem seja, tanto com os professores como diretamente com alunos, eficiente*”. De acordo com o professor, o maior ponto negativo no processo de profissionalização dos outros professores é a falta de investimento, o que, durante a pandemia, não sofreu alteração. De acordo com o ProfG3, a busca por novas metodologias é um ponto positivo sim, mas, no entanto, funciona como uma saída para a falta de investimentos que assola os projetos de formação continuada dos professores.

Ou seja, a partir dessa pergunta foi possível perceber que muitas das novidades adquiridas a partir das novas metodologias utilizadas por conta do ensino remoto são de ótima serventia para os professores. No entanto, caso os problemas mais antigos não sejam resolvidos, essas novidades não irão mudar efetivamente o quadro da educação no Brasil. Além disso, de acordo com o Prof4, por exemplo, algumas das ferramentas utilizadas na ministração das oficinas e cursos são plataformas pagas, que disponibilizam recursos limitados aos usuários *free*. Dessa forma, alguns dos recursos mais vantajosos do EAD, como a gravação das aulas ao vivo, acabam sendo afetados e prejudicando a efetividade das atividades desenvolvidas a partir dessa metodologia.

A partir desses apontamentos, percebe-se que os professores-formadores, responsáveis pela profissionalização dos professores da educação básica, desenvolveram metodologias para continuar auxiliando seus colegas na manutenção do acesso dos estudantes à educação. Dessa forma, os professores utilizaram diversas maneiras para entrarem em contato com seus colegas, desde plataformas pessoais e não-oficiais, como o *WhatsApp* e ligações, mas também plataformas oficiais, como mostrado pelo Prof1: “*Utilizamos toda a estrutura do Gworkspace para atividades e encontros síncronos e assíncronos. Além disso utilizamos o Streamyard para algumas transmissões e também alguns recursos educacionais da Microsoft, como OneNote, Teams, entre outros*”. De maneira a desenvolver atividade de diferentes maneiras para atender às diferentes realidades e demandas dos professores-alunos que a eles recorrem.

6.6 Ensino Remoto X Prospecções Futuras

Os desafios enfrentados pelos profissionais da educação durante o período pandêmico são incalculáveis e, por conta disso, repensar a educação nos próximos anos se tornou um desafio muito grande. São desafios que levam em consideração aspectos econômicos, tecnológicos e psicológicos referentes ao que ocorreu e ao que tem acontecido na realidade do país e do mundo. O ensino remoto foi considerado como sendo a saída para o isolamento social proposto por conta do avanço da pandemia do Covid-19, no entanto, juntamente a ele, diversas preocupações vieram à tona, deixando como dúvida a viabilidade da manutenção do ensino remoto mesmo após o fim da pandemia.

Apesar do fato de que essas mudanças trouxeram diversas preocupações e problemas, de acordo com o ProfG4 *“Eu acredito que, após uns dois anos da pandemia, nós estaremos com o mesmo comportamento durante a pandemia com as mudanças que nós tivemos”*. Ou seja, é possível que com as novas tecnologias os professores se preparem e desenvolvam novas técnicas para que esse cenário não seja um problema tão grande como tem sido atualmente.

No entanto, para que essa capacitação ocorra e os professores se adaptem da melhor forma a essa nova realidade, é necessário, como já muito repisado, que sejam despendidos investimentos no setor educacional, de modo que o professor, fazendo sua parte, tenha à sua disposição meios para se profissionalizar e se adequar às novas realizadas do mercado. Como saída para as problemáticas que perpassam o ensino remoto, tem sido visto como ferramenta viável o ensino híbrido, que seria a junção do ensino presencial e do ensino remoto, de maneira que a relação presencial entre professor, aluno e comunidade escolar seja mantida.

No que se refere aos professores formadores dos CRTE's, quando questionados a respeito das metodologias utilizadas para o ensino das tecnologias educacionais aos professores da Educação Básica, a maioria dos professores afirmou entender como sendo a maneira mais interessante e viável de ensino o ensino híbrido. Nessa modalidade metodológica, as atividades são feitas em parte presencialmente e em parte à distância, como dito. De acordo com Peixoto e Batista (2019), o ensino híbrido pode ser classificado da seguinte forma:

[...] define-se Ensino Híbrido como uma modalidade de ensino formal na qual ocorrem atividades presenciais e on-line, de forma integrada e personalizada, tendo em vista contribuir para a construção de conhecimentos sobre o tema em estudo. Então, considera-se que a mistura essencial é entre atividades presenciais e on-line, mas é fundamental que todas as atividades sejam bem relacionadas entre si e que levem em consideração a individualidade dos estudantes, tendo como objetivo maior a aprendizagem (PEIXOTO; BATISTA, 2019, p. 63).

O argumento utilizado pelos professores é o de que, por conta do desconhecimento, faz-se necessário que algumas informações sejam passadas na prática, ou seja, é imperioso que exista uma relação presencial entre o professor que busca o curso e o professor que ministra a formação, visto que alguns processos são mais complexos e exigem uma abordagem diferenciada das que o ensino remoto possibilita.

No entanto, o ensino totalmente presencial deixou de ser preferência entre os professores, de acordo com as respostas captadas na presente pesquisa. Essa mudança, entretanto, já era de se esperar. De acordo com Vianna e Ferreira, citando Giddens (GIDDENS *apud* VIANNA; FERREIRA, 2018), da mesma maneira que a imprensa e a leitura contribuíram para avanços nas metodologias antigas de educação, culminando na educação moderna, é de se esperar que as tecnologias venham a contribuir para novas transformações nas percepções das comunidades docentes.

Apesar disso, os professores afirmam que “pelo menos” ainda as atividades remotas não devem tomar totalmente o espaço das atividades presenciais. É o que se percebe, por exemplo, do discurso do Prof4, que afirma que “*Podemos dinamizar alguns encontros com os recursos aprendidos neste período de pandemia, mas para complementação*”. Ou seja, os recursos virtuais devem continuar sendo usados, mas, por enquanto, devem ser um complemento aos recursos presenciais, que ainda são vistos como sendo fundamentais para uma boa execução das atividades desenvolvidas.

Ora, é inegável que as ferramentas que as tecnologias educacionais trazem como novidade para o contexto acadêmico são responsáveis pela otimização inevitável dos processos educacionais. De acordo com Teles (2010) em ambientes colaborativos, como é o exemplo das salas virtuais do *Google Classroom*, o

professor pode interagir com seus estudantes tanto para esclarecer suas dúvidas como para indicar novas fontes de informação. Essa possibilidade de interação entre professores e estudantes possibilita maior autonomia para ambos, trazendo uma dinâmica diferenciada para as aulas e favorecendo, inclusive, seu andamento.

No entanto, essas novidades devem ser implementadas com calma e gradativamente, buscando a melhor forma de serem realizadas essas atualizações. A inserção forçada e repentina dos novos recursos pode, de certa forma, ser prejudicial ao processo de ensino-aprendizagem, uma vez que traz, tanto para professores quanto para alunos, cenários de estresse que podem afetar negativamente sua vida profissional e pessoal. É o que se percebe da fala do Prof18, que se mostra muito descontente com as mudanças repentinas quando afirma que *“Eu odiei a nova ferramenta por não conseguir dominar totalmente”*. Apesar disso, a maioria dos professores se adaptou bem à nova realidade. É o caso do Prof19, que diz que *“Foi uma experiência de inovações e aprendizados”*, que poderão muito bem ser aproveitados em contextos futuros.

O questionamento a respeito das prospecções futuras, no que se refere às metodologias educacionais, se faz de extrema importância, uma vez que, para enfrentar possíveis novos quadros sociais seria totalmente benéfico que os professores estivessem preparados para as adversidades que possam vir a aparecer. Nesse sentido, para que lhes seja ofertada essa preparação, é necessário que os profissionais responsáveis por essa formação estejam também, por sua vez, *“preparados para os preparar”*. É por isso, então, que os recursos metodológicos desenvolvidos pelos professores no contexto atual devem ser mantidos e otimizados para que possam continuar sendo utilizados em momentos futuros, é o que o Prof1 diz, afirmando que *“deve ser mantido e melhorado o acesso dos cursistas às plataformas digitais educacionais com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino”*.

Além disso, dentre as respostas dos professores é possível destacar que, para alguns, atividades administrativas e de coordenação podem ser realizadas, em sua maioria, à distância, uma vez que, nas palavras do Prof2 *“Na minha opinião, 99% delas devem continuar de maneira remota, afim de evitar aglomeração desnecessária, otimizar o tempo, dentre outras vantagens”*.

É importante salientar que por mais atualizadas que sejam as ferramentas virtuais, estas ainda não são totalmente inclusivas, sendo por isso que alguns professores ainda preferem as metodologias presenciais em detrimento dos encontros virtuais. É o que se depreende da fala do Prof5, que revela:

“[...] reservo uma hora por semana para atender uma única professora que tem fobia de tecnologia e se sente profundamente insultada pela obrigatoriedade de atuar de modo virtual. Existe um trabalho psicológico que precisamos fazer, nosso público é diverso e talvez seja preciso diversificar também a aprendizagem tecnológica”.

Ou seja, os encontros presenciais proporcionam uma interação mais direta entre os professores e alunos, uma vez que, presencialmente é possível que o professor ministrante perceba de forma mais eficaz as necessidades particulares de cada professor participante e dê a atenção devida às suas necessidades.

Além disso, de acordo com o Prof2, o fato de as mudanças terem ocorrido de forma repentina dificultou ainda mais a otimização dos processos. Nas palavras do Professor, *“Não havia tempo hábil para processar e/ou classificar as demandas do dia a dia. Tudo era urgente! Pra ontem!”*. Ou seja, a falta de tempo para preparação e desenvolvimento das atividades impossibilitou que os professores se preparassem de uma forma mais adequada, fazendo com que operacionalização e planejamento fossem tarefas a serem realizadas concomitantemente, o que precariza efetivamente o trabalho do professor.

Nesse interim, ainda de acordo com o Prof2, ensinar sobre tecnologia utilizando apenas recursos virtuais é um desafio muito grande: *“A distância é um desafio importante ao se ensinar a usar tecnologia, justamente porque ela é o meio e o fim ao mesmo tempo”*. Ou seja, se os participantes dos cursos o buscam justamente por estarem em busca de aprenderem a utilizar a tecnologia em suas atividades, fica muito mais difícil que eles tenham acesso aos conteúdos habilmente.

Juntamente a isso, os problemas referentes ao uso da Internet pessoal, mais uma vez, foram muito exaltados pelos professores. De acordo com o Prof5, *“Tudo fica difícil sem rede que sustente”*. Ou seja, sem o auxílio da Administração Pública, disponibilizando recursos básicos como a Internet necessária ao ensino à distância, é praticamente impossível que o professor consiga proporcionar a manutenção da qualidade de seus serviços.

O Prof35 afirma que os seus maiores problemas são relacionados aos:

“Antes o curso era presencial, com atividades à distância, com a pandemia passamos a ter cursos apenas online, para os professores que já possuíam um conhecimento na área, já foi difícil, imagine para os que não conheciam ou se recusavam a fazer curso de informática, para esses foi uma tortura. Nos cursos presenciais, podíamos ter um olhar mais individualizado, mais pessoal e mais humano para esse último grupo, já com os cursos à distância isso fica bem mais difícil de acontecer”.

A falta de investimentos na educação afeta drasticamente a comunidade educacional, especialmente no que diz respeito aos professores formadores. É preciso, portanto, questionar o quanto essa escassez de investimentos prejudica a vida desses profissionais em suas vidas como um todo e o quanto isso pode prejudicar a implementação para novas metodologias educacionais futuras.

Em relação às incertezas quanto ao futuro e os questionamentos que perpassam essa realidade não afetam apenas os professores e profissionais da educação, é o que se percebe na fala do ProfG2, por exemplo: *“Eu acredito que essa pandemia atingiu generalizada todas as categorias”.* Ou seja, os professores não foram os únicos que precisaram desenvolver novas metodologias para manter seus trabalhos – todos os seguimentos sociais tiveram que se adaptar e criar novos métodos para se manter. A questão é que, como diz o Prof1 que *“[no] futuro pós pandêmico acreditamos que a tecnologia educacional estará mais presente nas práticas pedagógicas”.* O Prof16 também acredita que as prospecções futuras são, de certa maneira, positivamente promissoras. Em suas palavras: *“Vejo um futuro promissor com o aprimoramento das ferramentas e construção de um ensino onde o presencial fique apoiado pelo ambiente virtual”.*

É nesse sentido que se percebe a importância do que foi mencionado pelo ProfG2, que lembra sobre a questão da profissionalização necessária ao futuro dos professores. Segundo o professor, observa-se um movimento em busca do aperfeiçoamento e profissionalização para se adequar aos novos parâmetros do meio educacional. Em suas palavras *“despertar, como está acontecendo com outras categorias, na necessidade de buscas por aperfeiçoamentos, por formações”.* Ou seja, de tudo isso pode-se levar como ponto positivo o que também destaca o Prof2, quando diz que *“No futuro espero que tenhamos adquirido o preparo que cada um*

precisa para seguir em frente, levando como legado o proveito que tirou dessa experiência”.

Nesse sentido, levando em consideração as incertezas futuras e essa necessidade de atualização das formações, os professores envolvidos na pesquisa foram questionados a respeito da possibilidade de diminuição da busca pelas carreiras educacionais. De acordo com o ProfG3, a diminuição na busca pelas carreiras docentes é um quadro que já vem se observando muito antes da pandemia acontecer:

“Se a gente for analisar os cursos de licenciatura e aquilo que a gente vê no final do ensino médio, quando pesquisa com os alunos o que eles querem ser no futuro, raramente encontramos um ou outro que diz que quer ser professor. Talvez alguns optem por uma questão histórica de família ou alguma coisa assim, ou como sonho mesmo. Mas se for pensar por questão estrutural, por questão financeira e reconhecimento, talvez nem muitos de nós estaríamos nessa função”.

De acordo com os professores entrevistados no grupo focal, é praticamente impossível que a educação à distância substitua majoritariamente a educação presencial. De acordo com o ProfG5:

“A educação a distância substituir, majoritariamente, a educação presencial, não. O que pode acontecer, o que está acontecendo é a educação a distância ser um complemento da educação presencial. Antes praticamente isso não era pensado, mas agora eu acho que vai servir de complemento, vai ser uma parte extra aí. Essa é a minha visão deste momento, mas não substituir”.

Ou seja, os professores percebem que a educação à distância tem grande potencial para funcionar como aliada da educação presencial futuramente, de maneira a otimizar a educação e trazer cada vez mais avanços para as metodologias educacionais. Apesar disso, como bem enfatiza o ProfG6, a figura do professor, de forma alguma, perde sua importância, sendo presencial ou virtualmente, o professor é essencial para a manutenção e garantia da educação. Nesse sentido, as tecnologias educacionais vêm de modo a facilitarem o trabalho do professor, mas de maneira alguma irão substituí-lo.

6.7 Valorização X Desvalorização

O debate a respeito da valorização e/ou desvalorização dos professores não é exclusivo dos dias de hoje – na realidade é uma temática debatida desde há muito tempo. Hoje, os docentes atuam em um ambiente assolado pelo surgimento constante de novas metodologias e recursos indispensáveis à manutenção da aprendizagem dos alunos, porém, por conta disso, têm se deparado com as adversidades, uma vez que não existe um programa de capacitação eficaz que permita que os profissionais da educação se profissionalizem para ensinar, mesmo diante das mudanças.

Diante das transformações, os profissionais da educação se viram obrigados a buscar atualizações em suas carreiras, por meio de programas de formação continuada, de modo que o professor não tem por objetivo abandonar suas práticas tradicionais, mas, sim, complementá-las por meio das novidades motivadas por razões sociais, como é caso em tela, da introdução das medidas digitais como medida de manutenção da educação, mesmo no contexto de pandemia. A falta de valorização, que enseja o não reconhecimento por parte da sociedade a respeito das atividades realizadas pelos docentes, influenciam não somente na imagem que a sociedade tem destes profissionais, como também no seu trabalho. De modo que a desvalorização do papel social do professor gera um desgaste da sua imagem social.

É nesse sentido que, visando dar suporte ao professor, para que tenha ferramentas suficientes para realizar suas atividades laborais, é que se encontra a principal importância da formação continuada dos professores, não apenas no que se refere à teoria e às práticas pedagógicas, mas também no que diz respeito à sua formação pessoal. É nesse sentido que Nóvoa (2009, p. 23) afirma que "*dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tato pedagógico vivenciado no contexto escolar*".

É por isso que, para que tais adequações se perpetuem, os professores devem contar com o auxílio de governantes de modo a proporcionar ações educacionais de maneira a torná-los cada vez mais capacitados para realizarem o seu trabalho. É, portanto, dever do governo dar apoio financeiro aos professores que

gostariam de realizar formação continuada e oferecer a estes profissionais as ferramentas necessárias. A falta de ação dos governos no que diz respeito à formação continuada dos professores e à disponibilização de ferramentas que são indispensáveis ao seu trabalho mostra uma desvalorização por parte das autoridades em relação a estes profissionais, sejam eles de qualquer nível. Isso fica claro quando levado em consideração, por exemplo, que o piso salarial nacional do professor não chega a ultrapassar três salários mínimos e ainda assim não é cumprido por muitos estados e municípios.

No que se refere à realidade dos professores inseridos na presente pesquisa, quando perguntados a respeito de uma possível maior desvalorização com o início da pandemia, pode-se perceber que, como observado pelo ProfG4, durante a pandemia a desvalorização destes profissionais se tornou mais evidente, no entanto, isso não quer dizer que antes desse período ela não fosse tão latente como agora. Conforme o ProfG4, o que ocorre é: *“Um processo de desvalorização, um processo em que os próprios profissionais que entram não permanecem e isso por uma série de fatores. E a pandemia, eu acredito que trouxe isso mais a claro. Acho que ficou bem mais visível na mesa, todos esses fatores”*.

Percebe-se, então, que a desvalorização das carreiras docentes não é um problema trazido apenas a partir da pandemia instaurada pelo Covid-19. Esse é um problema que, infelizmente, acompanha estes profissionais através das gerações e que não parece estar próximo de se resolver. Ou seja, com o fim da pandemia e o retorno das atividades de forma “normal”, a desvalorização dos professores e a dificuldade de realização e manutenção dos serviços não necessariamente terão fim.

No que se refere à desvalorização no quadro atual, percebe-se sua maior relevância quando levadas em conta as ferramentas necessárias para a manutenção do trabalho dos professores remotamente, ou seja, para manter suas atividades, os docentes necessitam de ferramentas específicas, as quais não foram disponibilizadas pelos governos atuais, mostrando, mais uma vez, a desvalorização e o descaso com que estes profissionais são tratados. É o que o Prof35 diz quando afirma que os seus maiores problemas são em relação aos custos:

“Com as aulas indo 100% para o online, não bastou ter uma internet que básica, tivemos que contratar mais velocidade para dar conta das reuniões e das outras atividades que o restante dos membros da

família continuava fazendo ou passou a fazer em casa também. Tivemos que melhorar equipamentos e as vezes tivemos que comprar novos já que mais pessoas da família utilizariam ao mesmo tempo, não bastava apenas um computador como era antes, era necessário um para cada membro da família poder cumprir suas tarefas, estudar ou simplesmente se divertir”.

Ou seja, é fato que a falta de investimentos na educação afeta negativamente a comunidade educacional, no entanto, especialmente no que diz respeito aos professores, é preciso que seja questionado o quanto essa falta prejudica a vida desses colaboradores, não apenas profissionalmente falando, mas sim em suas vidas como um todo.

Quando questionados a respeito dos maiores desafios enfrentados no período pandêmico, a maioria dos professores lembrou da falta de recursos para a implementação de suas atividades. De acordo com o Prof24:

“A falta de recursos tecnológicos e internet de qualidade para exercer meu trabalho. Quando fomos mandados para casa tivemos que enfrentar a pandemia como todos e se virar sem nenhum apoio financeiro do governo, tivemos que adequar nossa casa para exercer nosso trabalho. Meu celular, não é meu, meu e-mail não é meu, meu computador não é meu. É tudo da SEDF”.

Fatores como esse, a partir do qual os professores têm que proporcionar seus próprios recursos para operacionalizar seu trabalho, mostram uma certa desvalorização destes profissionais mesmo em tempos onde a educação sofre grandes dificuldades por conta das mudanças inerentes da pandemia. Bordas (2021) afirma que *“devem ser viabilizadas por parte da administração pública as condições para que alunos e docentes possam acompanhar as atividades de ensino à distância, o que incluiu especialmente uma capacitação”*. Ou seja, é obrigação da Administração Pública disponibilizar não somente aos professores da Educação Básica, mas também aos professores responsáveis por sua capacitação, recursos que viabilizem a manutenção das aulas, estando dentro desses recursos, o acesso à Internet e demais ferramentas necessárias.

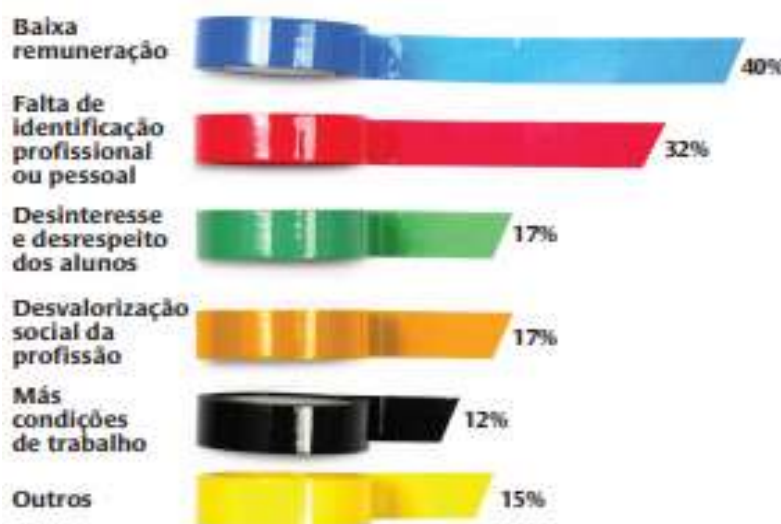
Essa desvalorização do professor contribui para cenários como o apresentado pelo estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas (FCC) em parceria com a Fundação Victor Civita (FVC), em 2009 que avaliou a atratividade da carreira docente no Brasil. Nesse estudo, além do perceptível desinteresse por parte dos

estudantes em seguir carreiras ligadas à docência, foram destacados os fatores que mais influenciam o desprezo dos estudantes em relação às carreiras da licenciatura. Entre os fatores mais citados estão a baixa remuneração, a desvalorização e as más condições de trabalho (NOVA ESCOLA, 2009), o que pode ser visto no gráfico da Figura 07.

Durante todas as etapas da pesquisa pôde-se perceber que o principal problema relacionado à educação é a falta de investimento no setor, de maneira que já foi muito repisado que a falta de investimento dificulta o trabalho deste profissional. Ademais, ao ser perguntado sobre isso, o ProfG6, por exemplo, conta que em determinados momentos a falta de investimento inibe a possibilidade de realização das atividades necessárias. É o que se percebe da seguinte fala:

“A falta de investimentos sempre afeta bastante porque a gente sempre quer estar trabalhando em condições melhores e com ferramentas melhores. O que a gente poderia fazer se tivesse acesso a ferramentas mais adequadas. Igual, por exemplo, aqui no CRTE, em alguns momentos a gente teve, chegou alguns computadores novos recentemente, mas até o ano passado a gente tinha que usar computadores aqui muito lentos. Era muito difícil usar as ferramentas atuais, porque as ferramentas atuais precisam de mais memória do computador, de melhor velocidade de processamento. E algumas vezes a gente não podia mostrar este tipo de ferramenta porque o laboratório aqui não comportava. E acabava que a gente tinha que mostrar sempre as mesmas coisas porque a gente não tinha esse investimento”.

Figura 07 – Fatores considerados negativos sobre ser professor



Fonte: Pesquisa Atratividade da Carreira Docente no Brasil (NOVA ESCOLA, 2009).

Ou seja, a falta de investimento não interfere apenas na vida do professor, como também na possibilidade de evolução educacional e capacitação adequada dos docentes que buscam as formações disponibilizadas pelos CRTE's. Dessa forma, toda a comunidade educacional acaba sendo afetada negativamente, limitando as possibilidades de evolução do ensino.

Apesar disso, no contexto atual, os professores formadores dos CRTE's puderam perceber uma diferença considerável no que diz respeito à valorização de seus serviços por parte dos seus colegas professores da Educação Básica. De acordo com os professores que responderam ao questionário *online*, a busca, por parte dos professores da educação básica, por formações e especializações no que se refere ao uso da tecnologia, aumentou drasticamente. Nesse sentido, a presente pergunta tem a intenção de analisar a percepção por parte dos professores a respeito dessa importância extra dada ao seu trabalho.

Conforme o ProfG6, a importância dada aos CRTE's foi nítida. Em suas palavras:

“Do meu ponto de vista, com certeza. Porque eu lembro que a gente dava os cursos e eu sempre perguntava: ‘Alguém já ouviu falar do CRTE, alguém sabe o que é?’. E ninguém sabia, geralmente. Assim, 99% não sabia nem o que era aquilo. Depois, por causa da pandemia, que tivemos que dar as oficinas e, principalmente indo atrás dos e-mails, porque muita gente não sabia qual era o e-mail institucional e não sei o quê... aí vieram atrás de gente, colocaram a gente como referência para isso. E, aí sim, passaram a saber da nossa existência, o que fazemos. Então assim, com certeza a pandemia trouxe esse reconhecimento muito maior para os CRTE's”.

Isso aconteceu, de acordo com o ProfG5:

“Porque quem não conhecia o CRTE passou a conhecer. Porque teve que se mobilizar e correr atrás. Então boa parte das Regionais de Ensino possui o seu próprio CRTE. Então foi justamente isso, digamos, foi o apagar do incêndio. Teve que apagar o incêndio porque foi muito rápido, muito urgente”.

Ou seja, os professores dos CRTE's foram vistos nesse contexto como sendo os bombeiros do caos. Isso quer dizer que para a manutenção do acesso à educação os professores destes centros tiveram que proporcionar capacitações de forma rápida e eficaz para que os professores pudessem voltar a dar suas aulas. Ou

seja, a manutenção da educação, no Distrito Federal, se deu, majoritariamente, por conta dos cursos oferecidos pelos CRTE's, de modo que o acesso à educação deve, em grande parte, sua realização aos professores dos CRTE's.

Por fim, apesar da desvalorização por parte dos governos e da sociedade, com a falta de ferramentas para realizar sua função, os professores formadores puderam notar que sua importância no que diz respeito ao auxílio prestado aos professores da educação básica e, mais que isso, sua importância na manutenção do acesso à educação de crianças e adolescentes do Distrito federal se tornou muito mais evidente e muito mais valorizada pelos integrantes da comunidade educacional. Essa valorização repentina mostra a necessidade de uma valorização constante desses professores formadores e de sua função na atualização dos professores da Educação Básica, de maneira que os investimentos em ferramentas que possibilitem a manutenção de seu trabalho devam ser permanentes e constantes.

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações apontadas no decorrer do presente trabalho, pode-se perceber que as mudanças decorrentes do ensino remoto vão muito além de mudanças profissionais, afetando, principalmente a vida pessoal dos professores. Com as respostas dadas aos questionamentos feitos aos professores, foi possível compreender que as adaptações pedagógicas decorrentes das mudanças ocorridas por conta do isolamento social influenciaram de forma incisiva o cotidiano pessoal e profissional dos professores formadores dos CRTE's do DF.

Isso se deu, principalmente, pelo fato de que com a mudança do ensino presencial para o ensino remoto, a grande busca dos professores da Educação Básica por oficinas e cursos relacionados ao uso das ferramentas tecnológicas na educação fez com que a carga de trabalho dos professores formadores dos CRTE's aumentasse exorbitantemente, o que causou uma mudança brusca nas vidas destes profissionais, o que leva ao entendimento de que as transformações no contexto profissional dificultaram em diversos aspectos o cotidiano dos professores.

Como visto, percebe-se que essa carga excessiva de trabalho apenas se deu pelo fato de que a maioria dos professores da Educação Básica ainda não tinha formação no que diz respeito ao uso da tecnologia na educação. Nesse sentido compreende-se que programas de formação continuada devem ser cada vez mais fomentados pelo governo, de modo a proporcionar que os professores tenham acesso à formação continuada e estejam preparados para qualquer momento de adversidade que possa vir a acontecer, como foi o caso atual.

Essa necessidade de mais programas de formação continuada para os professores se dá, principalmente, pelo fato de que os investimentos na educação e na formação de professores ser muito menor do que realmente deveria ser, de modo que maiores investimentos seriam essenciais para que os programas de formação continuada surtiram os efeitos necessários no que diz respeito à preparação dos professores para qualquer evento que possa vir a acontecer e, para além disso, que estejam preparados para garantir o acesso à educação de qualidade para todos os estudantes.

Nesse sentido percebe-se que, principalmente nesse contexto pandêmico, os professores formadores dos CRTE's do Distrito Federal puderam receber uma grande valorização comparada ao que vivenciavam antes. Isso se dá pelo fato de que a manutenção do acesso à educação nesse período se deu por meio das oficinas e cursos ministrados pelos professores formadores, que proporcionaram aos professores da Educação Básica o conhecimento necessário para bem utilizarem as ferramentas tecnológicas e, assim, proporcionarem a manutenção do espaço educacional, mesmo que à distância.

A partir dessas considerações pode-se compreender que a justificativa do presente trabalho se concretiza, uma vez que, se coloca como objetivo compreender quais são as principais adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE's frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas, no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's. Isso se dá uma vez que, por meio da produção, coleta e análise dos dados produzidos, foi possível compreender as principais adaptações necessárias, bem como suas consequências, sendo elas positivas ou não.

Dessa maneira, esta dissertação teve como foco a análise das mudanças que os professores formadores da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) tiveram que aplicar nas suas práticas pedagógicas em virtude da suspensão das aulas presenciais pela pandemia da Covid-19 e o prosseguimento do ano letivo de 2020 no formato de aulas remotas. Para responder à questão norteadora de pesquisa este trabalho pôde seguir passos representados por objetivos que puderam ser efetivamente alcançados.

Nesse sentido, pôde-se compreender também, além dos pontos principais, quais as principais dificuldades encontradas pelos professores formadores para desenvolverem suas atividades pedagógicas no período de aulas remotas. Além disso, foi possível a análise das ferramentas utilizadas pelos professores formadores para que pudessem continuar a ofertar oficinas e outras formas de formação dos professores no uso das TIC's sem aulas/oficinas presenciais.

A partir dessas análises e consequentes discussões, pôde-se colaborar com o cenário de pesquisas de mesma temática, logrando êxito em fomentar a discussão a respeito da formação continuada dos professores, com objetivo de proporcionar novos estudos e novas discussões a respeito das dificuldades que permeiam o meio da formação continuada dos professores da educação básica no país. Isso se dá uma vez que, mesmo tendo sido uma longa discussão, os pontos e assuntos ainda não se findaram e, por isso, abrindo portas para novos estudos e pesquisas na área.

8

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; TELES, L. Tecnologias interativas na aprendizagem em redes sociais on-line, na ciberarte, na cidadania. *In*: SOUZA, A. M.; FIORENTINI, L. M. R.; RODRIGUES, M. A. M. (Orgs.). **Educação superior a distância: comunidade de trabalho e aprendizagem em rede (CTAR)**. Brasília-DF: Universidade de Brasília, 2010, p. 171-204.

ANJOS, C.; FRANCISCO, D. Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 125-146, jan. 2021.

ANJOS, C.; PEREIRA, F. Educação infantil em tempos de pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 3-20, jan. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEHRENS, M. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BORDAS, F. Retomada das atividades docentes de forma remota e emergencial na pandemia: direito de imagem, direitos autorais, deveres e obrigações. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 25, n. 6261, 22 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 6.300, de 12 de dezembro de 2007**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo. Brasil: Previdência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2007/Decreto/D6300.htm. Acesso em: 8 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei N. 84.067, de 02 de outubro de 1979**. Cria a Secretaria Especial de Informática, como órgão complementar do Conselho de Segurança Nacional, e dá outras providências. Brasil: Previdência da República; Casa Civil;

Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1979. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D84067.htm. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 06 jul. 2020.

BRASIL. **Lei N. 12.249, de 11 de junho de 2010**. Institui o Regime Especial de Incentivos para o Desenvolvimento de Infraestrutura da Indústria Petrolífera nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste – REPENEC... Brasil: Previdência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12249.htm. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. **Lei N. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasil: Previdência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. **Programas do MEC voltados à formação de professores**. Brasil: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-paraprofessores?id=15944:programas-do-mec-voltados-a-formacao-de-professores>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CÂNDIDO, C.; GUEDES, S. Fepesp: Irregularidades no teletrabalho de professoras e professores. **Contee**, 2020. Disponível em: <https://contee.org.br/fepesp-irregularidades-no-teletrabalho-de-professoras-e-professores/>. Acesso em: 12 out. 2021.

CARDOSO, C. A.; FERREIRA, V. A.; BARBOSA, F. C. G. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020.

CARDOSO, M.; FIGUEIRA-SAMPAIO, A. Dificuldades para o uso da informática no ensino: percepção dos professores de matemática após 40 anos da inserção digital no contexto educacional brasileiro. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 44-84, 2019.

CETIC.BR. **TIC Educação**, 2020. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

CHAER, G.; DINIZ, R.; RIBEIRO, E. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CHIMENTÃO, L. **O significado da formação continuada docente**. 4º Congresso Norte-Paranaense de Educação Física-Escolar, 2009. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigoconoral2.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Cambridge: Edinburgh University Press, 1999.

DATHEIN, R. **Inovação e revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX**. Porto Alegre: DECON/UFRGS, fev. 2003.

FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.

FERREIRA, L. F. S.; SILVA, V. M. C. B.; MELO, K. E. S.; PEIXOTO, A. C. B. Considerações sobre a formação docente para atuar online nos tempos da pandemia de covid-19. **Rev. Docência Ens. Sup.**, Belo Horizonte, v. 10, p. 1-20, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 4, p. 65-71, 1995.

GREGOLIM, M. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educause Review**, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340535196_The_Difference_Between_Emergency_Remote_Teaching_and_Online_Learning/citation/download. Acesso em: 20 ago. 2021.

HOSPITAL SANTA MÔNICA. **Por que a falta do convívio social impacta na nossa saúde mental?**. 2 dez. 2020. Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/por-que-a-falta-do-convivio-social-impacta-na-nossa-saude-mental/>. Acesso em: 5 set. 2021.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil**. Mar. 2020. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Pulso-Covid-19_-_Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

KIM, J. Learning and teaching online during Covid-19: experiences of student teachers in an early childhood education practicum. **International Journal of Early Childhood**, v. 52, p. 145-158, 2020.

LIBÂNEO, J. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia, Editora Alternativa, 2004.

MACHADO, R. Orientador: Gilberto Arantes Carrijo. 2007. 68 f. **Um software educativo de exercício-e-prática como ferramenta no processo de alfabetização infantil**. Dissertação (Mestre em Ciências) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2007.

MARQUES, R. A ressignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da COVID-19. **Boletim da conjuntura**, Boa Vista, ano II, v. 7, n. 3, 2020.

MEC, Ministério da Educação. Portaria N. 544, de 16 de junho de 2020. **Diário Oficial da União**, edição 114, seção 1, p. 62, 17 jun. 2020.

MONTEIRO, A.; MOREIRA, J. A.; ALMEIDA, C. **Educação online: pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais**. Santo Tirso: De Facto Editores, 2012.

MORAN, J. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6 ed. Campinas-SP: Papirus, 2006.

MOREIRA, J.; HENRIQUES, S; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

NOVA ESCOLA. **Por que tão poucos querem ser professor**. 2009. Disponível em: <https://fvc.org.br/wp-content/uploads/2018/06/por-que-tc3a3o-poucos-querem-ser-professor.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

NÓVOA, A. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 2009.

OLIVEIRA, V.; SOUZA, S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliações: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, 2020.

PAIVA, F. Whitebook cresce 30% em 2020 e ultrapassa a marca de 100 mil assinantes. **Mobile Time**, 2021. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/17/03/2021/whitebook-cresce-30-em-2020-e-ultrapassa-a-marca-de-100-mil-assinantes/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PEBMED. **Quais os possíveis efeitos do isolamento pela Covid-19 em jovens?**. 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/quais-os-possiveis-efeitos-do-isolamento-pela-covid-19-em-jovens/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PEIXOTO, G.; BATISTA, S. Ensino híbrido: aspectos teóricos e análise de duas experiências pedagógicas com sala de aula invertida. **Revista Novas Tecnologias na Educação – RENOTE**, v. 17, n. 2, 2019.

PENÍNSULA, Instituto. **Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios de Coronavírus**. 2021. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

POMPE, C. Pesquisa indica que trabalho remoto aumentou carga horária. **Contee**, 2020. Disponível em: <https://contee.org.br/pesquisa-indica-que-trabalho-remoto-aumentou-carga-horaria/>. Acesso em: 15 out. 2021.

PONTE, J. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: Que desafios? **Revista Ibero-Americana de Educación**, n. 24, p. 63-90, septiembre/diciembre, 2000.

PRADO, C. **Tablets no Ensino Fundamental da rede municipal de Joinville: inserção de novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem**. Orientador: Kariston Pereira. 2017. 178 f. Dissertação (Mestre em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Joinville, SC, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Revista LEA**, v. 7, n. 2, p.305-322, 2005.

SEDF, Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Portaria N. 363, de 24 de agosto de 2017**. Dispõe sobre organização e funcionamento dos Centros de Referência em Tecnologia Educacional, no âmbito da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, e dá outras providências. Brasília: SEDF, 2017. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ef27a03fe9254e848a0cf368d1ce7cb3/Portaria_363_24_08_2017.html. Acesso em: 15 abr. 2021.

SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. (Orgs.) **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2002.

SOARES-LEITE, W.; NASCIMENTO-RIBEIRO, C. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 5, n. 10, p. 173-187, 2012.

TELES, L. Dimensões da aprendizagem colaborativa no design e gerenciamento de ambientes online. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, Brasília-DF, ano 2015, n. 2, ed. VII, 18 jun. 2010.

TIM, Instituto. **Pesquisa**: o círculo da matemática do Brasil. 2021. Disponível em: <http://www.ocirculodamatematica.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VIANNA, J; FERREIRA, T. Plataforma digital de educação: a percepção dos professores. **Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ)**, Rio de Janeiro, v. 7, n.14, 2018.

WANDSCHEER, K. T. Ensino remoto: um caminhar de possibilidades educativas. In: PALÚ, J.; SCHÜ, J. A.; MAYER, L. (Orgs). **Desafios da educação em tempos de pandemia**, Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 235-246.

ZUIN, A. A. S. Educação a distância ou educação distante? O programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96 - Especial, p. 935-954, out. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CRONOGRAMA

Quadro 6 – Cronograma

ATIVIDADES PRGRAMADAS	SEMESTRES				
	2º/2019	1º/2020	2º/2020	1º/20210	2º/2021
Obtenção de créditos	X	X	X		
Elaboração dos instrumentos de pesquisa	X	X			
Comitê de Ética		X	X		
Solicitação das autorizações para realização da pesquisa	X				
Fundamentação teórica	X	X			
Coleta e geração de dados	X	X	X		
Análise Crítica do material		X	X		
Elaboração preliminar do texto		X			
Qualificação		X			
Elaboração de artigo para publicação		X	X	X	
Análise de Dados			X	X	
Organização e sistematização dos estudos realizados			X	X	
Redação do capítulo - Análise de dados			X	X	X
Marcação da banca de defesa					X
Envio da dissertação para banca					X
Elaboração da apresentação para a defesa					X
Redação final					X
Revisão e defesa da dissertação					X

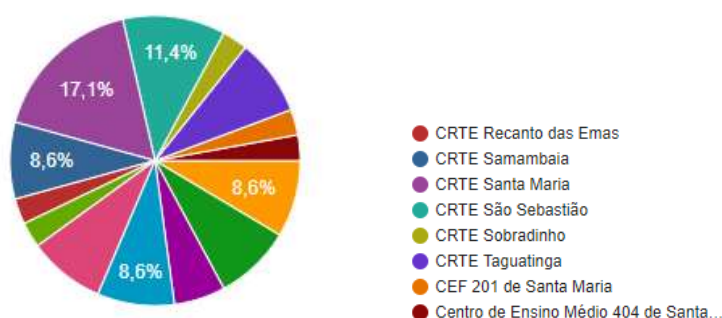
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

APÊNDICE B – RESPOSTAS DOS PROFESSORES AO QUESTIONÁRIO ONLINE

Link: <https://forms.gle/S3soy8Lho59knbFd7>

QUESTÃO 1 – Qual é o Centro de Referência Tecnológico Educacional (CRTE) que trabalha?

Figura 08 – Centro de Referência Tecnológico Educacional (CRTE) dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

QUESTÃO 2 – Quais foram as principais mudanças em relação ao seu trabalho que ocorreram durante o período de pandemia?

- Prof1.** Aumento do horário de trabalho, gasto com equipamentos e contratação de internet de maior qualidade, aumento da demanda de atendimentos e utilização do número de nossos telefones para atendimento de gestores, coordenadores.
- Prof2.** Passei a trabalhar remotamente, com aumento considerável da minha carga de trabalho, visto que passei a atender mais pessoas e de forma individual e com demandas bem variadas. Além disso, com ampliação do meu horário de trabalho, que muitas vezes se estendia até a noite.
- Prof3.** A adaptação de horários e rotinas em relação aos compromissos do lar e a enorme quantidade de material disponibilizado através de vídeos, imagens, textos, etc.
- Prof4.** Mudança de local: presencial para o remoto.
Mais formações de professores via online para conhecimento das ferramentas tecnológicas e ambientes virtuais de aprendizagem para uso com os alunos.
- Prof5.** Tudo ficou urgente, não havia tempo a perder, todos queriam estar dentro das salas e continuar a atender os estudantes.

- Prof6.** Trabalho remoto, atendimentos exclusivamente via celular e/ou videoconferência, sobrecarga de trabalho.
- Prof7.** Então ficar em casa sem contato com profissionais da educação e apreender novas tecnologias para desenvolver as atividades da Secretaria de Educação.
- Prof8.** Aumento de trabalho, aumento de dor na coluna devido ao uso do computador, aumento do cansaço na visão devido ao uso do computador, diminuição do estresse causado por conversa excessiva de estudantes durante as explicações.
- Prof9.** O que mudou na verdade foi a quantidade da procura por nossas formações e orientações, pois já fazíamos formações de informática educativa desde a criação do nosso NTE/CRTE em 2010. Ocorre que a plataforma oficial inicialmente adotada foi o *Google Classroom* vinculado às contas *Google* institucionais para professores e estudantes. Os CRTEs então já ministravam formações de ferramentas *Google* desde 2015/2016 e foi de muita valia esse conhecimento prévio por vários professores e gestores que tinham sido nossos ex cursistas. Tivemos que focar então na rápida assimilação das questões técnicas e pedagógicas envolvidas no ensino remoto, agora não por opção de uma formação em que os professores voluntariamente se inscreviam, mas sim pela obrigatoriedade repentina de todos terem que se adequar a esse paradigma.
- Prof10.** Diminuiu o deslocamento.
- Prof11.** A principal é o fato de perder o contato com as aulas presenciais, nos cursos, e como tudo que é novo dá trabalho, muita gente ainda não tinha noções do que é trabalhar remotamente, aí as dificuldades apareceram.
- Prof12.** Total, deixando de ser presencial para ser EAD. Além de ter que trabalhar em casa, sem as mesmas condições de mobiliário do ambiente do trabalho.
- Prof13.** Adaptar a estrutura de casa para o trabalho remoto.
- Prof14.** Mudança do presencial para o remoto, com necessidade de aprendizado em ferramentas digitais.
- Prof15.** O distanciamento integral.
- Prof16.** Mudança de ambiente presencial para o virtual.
- Prof17.** Mudança do presencial para totalmente virtual.
- Prof18.** Tive que sair da minha zona de conforto e aprender coisas novas.
- Prof19.** Trabalho home office.

- Prof20.** Foram mudanças nos horários de trabalho, que involuntariamente foram estendidas para dar conta das demandas, principalmente no início da pandemia.
- Prof21.** A principal mudança foi transformar cursos práticos (de robótica) em cursos que mesclam encontros online e aulas na plataforma virtual. Ministrando aulas sem a presença física do cursista.
- Prof22.** Nosso trabalho no ano de 2020 foi bem intenso, pois, demos todo suporte necessário a todos os professores com oficinas virtuais, sobre as plataformas e atividades a serem desenvolvidas durante a pandemia.
- Prof23.** Gerenciar uma escola híbrida, ficar mais tempo on-line e tornar produtivo esse tempo.
- Prof24.** O trabalho passou a ser exercido em casa, com meus recursos materiais e totalmente online.
- Prof25.** O uso constantemente das ferramentas tecnológicas e necessidade maior de comunicação, pois ficamos isolados.
- Prof26.** A locomoção ficou menor, tive menos segurança na expectativa de resultados e ficou muito necessário utilizar todo conhecimento prévio de tecnologias (adquiri mais conhecimento).
- Prof27.** Adaptação às novas metodologias de ensino.
- Prof28.** Falta de contato com alunos e colegas.
- Prof29.** A passagem de todas as aulas para o formato remoto.
- Prof30.** Os cursos remotos e os atendimentos virtuais em relação à plataforma *Google Sala de Aula*.
- Prof31.** 1 - Aumento da demanda de trabalho;
2 - Produção de Material Impresso;
3 - Retrabalho de escrituração;
4 - Trabalhar por metas;
5 - Repensar e readequar as rotinas para o Digital;
6 - Reuniões On-line;
7 - Utilização de um espaço virtual para atribuição de demandas administrativas, pedagógicas e escrituração escolar (*Google Classroom*).
- Prof32.** Adaptação de aulas 100% *on line*.
- Prof33.** Conhecimento / desafio.

- Prof34.** Meu trabalho ficou infinito, pois sempre tem e-mails para responder, cursos para fazer, reuniões para participar, aulas para serem criadas de forma mais interativa, pois os alunos participam pouco.
- Prof35.** Aumento excessivo de trabalho, contato maior com professores e gestores, acréscimo de atividades não pedagógicas à rotina de trabalho, necessidade de ampliar a internet de casa e melhorar os equipamentos.

QUESTÃO 3 – Quais são as plataformas usadas nas atividades síncronas e assíncronas e quais as principais diferenças levadas em consideração para as escolhas delas? Você as acha suficientes para a ministração dos conteúdos? Elas são as mesmas utilizadas antes da pandemia do COVID-19?

- Prof1.** Utilizamos toda a estrutura do *Gworkspace* para atividades e encontros síncronos e assíncronos. Além disso utilizamos o *Streamyard* para algumas transmissões e também alguns recursos educacionais da *Microsoft*, como *OneNote*, *Teams*, entre outros. Estes meios são suficientes para ministrar os conteúdos de nossos cursos, sendo estes também utilizados antes da pandemia.
- Prof2.** Plataformas utilizadas para atendimento do público alvo da minha frente de trabalho: *WhatsApp*, ligações telefônicas, e-mail.
- Prof3.** Foram escolhidas de acordo com a facilidade de acesso dos envolvidos. São as mesmas de antes da Pandemia, o que mudou foi a frequência e as formas de uso.
- Prof4.** Todas as ferramentas do *Google Workspace* voltadas para práticas pedagógicas, em especial *Google Meet*, *Classroom*, *Drive*, *Fotos* e *YouTube*. Elas já foram suficientes, desde as mudanças ocorridas pelo Google, perdemos alguns privilégios de usuários. Além disso, ferramentas como o *StreamYard* poderiam ter uma parceria com a SEE-DF a fim de que os professores pudessem trazer conteúdo ao vivo sem as limitações de usuários de contas free. Antes da pandemia usava a maioria dessas aplicações, mas com o isolamento social o uso passou a ser mais extensivo. Antes nunca tinha usado ferramentas como *OBS Studio* e *StreamYard* para se fazer "lives".
- Prof5.** Plataformas adotadas na SEEDF: *Google Classroom* e *Moodle*. A escolha foi mais direcionada ao seu uso antes da pandemia. Algumas escolas já utilizam o *Moodle* com seus alunos e professores, facilitando a permanência. É sempre bom aliar outros recursos para auxiliar no repasse/ construção de conteúdos.
- Prof6.** Tivemos diversas situações. O CEM 01 do Paranoá utilizava a Plataforma *Moodle* e teve que modificar suas ferramentas e aderir a Plataforma *Google*. Em um primeiro momento, o que realmente funcionou para que os jovens e as crianças não perdessem contato com a escola e seus

professores foi a Plataforma do *WhatsApp*, que ainda hoje, é a principal ferramenta no cenário das escolas do Campo, onde não há rede para o *Classroom* e menos ainda para o *Meet*. A Plataforma do *Google* é a mais simples, já existiam as contas *GSuite* e um grupo de professores que já utilizavam e um outro grupo que era capacitado para orientar quem começava e ainda se sentia perdido. Portanto todas essas plataformas já eram utilizadas antes da pandemia de COVID19.

Prof7. As plataformas usadas em atividades síncronas e assíncronas são: *WhatsApp*, *Google Meet*, *Google Gmail* e *Google Sala de aula*. Essas foram escolhidas devido a conta institucional adotada pela SEEDF e o *WhatsApp* por ser um recurso que permite comunicação mais rápida e por estar disponível para todos.

Esses meios auxiliam e acho que são suficientes, apesar de não achar que são os mais adequados visto que temos outros meios, como o *Moodle*, por exemplo que permite outras funcionalidades.

Antes da pandemia, já usava esses recursos, mas não era o único meio de ensino e aprendizagem. Tinha também as aulas presenciais.

Prof8. APP escola em casa, *Google for education*, SEI, sites, EAPE.

Acho faltou tem de formação para os profissionais da Educação, acho era usado muito pouco.

Prof9. *Google Meet* e *Classroom*. São as disponibilizadas pela Secretaria de Educação. Não são suficientes. Pois as aulas práticas precisam ser presenciais para a melhor aprendizagem dos estudantes. Não são as mesmas utilizadas antes da pandemia. Antes da pandemia, utilizávamos o *Moodle*.

Hoje temos a disponibilidade de utilização do *Google Meet* para aulas síncronas e as gravações ficam para assistirem posteriormente, além do próprio *Classroom* permitir a criação de atividades que podem conter vários tipos de mídia, além de confecção de materiais impressos distribuídos pela escola. Essa é a metodologia oficial, já que as contas *Google* institucionais de professores e estudantes dão acesso a ferramentas dentro do domínio da SEDF, o que permite maior segurança e mais consistência para a validação do ensino remoto. Entretanto isso não é suficiente devido a grande dificuldade de alguns estudantes em poderem acessar e alternar entre *Classroom*, *Meet*, *Google* documentos, e demais ferramentas do *Workspace* que a rede oferta, outra dificuldade também é o fato de a boa conectividade ser uma dificuldade muito grande em algumas regiões do DF, sobretudo nas áreas rurais, onde o sinal muitas vezes nem chega aos celulares que as crianças utilizam.

Tendo em vista a dificuldade acima, outras formas fora das ferramentas *Google* tiveram que ser adaptadas, sendo que o *WhatsApp* e as redes sociais estão sendo utilizadas para disponibilizar mais alternativas tanto para os estudantes que já estão adaptados quanto para conseguir levar para os que estão fora do ensino remoto a possibilidade de terem acesso as aulas.

Prof10. Cheguei agora no CRTE, não consigo ainda essa resposta.

- Prof11.** Utilizo o *Google Sala de Aula*, o *Google Drive*, Aplicativos do *Google*, o *WhatsApp*. Na verdade, já utilizávamos todas elas antes da pandemia, por serem parte do conteúdo do curso, porém muitos deixavam de usar logo que o curso acabava.
Todas elas se complementam, no tocante a ajudar o processo de aprendizagem, principalmente agora, de forma remota.
- Prof12.** Utilizamos o *Google Meet*, e o *Moodle*. Antes não utilizava o *Google Meet*.
- Prof13.** *Google* e *Moodle*. Cada uma tem suas particularidades, mas contempla a necessidade de atendimento remoto. Já eram utilizadas antes da pandemia, porém agora mais intensificado.
- Prof14.** A) *Google sala de aula* e *Moodle*,
B) As ferramentas se completam,
C) NÃO.
- Prof15.** *Gsuite*. Sim, praticamente em tudo.
- Prof16.** *Google Meet* e *Moodle* Ambientes/ferramentas síncronas adotadas pela SEDF. *WhatsApp*, *email* como principais ferramentas assíncronas. Facilidade do uso e decisão feita pela SEDF, através de avaliações e contratos. Sim são suficientes. Sim já eram usadas antes da pandemia do COVID-19.
- Prof17.** *Google Docs*, *Moodle*, *Google Meet*, *WhatsApp*, *YouTube*. Posso falar que em relação a documentação como textos e planilhas o *Google Docs* ajuda nesse quesito, o *Moodle* proporciona flexibilização tanto nas atividades síncronas quanto assíncronas, *Google Meet* é fundamental nas atividades síncronas como o *WhatsApp* e por fim o *YouTube* para postagem e disponibilidade tanto das *lives* gravadas e outros vídeos como fonte de consulta.
- Prof18.** Antes o contato era direto hoje é indireto.
- Prof19.** *Google Workspace*.
- Prof20.** *Meet*, *Google Classroom*, *Moodle*, *WhatsApp*. A maioria já conhecida, mas nem todas utilizadas com frequência
- Prof21.** Usamos o ambiente virtual *Moodle* de aprendizagem. Foi escolhido por ser a plataforma oficial da escola de formação da SEDF.
- Prof22.** Na nossa Escola utilizamos a plataforma *Classroom* uma vez por turma. Na pandemia cada professor tem sua plataforma. Utilizamos a *Wordwall* para elaboráramos jogos, leve workshop, *Jclil*, *site* e os formulário do *Forms*.
- Prof23.** Para atividades síncronas = *Google Meet*,
Atividades assíncronas = *YouTube*, *WhatsApp* e *Google Classroom*,

Acho suficiente, porém é a limitação quanto a políticas públicas para dar acessibilidade, Eram utilizadas, mas sem tanta frequência.

- Prof24.** *Google Classroom e Meet.* O *Classroom* já era usado com os colegas da escola para planejar as aulas no laboratório. Foram escolhidas por serem gratuitas, recomendadas pela SEDF e pela praticidade. Não são suficientes para as demandas, mas é o que temos.
- Prof25.** Pós pandemia: *Classrom, Meet, WhatsApp.* O material impresso usado antes e depois. Escolhidas pela facilidade de publicação e comunicação.
- Prof26.** Sim já havíamos iniciado o uso da plataforma *Google*, então focamos nela pois estava disponível com poucas limitações pela secretaria.
- Prof27.** YouTube, Instagram, *Facebook, Eddypuzzle, Google Classroom, Google Meet.*
- Prof28.** *Google Meet e Google Sala de Aula.* Não são as mesmas e não são suficientes.
- Prof29.** Utilizei apenas *Google Classroom.* Acho suficientes, apenas observo que junto a elas a utilização de um *app* de mensagens também pode ser produtivo no compartilhamento de mensagens rápidas.
- Prof30.** Síncronas: *Meet, YouTube* (transmissão ao vivo), *Jamboard.*
Assíncronas: Formulários *Google*, Documentos *Google*, *Google Sala de Aula.*
Essas são as mais usadas pois são as mais fáceis de se usar e as que estão disponíveis pelo acordo com o *Google.* Não são suficientes, tanto que sempre estamos mostrando outras ferramentas aos professores como o *Kahoot*, o *Flippity*, etc... e nem todas eram usadas em larga escala pelos professores.
- Prof31.** 1 - *Google Classroom* (assíncronas),
2 - *Google Meet* (síncrona).
- Prof32.** Utilizamos no CRTE as ferramentas do *Google.* Antes da pandemia já trabalhávamos com elas; mas com pouca adesão por parte dos professores. Agora com maior adesão deles.
- Prof33.** *Meet Google* sala de aula.
- Prof34.** A plataforma utilizada no ano de 2021 está sendo a plataforma *Google Classroom.* Já utilizávamos anteriormente, porém estamos agregando mais ferramentas em paralelo. Acho a plataforma em si nos atende, desde que consigamos agregar outros recursos junto a mesma.
- Prof35.** Já usávamos o pacote educacional da *Google* (*Classroom, Meet, Drive* e outros), mas de uma forma bem mais simples, apenas como subsidio para

os cursos do próprio pacote *GSuite*, com a pandemia, essas ferramentas se tornaram a única alternativa para as aulas em todos os cursos.

QUESTÃO 4 – Durante a pandemia a Secretaria de Educação do DF disponibilizou internet para acesso remoto em casa? Se sim, me informe a velocidade da operadora que foi disponibilizada, se não explique como enfrentou esse momento vivido.

Prof1. Não.

Prof2. O acesso foi disponibilizado somente para os estudantes, por meio do *app* Escola em Casa. Os professores tiveram que arcar com os custos para transmissão de suas aulas.

Prof3. Não. Foi necessário contratar um serviço de Internet com pacote de dados suficiente para o teletrabalho.

Prof4. Sim, mas apenas dos estudantes através da plataforma Escola em Casa.

Prof5. A SEEDF disponibilizou internet para o acesso. Não sei informar qual a velocidade.

Prof6. Não. Os professores foram se adaptando aos poucos e por conta própria, custo próprio.

Prof7. A SEEDF não disponibilizou acesso para que pudesse usar internet com todos os recursos em casa. A internet é apenas para o uso do *Google* Sala de Aula, com isso para fazer videoconferências, acessar outros dispositivos e planejar aulas preciso de internet também e isso não contempla o pacote. Enfim, uso a minha internet e os meus equipamentos para desenvolver meu trabalho.

Prof8. Sim, mais usei a minha particular 120 M.

Prof9. Durante a pandemia a Secretaria de Educação do DF NÃO disponibilizou internet para acesso remoto em casa para professores. Eu é quem pago minha internet.

Prof10. A SEDF ofertou um sistema de cobrança reversa de dados, as operadoras que estão disponibilizando são: TIM, VIVO e CLARO.

Prof11. A velocidade é a mesma que as operadoras disponibilizam para os clientes, já que apenas os dados móveis vinculados ao *app* Escola em Casa é que tem a disponibilização sem custos para o usuário, e é cobrado do Governo.

Prof12. Não. Utilizo Internet particular da minha residência.

Prof13. Para os professores nada foi disponibilizado, cada um trabalha com o que tem em casa. No início, meu computador estava com problemas com a câmera, logo tive que fazer adaptações. Hoje está muito mais tranquilo.

- Prof14.** Sim, mas não utilizei.
- Prof15.** Não. Ajuste no contrato de internet particular.
- Prof16.** A) NAO, FOI UTILIZADA INTERNET DISPONIVEL NA RESIDÊNCIA.
- Prof17.** Para estudantes de forma parcial.
- Prof18.** Não. Já tinha internet contratada, no meu caso tudo correu bem.
- Prof19.** Não. A banda está sendo custeada por recursos próprios.
- Prof20.** Não! Usei minha própria internet
- Prof21.** Disponibilizou para os alunos. Utilizei rede privada.
- Prof22.** Não, internet utilizada sempre foi particular.
- Prof23.** Uso minha internet particular, como sempre fiz. Não temos e nunca tivemos internet paga pela SEDF. No local de trabalho a internet é paga pelo governo federal. Programa Banda Larga nas escolas.
- Prof24.** Sim.
- Prof25.** A secretaria demorou muito a firmar um contrato. Não teve transparência no contrato. Não sabemos quem cobrar e nem conferir se há uma internet reversa funcionando
- Prof26.** A SEDF não disponibilizou. Tive que mudar meu pacote de internet e meu gasto dobrou.
- Prof27.** Não. Já tinha meu pacote de dados e internet banda larga residencial.
- Prof28.** Sim, porém acredito que não atendeu à necessidade, somente internet móvel foi disponibilizada, não atendeu à contento, tivemos que contratar ou melhorar uma internet de fibra ótica.
- Prof29.** Ofereceu, mas não funciona.
- Prof30.** Não tenho essa informação
- Prof31.** Em casa, não. O que temos é o acesso via celular para quem usa o *app* "escola em casa", mas no meu caso eu já tinha internet banda larga em casa de 15M.
- Prof32.** Sim. Foi disponibilizado dados reversos, com cobrança para a Secretaria de Educação através de um aplicativo chamado Escola em Casa DF, para alunos e professores. No entanto, não era disponibilizado para o *Meet* (síncrono).

Prof33. Não.

Prof34. Para mim, não foi disponibilizado. A informação que chegou até mim, foi que a SEEDF disponibilizaria internet para os alunos, quando isso aconteceu, nós já estávamos quase no meio do segundo semestre, e olhe lá. Porém, para os professores isso não aconteceu. Outra questão, disponibilizar internet para uso do *Google Classroom* somente, não adianta, pois temos que utilizar de outros recursos para trabalharmos e estudarmos, com isso, os alunos não acessam outros endereços... o *YouTube*, por exemplo...

Prof35. Não (Poderia dizer que sim se a internet reversa cobrisse toda a comunicação, mas ela só subsidia o acesso ao *Cassroom*), desta forma tivemos que usar a internet de nossas residenciais para acessar, e que não tinha banda larga residencial teve que pagar pacote de 4G, o que saiu muito caro.

QUESTÃO 5 – Além da plataforma, quais são os demais recursos tecnológicos utilizados para a ministração das aulas? Tais como, sistemas operacionais, aparelhos eletrônicos etc.

Prof1. Microfone, webcam, computador, mesa digitalizadora e softwares diversos.

Prof2. Sistemas operacionais: *Windows* e *Android*. Celular e notebook.

Prof3. Editores de vídeos como *Kinemaster*, *DaVinci Resolve*, *Shotcut* e *InShot*; direcionadores de videotransmissão como *OBS Studio* e *StreamYard*; editores de texto e planilhas, criadores de formulários e programas de ilustração e design como *Canva*, *Adobe Illustrator* e *Paint 3D*.

Prof4. Uso de encontros virtuais via o *MEET*. Uso de plataformas de sondagem de conteúdos como *Kahoot*, *Quizizz*, *Jamboard* e outros.

Prof5. Todo tipo de aplicativo pedagógico e algumas ferramentas como gravadores de telas, editores de vídeo no celular, sistemas de transmissão de *lives*, celulares recuperados de doação, enfim, todos se mobilizaram para atender as crianças e jovens. Porém, nem sempre foi possível, acha vista as dificuldades na área rural.

Prof6. *Windows*, notebook, smartphone, câmera, Aplicativos de gameficação (*Kahoot*, *Wordwall*, *Quizizz*, *Mentimeter*,...) Aplicativo para edição de vídeos (*openshot*, *kinemaster*).

Prof7. APP escola em casa, *Google for Education*, SEI, sites, EAPE. Notebook e celular

- Prof8.** Utilizo os seguintes aparelhos eletrônicos: *tablet (Android)*, celular (*Android*), *notebook (Windows 10)*. Trabalho com o *software Visualg* (para *desktop* e *laptop*) e com o *Pseudocode* (aplicativo para *Android*).
- Prof9.** Videochamadas no *WhatsApp*, messenger do *Facebook*, *lives* e videoaulas postadas no *YouTube*. A maioria dos alunos utiliza celular para estudarem, então é importante que todas as atividades e aulas sejam adaptadas para serem disponibilizadas nesse tipo de dispositivo. Focado no *Android*, mas a plataforma do Escola em Casa também funciona no *IOS*.
- Prof10.** Editores de texto, imagens e vídeos, planilhas e slides e programas para aulas virtuais.
- Prof11.** Uso o sistema operacional *Linux Ubuntu* no meu pc, e utilizo as ferramentas do *Google* para ministrar as aulas. Câmera, do pc e microfone externo.
- Prof12.** Utilizo somente o computador com *Windows 7* e *Linux Educacional 6*. E algumas poucas vezes utilizei o celular.
- Prof13.** *Desktops, notebooks, tablets*.
- Prof14.** UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS DISPONÍVEIS NA GOOGLE SALA DE AULA INSTITUCIONAL OFERECIDO PELA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E O MOODLE, FERRAMENTA OPEN SOURCE.
- Prof15.** Mensageiros. Celulares.
- Prof16.** Vários equipamentos são utilizados, destaco os mais utilizados: celular, notebook, desktop e *tablets*. Os principais sistemas operacionais utilizados foram o *Windows* e *Linux*.
- Prof17.** Aplicações para gravação e edição dos vídeos, laptop, câmera, microfone, editores de texto, planilha eletrônica, apresentação, ferramentas de desenho vetorial e matricial, além de modelagem para objetos 2d e 3d.
- Prof18.** *WhatsApp*.
- Prof19.** Computadores, celulares.
- Prof20.** *Scratch, WhatsApp, Khoot, Jamboard*, canais do *YouTube*, *Mentimeter*, celular, computador, caixas de som.
- Prof21.** Utilizo o *Windows*. Para gravar aulas uso a plataforma *OBS*. Para aulas utilizo o simulador de experimentos de robótica, chamado *Tinkercad*.
- Prof22.** *Meet, Jamboard*, jogos, atividades interativas e *WhatsApp*,
- Prof23.** *Windows, Android, IOS...*

- Prof24.** Uso meu celular, computador, comprei um pacote da Microsoft, um software para produzir jogos digitais, fone e microfone.
- Prof25.** *Google Meet* e *WhatsApp*,
- Prof26.** Redes sociais, *tablets* (com caneta funciona bem como mesa digitalizadora, substitui a lousa. Mas os *smartphone* foi o equipamento mais utilizado, o PC não ficou de lado muito usado para criação de material e organização dos mesmos.
- Prof27.** Celular, mesa digitalizadora, notebook, fone, refletor, microfone.
- Prof28.** Vídeos *YouTube*, filmes, plataforma de gamificação, teleaulas.
- Prof29.** Aplicativos de mensagem, normalmente são utilizados dispositivos móveis, como *smartphones* que utilizam *SO Android*.
- Prof30.** São utilizados celulares e notebooks com sistema operacional *Linux*.
- Prof31.** Foi feito o uso de diversos *sites* educativos, *site* de vídeos, visitas virtuais etc.
- Prof32.** Ferramentas *Google*, *Canva*, Editores de Vídeos, páginas e plataformas educacionais.
- Prof33.** Computador, celular, internet.
- Prof34.** Eu utilizo MEU NOTEBOOK, minha câmera do celular, para ter uma melhor imagem, meu tripé, meu sistema de iluminação, sistema operacional *Windows*, *Obs Studio*, pacote *Office*, dentre outros diversos...
- Prof35.** Necessitamos de um computador ou celular, um sistema operacional, uma *webcam*, as vezes um microfone e todo um aparato para aulas online, que a maioria de nós já tinha em casa, mas era para nossas necessidades privadas, e se tornaram públicos.

QUESTÃO 6 – Durante a pandemia o curso foi ministrado através do ensino remoto. Antes da pandemia o curso que ministrava aos docentes era presencial, híbrido ou EAD (Educação a Distância)? Quais as modalidades que, na sua percepção, são mais viáveis para o ensino da informática?

- Prof1.** Híbrido. Todas as modalidades são viáveis, quando há planejamento e investimento.
- Prof2.** O curso que ministrava antes da Pandemia era híbrido (encontros presenciais + atividades *on line*). A modalidade mais adequada ao ensino da Informática, ao meu ver, é a presencial.

- Prof3.** O curso era presencial, acredito que há conteúdos que podem ser sim ensinados à distância, outros não.
- Prof4.** Nossos cursos eram híbridos, ou seja, tínhamos encontros presenciais e as plataformas de aprendizagem para continuidade dos assuntos abordados. Acredito que está seja a melhor forma de modalidade para o ensino de informática ao nosso público: professores.
- Prof5.** O curso foi ministrado a distância, mas no primeiro momento, o que funcionou mesmo foram as oficinas. Aulas com 70, 80 ou 90 professores para que todos tivessem acesso às salas de aula. Foi muito puxado e muito cansativo, muita gente não sabia da existência da parceria com o Google e todos se dedicaram muito para que as escolas permanecessem visíveis na vida dos estudantes. Utilizamos o *site* da CRE para dar visibilidade às escolas e tentar deixar os professores mais à vontade. Além de disponibilizarmos conteúdos no *site* também. Um enorme esforço coletivo que nos fez aprender muito sobre parceria.
- Prof6.** Era híbrido. Entendo que o modelo híbrido (aulas presenciais e atividades a distância) são viáveis para o ensino de informática para adultos.
- Prof7.** Curso de *GSuite*, anos finais e ensino médio.
- Prof8.** Antes da pandemia o curso era presencial com aulas práticas. A modalidade presencial é a mais viável. Pois ainda existem muitos estudantes carentes que não possuem computador em casa. Aulas teóricas até podem ser de forma remota.
- Prof9.** Antes os cursos ofertados estavam na metodologia presencial e também híbrida como era o caso das Ferramentas do Google, entretanto no ensino remoto, alguns cursos são possíveis apenas com o uso de simuladores, já que não tem como fazer a parte de oficina com a parte física, como as formações de robótica.
Todas as modalidades são possíveis para o ensino da informática, levando em consideração a peculiaridade de cada conteúdo.
- Prof10.** A facilidade de não ter deslocamento é evidente nas aulas virtuais.
- Prof11.** Antes da Pandemia, o curso era híbrido, com 39 horas presenciais (13 encontros de 3 horas) e o restante da carga horária (81 horas) *on line*, com o uso da plataforma. No início da pandemia, em 2020, no segundo semestre, o curso foi disponibilizado de forma toda remota de 90 horas, com 10 encontros de 3 horas via *Meet*, e o restante de atividades remotas. Acredito que no formato híbrido, com os encontros presenciais e restante *on line* ou remoto, funciona muito mais.
- Prof12.** Antes da pandemia utilizamos o presencial, ao meu ver, para nosso público, ainda é o de melhor aceitação, uma vez que nossos cursos são básicos. Em níveis intermediário e avançado outras formas são bem aproveitados.

- Prof13.** Todas. Respeitando a especificidade que cada conteúdo exige.
- Prof14.** A) OFERECIDO PRESENCIAL ANTES DA PANDEMIA;
B) HIBRIDO.
- Prof15.** 80 % presencial.
- Prof16.** Antes da pandemia todo conhecimento era repassado presencialmente. Tanto o ensino presencial ou híbrido pode ser implementados sem o menor problema.
- Prof17.** Era presencial. Na minha visão ensino presencial com uma pequena parte online ajuda nas atividades.
- Prof18.** Olha, é o ensino híbrido.
- Prof19.** Presencial.
- Prof20.** Antes era presencial e híbrido na plataforma *Moodle* ou *Classroom*. O ensino híbrido é a melhor modalidade para o ensino de informática.
- Prof21.** Antes da pandemia o curso era todo presencial e tínhamos o AVA para repositório e fóruns de discussão.
- Prof22.** *Gsuite*.
- Prof23.** Não sei informar.
- Prof24.** A modalidade híbrida é mais viável, pois permite ao cursista tirar dúvidas nos encontros presenciais e desenvolver sua independência nas atividades EAD.
- Prof25.** Presencial e EAD.
- Prof26.** Híbrido, acredito que foi e será p mais viável.
- Prof27.** EAD
- Prof28.** Obs.: trabalho em escola e não em CRTE.
- Prof29.** Normalmente híbrido. Todos são viáveis, a depender do planejamento e proposta do curso.
- Prof30.** O ensino, seja da informática ou de qualquer outra modalidade, depende muito mais do planejamento e do engajamento de professores e alunos do que do fator de ser presencial, híbrido ou EAD.

- Prof31** Híbrido ou a Distância. Os polos geralmente não são localizados próximos da Unidade de Ensino e gastasse tempo com o deslocamento. Atendem a uma quantidade maior de pessoas.
- Prof32** No caso da rede pública, em que muitos professores ainda não têm muita experiência em tecnologias educacionais, é melhor o ensino presencial, pois precisamos atender de forma personalizada aos professores. É interessante ensinar, esperar que eles façam e ir tirando dúvidas simultaneamente.
- Prof33.** Acesso remoto.
- Prof34** Presencial. Na minha concepção o formato Híbrido é uma boa opção, pois temos a disponibilidade dos conteúdos online, para acessarmos no momento que melhor nos atende, e de tempos em tempos, poderíamos ter as explicações mais importantes no modelo presencial, pois é muito enriquecedor esses encontros...
- Prof35.** Antes o curso era presencial, com atividades à distância, com a pandemia passamos a ter cursos apenas online, para os professores que já possuíam um conhecimento na área, já foi difícil, imagine para os que não conheciam ou se recusavam a fazer curso de informática, para esses foi uma tortura. Nos cursos presenciais, podíamos ter um olhar mais individualizado, mais pessoal e mais humano para esse último grupo, já com os cursos à distância isso fica bem mais difícil de acontecer.

QUESTÃO 7 – A partir da experiência vivida, após a pandemia, você continuaria usando o mesmo modelo de ensino que tem sido usado atualmente? Por qual motivo? Quais ferramentas e aspectos você acha que deveriam ser mantidos?

- Prof1.** O uso do modelo de ensino não é escolhido pelo professor, é uma determinação de uma Secretaria de Estado. No entanto, o professor pode utilizar ferramentas que melhorem o processo de ensino e aprendizagem. Consideramos que deve ser mantido e melhorado o acesso dos cursistas às plataformas digitais educacionais com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino.
- Prof2.** Muitas práticas foram transformadas pela Pandemia, por exemplo, as reuniões de trabalho. Na minha opinião, 99% delas devem continuar de maneira remota, afim de evitar aglomeração desnecessária, otimizar o tempo, dentre outras vantagens.
- Prof3.** Sim, o trabalho híbrido facilitaria a comodidade de ajuste do trabalho em relação às demais rotinas, sem prejudicar a qualidade do ensino, uma vez que o presencial ajudaria nas relações sociais e no rápido feedback.
- Prof4.** Após pandemia espero que os encontros presenciais retornem com mais significância e sejam mais produtivos. Podemos dinamizar alguns

encontros com os recursos aprendidos neste período de pandemia, mas para complementação, tais como: uso de aplicativos de sondagem virtuais, AVA para continuidade do aprendizado, lives para um número maior de participantes.

- Prof5.** Acho que o ideal é que tenhamos formação tanto presenciais, quanto online, visto que temos todo tipo de profissional para atender. Hoje em dia por exemplo, reservo uma hora por semana para atender uma única professora que tem fobia de tecnologia e se sente profundamente insultada pela obrigatoriedade de atuar de modo virtual. Existe um trabalho psicológico que precisamos fazer, nosso público é diverso e talvez seja preciso diversificar também a aprendizagem tecnológica.
- Prof6.** Após a pandemia entendo que o ensino híbrido atende melhor pois tem o momento da aula presencial em que o aluno está fora do contexto da casa dele e desse modo ele pode dedicar-se melhor nas aulas tirando dúvidas e acompanhando as aulas.
- Prof7.** Sim, por trazer modernidade e inovação, registro e suporte pedagógico para facilitar a aprendizagem dos estudantes. Google Gwokrspace.
- Prof8.** Não continuaria usando o mesmo modelo de ensino. Pretendo adotar o modelo de sala de aula invertida.
- Prof9.** Em parte, já que por origem o Google Classroom (plataforma usada pela SEDF) não é completo para a educação totalmente a distância, mas como complemento às aulas presenciais. A metodologia utilizada do ensino remoto pode ser usada mesmo depois da pandemia, mas complementando o que é ensinado presencialmente dentro das escolas.
- Prof10.** Sim, aulas virtuais.
- Prof11.** Não continuaria totalmente remoto, daria preferência para utilizar o formato híbrido, com encontros presenciais. Acredito que a aprendizagem é mais efetiva, e que podemos atender de forma mais humanizada e personalizada. Acredito que tudo que utilizamos hoje de forma remota, pode continuar sendo utilizados e ainda complementados com as novidades que aparecerem.
- Prof12.** Acredito que não utilizaria, pois o nosso público necessita de uma atenção especial, por serem cursos básicos, com profissionais que buscam conhecimentos mínimos nessas ferramentas. Mas poderíamos manter atendimentos através do *Google Meet*.
- Prof13.** Pós pandemia, penso em modelo híbridos.
- Prof14.** A) SIM;
B) HIBRIDO, PODEMOS ATENDER VIRTUALMENTE UM MAIOR NÚMERO DE ALUNOS;
C) AMBIENTE MOODLE.

- Prof15.** Ajustaria para estratégia mais dinâmica. Estratégias ativas.
- Prof16.** Continuará utilizando todas as ferramentas para ensino presencial e também utilizaria aplicativos e soluções virtuais.
- Prof17.** Não continuaria, mas aproveitaria grande parte do aprendizado neste período e faria uma adaptação para o presencial. Todos os recursos devem ser mantidos para agregar nas aulas.
- Prof18.** Eu odiei a nova ferramenta por não conseguir dominar totalmente.
- Prof19.** Foi uma experiência de inovações e aprendizados. Mesclaria uma estrutura online/presencial (híbrido), utilizando todas as ferramentas que estão tendo sucesso nesse momento.
- Prof20.** Em parte, sim, o *Meet* foi um aliado para aulas e pode ser utilizado como um plantão de dúvidas ou uma aula extra, por exemplo. O *Google* sala de aula, já fazia parte da prática antes da pandemia, visando complementar o ensino híbrido, excelente ferramenta.
- Prof21.** Não continuaria, pois preciso do presencial para ensinar robótica. Mas gostei de usar as plataformas para encontros virtuais. Apresentar alguns conteúdos ou tirar dúvidas dos cursistas.
- Prof22.** As ferramentas são muito ricas, em nossa escola já tínhamos a prática de trabalharmos com nossos estudantes e depois da pandemia essas novas estratégias devem ser incorporadas ainda mais em nossas aulas.
- Prof23.** Continuarei utilizando e incentivando a autonomia dos estudantes através das ferramentas tecnológicas apresentadas.
- Prof24.** Não. Todos nós mudamos com a pandemia. O *Google* Sala de Aula deve ser mantido.
- Prof25.** EAD é mais organizado e segue um padrão lógico de sequência didática, biblioteca, fórum, chat, atividades, provas cronometradas, é possível aprender somente com materiais e interação. No ensino remoto a interação é menor, apesar de muitos normativos, cada professor monta a plataforma como quer ou como entendeu. É difícil a Coordenação Pedagógica organizar tudo. E quando a equipe gestora cobra um pouco mais, o professor regente reclama, fica doente, em depressão, fala que é assédio, fala que SEDF não deu condições...
- Prof26.** Acredito que tudo que foi instituído na pandemia terá sua utilidade no pós.
- Prof27.** Sim. Facilidade, acessibilidade.
- Prof28.** Penso que híbrido, com boas condições técnicas, de material e de treinamento é o caminho.

- Prof29.** Sim, o ensino híbrido e remoto evita descolamentos e momentos síncronos obrigatórios e isso é bom, pois o cursista pode escolher os momentos que mais tem disponibilidade para estudar e realizar as tarefas.
- Prof30.** Como disse anteriormente, o importante é o planejamento e o engajamento dos professores e alunos dos cursos, então podemos usar qualquer uma das ferramentas já utilizadas durante a pandemia ou mesmo antes dela.
- Prof31.** Algumas ferramentas a nível de complementação do ensino. O contato presencial de aluno e professor ainda é indispensável. Existe um condicionamento que é imposto ao estudante em termos de rotina que favorecem as práticas educativas. Nem sempre as famílias têm condições de acompanhar por questões de trabalho ou por questões de escolaridades ou compreensão da temática.
- Prof32.** No pós pandemia, acredito que muita coisa vai mudar, não poderemos retornar disso tudo como entramos. A experiência com ferramentas remotas, vivenciadas até aqui, precisam ser aprimoradas em prol da aprendizagem dos alunos.
- Prof33.** Vários, ele acaba igualmente a sala de aula presencial.
- Prof34.** Acredito que temos que ter um melhor projeto para continuarmos atuando assim, porque fomos pegos de surpresa, sem uma estruturação específica. A questão dos conteúdos online, paralelamente a alguns encontros presenciais seria uma boa opção.
- Prof35.** Creio que o ideal a partir de agora seja o híbrido, pois poderá ser aproveitado o melhor dos dois mundos, mantendo as aulas online, mas não abandonando as presenciais, principalmente para tirar dúvidas e auxiliarem aqueles que tem mais dificuldade.

QUESTÃO 8 – Quais os maiores desafios enfrentados nesse período com a utilização da tecnologia, em relação aos recursos utilizados? Justifique.

- Prof1.** Desafio é ter tais recursos e com qualidade!
- Prof2.** A distância é um desafio importante ao se ensinar a usar tecnologia, justamente porque ela é o meio e o fim ao mesmo tempo. A insegurança dos professores em utilizar as tecnologias recém aprendidas com seus alunos. As urgências foram mais evidentes e mais gritantes do que nunca. Não havia tempo hábil para processar e/ou classificar as demandas do dia a dia. Tudo era urgente! Pra ontem!
- Prof3.** Equipamentos. Os computadores, smartphones, microfones, câmeras, hardware de armazenamento, equipamentos de iluminação e etc estão muitíssimos caros, longe da realidade econômica do professor.

- Prof4.** Domínio das ferramentas; Acesso a uma internet de qualidade; Equipamentos melhores para uso em casa.
- Prof5.** Rede de Internet. Tudo fica difícil sem rede que sustente, esse é o futuro da inclusão digital e social.
- Prof6.** Um dos maiores desafios em relação aos equipamentos diz respeito ao sinal de internet que é entregue para o consumidor, pois a conexão oscila muito durante o dia.
- Prof7.** A falta de tempo para a formação e capacitação, disponibilidade de formadores, equipamentos, internet de alta velocidade, suporte técnico e uma gestão eficiente por parte da Secretaria.
- Prof8.** Não tive muita dificuldade para trabalhar com tecnologia.
- Prof9.** A necessidade de capacitação para os professores, para que estes pudessem auxiliar os estudantes e as famílias na adaptação para o uso da tecnologia. Muitas famílias têm mais de um filho estudando na rede e grande parte desses alunos compartilham um mesmo aparelho celular e alguns tem que usar os dos pais, que na maioria dos casos só podem disponibilizar para os filhos quando chegam do trabalho, além dos que sequer tem sinal de celular onde moram.
- Prof10.** Nessa região temos muitos problemas de queda de energia e Internet lenta também atrapalha.
- Prof11.** Os principais desafios hoje, para os cursistas é a questão de organização do tempo de trabalho, que está misturado com o tempo das coisas de casa. A escola está exigindo muito do professor, e com isso muitos estão assoberbados de tarefas da escola, o que também acaba atrapalhando para se concentrar nas formações.
- Prof12.** Falta de apoio, pois em casa não existia mobiliário e recursos tecnológicos disponíveis. Além, de estar utilizando recursos próprios sem contrapartida ou ajuda de custo.
- Prof13.** No meu caso fadiga dos equipamentos e internet
- Prof14.** CURVA DE APREENDIZADO, PROFESSORES E ALUNOS.
- Prof15.** Limitação de recursos tecnológicos e de formação pessoal.
- Prof16.** A falta de conhecimento por parte da comunidade de estudantes quanto ao uso das ferramentas e conexões lentas e as vezes ausente.
- Prof17.** O maior de todos sem sobra de dúvida está relacionado aos alunos com dificuldade em ter acesso aos equipamentos e a interação dos cursistas.

- Prof18.** Foi a falta de tempo de aprender mesmo.
- Prof19.** O acesso dos alunos as tecnologias (internet/equipamentos).
- Prof20.** Adequação das aulas para ao ensino remoto, Internet às vezes lenta, Contar com a participação dos cursistas nas aulas via *Meet*, pois alguns se ausentavam durante o processo e ao serem chamados não respondiam.
- Prof21.** O problema é orientar o cursista a fazer ligações que os nossos olhos não conseguem visualizar. Na robótica tem sido um grande desafio.
- Prof22.** O despreparo dos professores com essas novas ferramentas.
- Prof23.** Analfabetismo digital.
- Prof24.** A falta de recursos tecnológicos e internet de qualidade para exercer meu trabalho. Quando fomos mandados para casa tivemos que enfrentar a pandemia como todos e se virar sem nenhum apoio financeiro do governo, tivemos que adequar nossa casa para exercer nosso trabalho. Meu celular, não é meu, meu e-mail não é meu, meu computador não é meu. É tudo da SEDF.
- Prof25.** Professor entender que aquilo que ele faz em sala presencial é necessário fazer no remoto, quando possível, no mínimo estar presente em todas as aulas. Tem professor que programa conteúdo, e como a plataforma é o canal oficial, a escola não pode obrigar o professor ficar em videochamada ou live. No caso do aluno o problema é mais complexo, da falta de estrutura ao relaxamento da rotina e programação diária acompanhada antes por todos os funcionários da escola. Até o pessoal da vigilância, cantina e limpeza orienta os alunos, os professores com a parte Pedagógica e Social, e a equipe gestora acompanhando e direcionando toda essa integração e rotina escolar. Não estou dizendo pela plataforma não seja possível. Digo que o vigilante sabe se aluno chega no horário, a equipe da cantina se aluno se alimenta direito, o pessoal da limpeza se o aluno colabora em manter o local limpo, os coordenadores se o aluno tem problema de indisciplina ou aprendizagens, e o professor que tem mais contato no remoto, mas não é como no presencial. Evasão e desistência cresceu na minha escola, mesmo com campanha de busca ativa dos alunos.
- Prof26.** Lidar com o pouco conhecimento dos docentes quanto à tecnologia.
- Prof27.** Pessoalmente nenhum.
- Prof28.** Uso de equipamentos obsoletos, baixa velocidade da net e falta de preparação dos professores para essas tecnologias.
- Prof29.** Ficar muitas horas em frente a tela é muito cansativo; a falta de contato humano traz desânimo e dificulta o compartilhamento de ideias.

- Prof30.** A falta de experiência dos professores em relação ao uso das tecnologias.
- Prof31.** O maior desafio é o atendimento dos estudantes que não tem acesso à Internet e/ou a um dispositivo que permite o acesso. Temos situações drásticas de estudantes que moram em zona rural que não dispõem nem de sinal de internet. Deve-se pensar em uma política pública que torne a internet tão indispensáveis quanto água e luz, necessidade básica, pois este ainda continua sendo um motivo de exclusão das pessoas.
- Prof32.** Na nossa vivência de CRTE, acredito que seja a infobetização dos professores. Muitos deles não tinham sequer e-mail institucional; e, se tinham, não utilizavam.
- Prof33.** Não tive dificuldades.
- Prof34.** Falta de recursos.
- Prof35.** Custos. Com as aulas indo 100% para o online, não bastou ter uma internet que básica, tivemos contratar mais velocidade para dar conta das reuniões e das outras atividade que o restante dos membros da família continuavam fazendo ou passaram a fazer em casa também. Tivemos que melhorar equipamentos e as vezes tivemos que comprar novos já que mais pessoas da família utilizariam ao mesmo tempo, não bastava apenas um computador como era antes, era necessário um para cada membro da família poder cumprir suas tarefas, estudar ou simplesmente se divertir.

QUESTÃO 9 – Quais os principais auxílios oferecidos pelos professores de informática aos professores participantes dos cursos ofertados? Qual sua principal função no auxílio à estes professores cursistas? Quais cursos foram ofertados pré-pandemia e durante pandemia?

- Prof1.** I - Orientar, acompanhar e avaliar as atividades pedagógicas inerentes à utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC;
 II - Propor e articular formação continuada aos profissionais da Carreira Magistério Público na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC;
 III - assessorar as unidades escolares quanto à elaboração de projetos pedagógicos na área de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC;
 IV - Promover o intercâmbio de experiências significativas;
 V - Sensibilizar e orientar quanto à implantação e implementação de tecnologias educacionais;
 VI - Promover a aprendizagem colaborativa por meio da utilização das tecnologias educacionais;
 VII - apoiar e implementar as formações continuadas de projetos do Governo Federal e do Distrito Federal ou de instituições parceiras.
 Os cursos ofertados pelos CRTEs: *Gworkspace*, Uso de ferramentas digitais, *Scratch*, *app inventor*, robótica, dentre outros.

- Prof2.** Por iniciativa da EAPE, ofertamos cursos rápidos de ambientação da Plataforma Google, para todos os professores do DF.
Minha função foi de professora formadora.
Curso: Ferramentas do Google para Educação
- Prof3.** No CRTE oferecemos cursos dos mais diversos em auxílio ao magistério, desde curso completo sobre as ferramentas Google, passando por programação básica para educação até criação de conteúdo audiovisual.
- Prof4.** Nossas capacitações virtuais: via *Meet* ou pelo *Stream Yard* para atingir um número significativo de professores.
Minha principal função se deu na capacitação continuada aos recursos digitais para o uso pedagógico.
Cursos ofertados durante a pandemia: Curso Google e suas Ferramentas; Curso *Scratch*, Curso de Robótica, além de oficinas diversas com temas voltados a um software/plataforma educacional.
- Prof5.** Todos os nossos cursos atualmente estão focados nas salas de aula virtuais. O que pode se modificar são as outras ferramentas pedagógicas que vamos incluindo de acordo com o nível do envolvimento com tecnologia que os professores vão apresentando. Verificamos que as salas continuam heterogêneas como sempre.
- Prof6.** Auxílio ao uso do Google Sala de Aula e *Google Meet* e aos outros dispositivos do *Google*.
Durante a pandemia o curso ofertado foi o *GSuite* (*GWorkspace* nome atual)
- Prof7.** Foi oferecido um curso básico das ferramentas do *Google Gsuite*, levar conhecimento aos professores para desenvolver atividades educacionais, *MOODLE ONLINE - INICIANTE*, *GSUITE - FERRAMENTAS DO GOOGLE PARA A EDUCAÇÃO*, *PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO: PRÁTICAS SOCIAIS*, *PROPOSTA METODOLÓGICA E DESIGN*
- Prof8.** Acredito que esta pergunta seja destinada exclusivamente a professor de CRTE. Este não é o meu caso.
- Prof9.** Os **CRTEs** estão em atividade nas 14 regionais desde 2010, nos anos anteriores funcionavam em pólos que agregavam o atendimento aos professores dessas regionais, subsidiados pela parceria com o MEC no programa Proinfo criado em 1997, e equipou vários laboratórios de informática em todo o Brasil. A EAPE sempre aceitou projetos de cursos autorais dos CRTEs e certificou os professores cursistas em várias formações. Essas ações foram de grande valia para o enfrentamento à pandemia, já que muitos dos ex cursistas hoje estão em gestão de escola, supervisão e coordenação pedagógica, e com as aprendizagens e abordagens que já possuíam puderam ser protagonistas nas ações que precisaram ser tomadas, dada a necessidade e urgência de se começar a trabalhar com a educação mediada por tecnologias.

- Prof10.** Cheguei agora no CRTE, não consigo ainda essa resposta.
- Prof11.** Tudo hoje que o curso oferece, é material de auxílio ao professor. Usamos exatamente as ferramentas que mais os professores precisam para suas aulas. Aqui, ofertamos os cursos do *Scrath*, o *GWorkspace* e Robótica para professores. Todos esses cursos já eram ofertados antes, e continuamos ofertando agora, porém no formato totalmente remoto.
- Prof12.** Como núcleo de tecnologia, oferecemos suporte na formação dos profissionais com cursos em: Google e suas ferramentas, Robótica e *Scracth* – criação de jogos educativos. Além de várias oficinas pontuais com temas como: *Google Sala de Aula*, Plataforma Escola em Casa do DF, formação básica na utilização do SEI, *Google Meet*, *Google* Formulários, *Google Drive*.
- Prof13.** Criamos uma rotina de formações das ferramentas básicas. E suporte constante.
- Prof14.** CURSOS OFERTADOS PELA SECRETARIA GOOGLE SALA DE AULA E MOODLE.
- Prof15.** Formação, consultoria e oficinas de formação.
- Prof16.** Suporte em todos softwares utilizados e dificuldade com o hardware utilizado, repasse de informações via sala de aula (laboratório de informática) abordagens quanto ao uso de diversas ferramentas para auxiliar na construção de aulas virtuais.
- Prof17.** Como estou tratando diretamente com alunos não pude identificar quem foi contemplado com algum recurso.
- Prof18.** Eles acharem que tudo é muito fácil é todo mundo tem a mesma facilidade para aprender.
- Prof19.** Nosso polo é novo e está em reestruturação. Foi oferecido o curso "*Gworkspace*" EAPE.
- Prof20.** Foi a formação continuada, sendo os principais cursos e oficinas: *Gsuite*, oficinas para o uso da plataforma *Google*, *Meet* para tirar dúvidas mais frequentes. Trabalhou-se também o *Scratch* como ferramenta para criação de jogos educativos e o audiovisual na prática pedagógica.
- Prof21.** Nós, formadores dos CRTEs damos todo o suporte ao professor para a realização do curso. É pegar não mão, mesmo que de modo online. Ofertamos os cursos. *Scratch*, robótica, Ferramentas do Google.
- Prof22.** Oficinas, auxílio nas confecções do Google formulário, Google apresentações, jogos, atividades interativas, edição de vídeos e etc.

- Prof23.** Foi oferecido um curso de ferramentas tecnológicas durante a pandemia. Não pude participar.
- Prof24.** Minha principal contribuição foi com oficinas de Formulário, Sala de Aula do Google e demais ferramentas do Google para os professores da escola.
- Prof25.** Sou professor de informática, como na EJA não tem essa disciplina escolhi matemática e depois sala de Coordenação. Tente fazer algumas capacitações na escola, porém o laboratório é muito limitado. Computadores da licitação de 2008 do MEC e só roda Linux. Além da falta de tempo e motivação do professor regente em querer participar. Então eu direciono o grupo com informes sobre cursos na EAPE, CRTE, e cursos EAD. Por fim ajudo remotamente os professores com dificuldade em acessar a plataforma, *Meet*, *Sei*, *email* institucional...
- Prof26.** *GSUITE*, antes e durante.
- Prof27.** Sempre disponível para auxiliar no esclarecimento de dúvidas.
- Prof28.** Utilização de plataformas e conhecimento dos recursos de sistemas operacionais, *apps*, etc.
- Prof29.** Não tenho essas informações.
- Prof30.** Orientação e acompanhamento dos projetos e planejamentos de aula. Orientação em relação ao uso das ferramentas do *Google* Sala de Aula. Antes da pandemia oferecíamos os cursos de *Scratch*, *Google* Sala de Aula e *Robótica* e durante a pandemia retiramos apenas o curso de *Scratch*.
- Prof31.** 1 - Formação, orientações e suporte para uso das plataformas.
2 - Palestras para inovações tecnológicas.
Cursos: Formação na Plataforma *G Suite*, Formação e *Moodle*, Produção de Material Didático pedagógico, Inovações tecnológicas e Formação continuada semestral e a distância através Escola de Aperfeiçoamento de Professores.
- Prof32.** Já trabalhávamos com as ferramentas do *Google*, mas a adesão dos professores não era tão grande. Com a pandemia, a grande maioria adotou, de alguma forma, a vivência on line, assim sendo, precisamos reformular o ensino do *Classroom* (sala de aula) para ajudar os professores da rede a utilizarem com seus alunos. Uma vez vencida essa etapa, focamos nas mais variadas tecnologias educacionais, jogos, *app*, etc., para que eles fomentassem sua prática pedagógica.
- Prof33.** Curso de robótica.
- Prof34.** Não sei bem.

Prof35. O foco dos cursos antes da pandemia eram os mais variados possível, tínhamos cursos de robótica, de office, de programação de editoração gráfica de edição de vídeo e claro, de pacote *Google* para sala de aula (*GSuite*), durante a pandemia o foco ficou voltado principalmente para os cursos voltados às aulas remotas, não só ao *Classroom*.

QUESTÃO 10 – Os docentes que participaram desses cursos tiveram dificuldade em colocar o que foi ensinado em prática, em suas aulas? Em relação aos que apresentaram, quais foram essas dificuldades?

Prof1. Sim. Devido à falta de estruturação nas escolas, à falta de material para pôr em prática (seja da escola ou do professor) e no contexto pandêmico a alta evasão escolar.

Prof2. Muitos ainda têm dificuldades. Muitos ainda têm resistência ao uso de tecnologias para ministrar conteúdos. Algumas dificuldades foram sanadas, outras estão em processo de mudança. As principais dificuldades relatadas são relacionadas às condições dos alunos que não tem os recursos necessários para receber o ensino remoto de forma satisfatória. Faltam dispositivos e falta sinal de Internet, dentre outras coisas.

Prof3. Sim, com o ensino remoto há necessidade de maior tempo para pleno aprendizado do que já ensinávamos; logo o tempo se mostrou insuficiente diante de tanto a transmitir; além das reclamações constantes sobre instabilidade da internet e a dificuldade na compra de equipamentos para o trabalho remoto.

Prof4. A sua maioria não apresentou dificuldades. Eles se mostraram bastante receptivos a tudo que estivesse relacionado com as TDIC e seus usos em sala de aula.

Prof5. Acho que todos estão colocando em prática nas suas vidas profissionais e alguns estão fazendo um trabalho realmente eficiente e criativo. É impressionante ver crianças enviando *emojis* nos chats, obedecendo regras de convivência nas salas. Sei porque participo de saraus e acompanho professores que tem problemas com alguma ferramenta. Entramos com as senhas deles às vezes e trabalhamos dentro das salas.

Prof6. De um modo geral, o que eles foram aprendendo já podiam aplicar em suas práticas.

Prof7. Sim, faltou mais tempo para absorção do conteúdo, internet, máquinas e material didático.

Prof8. Acredito que esta pergunta seja destinada exclusivamente a professor de CRTE. Este não é o meu caso.

Prof9. As maiores dificuldades não foram por falta de conhecimento prévio dos ex cursistas, mas sim pela metodologia que a SEDF adotou, que de início foi mais focada nas tele-aulas, que logo foram revertidas para o *Classroom*. A

maior dificuldade foi mesmo a abstração que teve que ser feita pelos que não conheciam a plataforma, já que nunca precisaram sair da sala de aula presencial, que lhes era mais "confortável", a EAPE ofertou duas formações introdutórias em momentos distintos, o que ajudou muita gente a pegar o ritmo.

- Prof10.** Cheguei agora no CRTE, não consigo ainda essa resposta.
- Prof11.** Sempre tem dificuldade, tudo no início foi mais complicado ainda, até quem já tinha feito o curso percebeu a dificuldade em utilizar, porém com o tempo, e com a prática, as ferramentas foram sendo mais efetivas, e quem já havia feito o curso se destacou com mais facilidade em utilizar. Com a proposta dos novos semestres, mais gente foi conseguindo utilizar na prática, o que vimos muitas vezes na teoria, ou numa prática de testes.
- Prof12.** Falta de experiência em lidar com as tecnologias.
- Prof13.** Conseguiram em partes, as dificuldades são as mesmas que enfrentamos (equipamentos/internet)
- Prof14.** A) SIM, UM MUNDO NOVO PARA TODOS,
B) COLOCAR SEU MATERIAL PRODUZIDO PARA O PRESENCIAL PARA O REMOTO, EM UMA MODALIDADE DE ENSINO QUE NÃO ESTAVAM PREPARADOS.
- Prof15.** Não acompanhei.
- Prof16.** Alguns tiveram facilidade pois já utilizavam ferramentas para compor o ensino presencial. Outros, porém que não faziam uso dessas ferramentas tiveram um pouco mais de dificuldade, que com o tempo e o uso constante das ferramentas foram aos poucos sanadas.
- Prof17.** Uma parcela sim devido a limitação tecnológica.
- Prof18.** Tive é tenho.
- Prof19.** Não estou ministrando o curso.
- Prof20.** A princípio sim, mas tudo foi se adequando com a prática.
. As dificuldades foram mesmo a familiarização com ferramenta e prática;
- Prof21.** Eles apresentam dificuldade para colocar em prática, pois ficam com medo de fazer ligações novas, sem a presença física do formador. Na robótica tem sido um grande desafio. E o período pandêmico tem tornado o tempo para formação pequeno e percebo pouco envolvimento dos cursistas com as atividades.
- Prof22.** No início, sim, estamos dando o apoio necessário para que se apropriem dessas tecnologias.

- Prof23.** O básico foi ofertado e conseguido colocar em prática com muitos aprendendo ao utilizarem e já estarem em contato com os estudantes.
- Prof24.** Tiveram dificuldades. A principais dificuldades que identifiquei foram: Falta de equipamentos eletrônicos e resistência ao uso das tecnologias.
- Prof25.** Sim, a dificuldade de memorizar as funcionalidades. Muitos não vão ler novamente o material, preferem perguntar ou fazer videochamada.
- Prof26.** Sim, planilhas, formulários, apresentações foi onde tiveram mais dificuldades.
- Prof27.** Sim. Principal dificuldade internet.
- Prof28.** Falta de contato com essas tecnologias.
- Prof29.** Algumas das tecnologias educacionais apresentadas nos cursos dependem de estrutura nas escolas para serem aplicadas de forma eficaz e nem sempre isso ocorre. Outro fator pode ser o simples fato que alguma tecnologia não seja adequada à disciplina ou faixa etária dos estudantes dos professores cursistas.
- Prof30.** Sempre existem dificuldades, especialmente no início do uso dessas ferramentas.
- Prof31.** Sim. Mesmo com formação é na prática que vemos os verdadeiros desafios. No entanto, é vejo como oportunidade uma vez que diversos colegas tinham grandes dificuldades de utilizar tecnologias nas suas práticas pedagógicas e esse aspecto era restrito a poucos.
- Prof32.** A maior dificuldade foi a adoção desse modelo remoto, no início foi bem sofrido para os menos informatizados. Acredito que hoje, depois de mais de 1 ano de pandemia, os desafios são ferramentas educacionais para alimentação e manutenção dessas salas de aulas virtuais, visto que, o aluno virtual precisa de assuntos convidativos para sua aprendizagem.
- Prof33.** Sim.
- Prof34.** Não sei bem.
- Prof35.** As dificuldades estão mais ligadas aos meios do que aos conhecimentos adquiridos no curso, pois, todos tiveram que se reinventar e se atualizar tecnologicamente e muitas vezes o professor não tem dinheiro para isso, ou seus alunos não possuem conectividade o que gerou um retrabalho para os professores, que tiveram que preparar material para os alunos da plataforma online e para os que precisaram do material impresso.

QUESTÃO 11 – Com o Ensino Remoto, as rotinas dos professores de informática sofreram diversas alterações, trazendo com elas muitos desafios,

como foi para você o enfrentamento desses novos desafios? Quais são suas perspectivas para o futuro pós-pandêmico?

- Prof1.** O maior desafio foi a falta de gestão, estruturação e planejamento, para todos nós acredito que foi traumático. O futuro pós pandêmico acreditamos que a tecnologia educacional estará mais presente nas práticas pedagógicas.
- Prof2.** Ao longo dos anos como educadora em Tecnologias educacionais, sempre houveram desafios. A diferença é que nesse período de pandemia eles vieram em avalanche: muitos, variados e de uma vez só. O enfrentamento foi necessário e com as condições que tínhamos no momento, sem um tempo para nos preparar.
No futuro espero que tenhamos adquirido o preparo que cada um precisa pra seguir em frente, levando como legado o proveito que tirou dessa experiência.
- Prof3.** Não foram tão ruins, embora bastante impactantes. Espero que com o retorno os profissionais da área do magistério, especialmente de informática sejam mais valorizado, o que duvido vá acontecer. Espero que o ensino híbrido se torne realidade, ao menos para algumas modalidades, como cursos profissionalizantes.
- Prof4.** Esse novo contexto exigiu demais de nós responsáveis pelas tecnologias nas escolas. Muitas novidades para aprender e buscar meios de torná-las significativas pedagogicamente.
Quanto ao futuro espero que continuemos com essa vontade em aprender mais sobre as TDIC e suas implementações nas salas de aulas. Um mix de recursos presenciais e não presenciais para aproximar do nosso alunado em prol de aulas mais próximas da realidade.
- Prof5.** Durante essa loucura do primeiro momento, foi fundamental a rede de apoio dos CRTes, quando tínhamos dúvidas, problemas que não conhecíamos, panes que desconhecíamos e falta de acesso ao super usuário, explicávamos nos grupos de tecnologia nossos problemas e raramente não obtínhamos uma solução e assim era com os professores das escolas, avisávamos que já tínhamos solicitado ajuda e eles aguardavam com toda paciência e respeito. Fiz muitos amigos nesse contexto, gente que só vou conhecer nos presencial quando tudo isso passar, mas que sabem que podem contar conosco.
- Prof6.** Os desafios são diários, pois enfrentamos dificuldades com conexões, com acessos e disponibilidades dos professores para desenvolver as atividades propostas. Muito tem uma sobrecarga de trabalho e essa interliga com seus afazeres domésticos e com isso interfere diretamente no envolvimento ou não nas suas atividades como cursistas.
O futuro pós-pandêmico é um modelo híbrido de educação.
- Prof7.** Muito difícil, pois requer tempo para formação e aplicação, dedicação e estruturas de suporte. Acredito houve um ganho gigantesco trazendo o

professor para século 21, agora é se apropriar mais das tecnologias educacionais e fazermos investimentos em equipamentos e internet de alta velocidade 5G, em formação e capacitação dos professores e formadores em grande escala.

- Prof8.** Foi um pouco difícil. Pois os estudantes não valorizam a construção de conhecimento em informática. Acredito que os estudantes estão aprendendo com a pandemia que conhecimento em informática agora é uma necessidade. Espero que isso seja traduzido em boas atitudes dos estudantes.
- Prof9.** As expectativas sobre nosso trabalho foram colocadas no nível máximo, já que nos enxergavam como pessoas capazes de trazer soluções para os anseios dos professores regentes, o que foi comprovado pela forma que conseguimos acalmar os gestores que conseqüentemente puderam encaminhar as ações nas suas escolas. Lembrando que nas nossas atribuições temos a função intermediária entre a SEDF e a escola, já que atuamos dentro da estrutura da Regional de Ensino de São Sebastião e temos condições de acessar as escolas e também por demanda podemos pontualmente atender cada unidade escolar.
- Prof10.** Cheguei agora no CRTE, não consigo ainda essa resposta.
- Prof11.** Os desafios maiores, como sempre são colocar em prática o que aprendem nos cursos, o que como já relatei, com o tempo utilizando as ferramentas, estão desenvolvendo um trabalho muito superior ao que começaram no início da pandemia. Acredito que se tudo der certo, pós pandemia ficarão muitas aprendizagens e muita coisa continuará sendo utilizada muito mais. A educação jamais voltará ao que era antes, com muito mais uso de tecnologias agora e depois, do que antes disso tudo.
- Prof12.** Muitos desafios e dificuldades. Que fomos vencendo e nos adequando. Com o fim da pandemia esperamos voltar tudo ao normal e com a opção da possibilidade de mais uma ferramenta que será o ensino híbrido.
- Prof13.** Houve um grande avanço na utilização de tecnologias na escola. O maior desafio vai ser manter o uso de modo adaptado ao presencial.
- Prof14.** PASSADO O MOMENTO PÂNDEMICO DE MUDANÇAS, CABE O DESAFIO DA CRIAÇÃO DE AMBIENTES COWORKING PARA ATENDER PROFESSORES E ALUNOS
- Prof15.** Creio que será desafiador
- Prof16.** No meu caso específico não tive praticamente dificuldade alguma, pois além da minha formação acadêmica, tenho conhecimento técnico como desenvolvedor e análise de sistemas o que me ajudou a enfrentar o momento. Vejo um futuro promissor com o aprimoramento das ferramentas e construção de um ensino onde o presencial fique apoiado pelo ambiente virtual.

- Prof17.** Minha perspectiva é boa mesmo faltando suporte do governo, mas isso forçou muitos professores ampliarem seus horizontes buscando novas alternativas para executar suas atividades.
- Prof18.** Será diferente pois nada será como antes.
- Prof19.** As demandas aumentaram muito devido essa nova realidade. Estamos juntos com as UEs estudando e resolvendo as situações de tecnologia. Os professores tiveram que se reinventar e foi um momento muito bom para aprofundar-se nessas novas tecnologias que chegaram para ficar.
- Prof20.** Primeiro foi organizar o excesso de demandas, não só em relação às formações como também em relação ao trabalho no Google ADM, no auxílio à UNIEB/CRE, nas demandas ímpares das escolas, bem como auxílio diário para o uso da plataforma sala Google sala de aula. A perspectiva é que a utilização das ferramentas digitais sejam uma constante na vida pós pandemia, e que sejam valorizados os profissionais da área de tecnologias.
- Prof21.** Não senti muitas alterações, pois sempre gostei de estudar novas tecnologias. Senti-me confortável neste momento de pandemia com o conhecimento que já tinha anteriormente. A única dificuldade é ensinar robótica para professores que estão em outros lugares e ter certeza que fizeram as ligações corretamente, de modo a não queimar os componentes que foram emprestados pelo nosso núcleo.
- Prof22.** O nosso trabalho foi bem intenso, só tínhamos hora para começar, mas hoje com maioria dos professores capacitados melhorou muito. Ficamos para auxiliá-los. Que possamos cada dia mais inovar nossas metodologias para que o estudante aprenda de forma eficaz.
- Prof23.** Acredito que desesperador pois tem muita resistência a mudança e o uso de tecnologias. As perspectivas são boas pois o ensino híbrido e/ou remoto vai aumentar bastante. Veio para ficar.
- Prof24.** Acredito que o mundo pós pandêmico trará novos professores, pais e alunos. Todos sofridos e melhorados a duras penas.
- Prof25.** Acho que os desafios já foram respondidos nas perguntas anteriores. Porém maior desafio é motivar o uso das tecnologias diante da resistência. Uns fazem pra garantir o salário, outros com postagens com menos capricho, e muita ausência de professores afastados por licença médica. Como resolver também não sei. Mas o que me mantém sempre ativo e atuante é a paixão pela profissão de professor e alegria de poder ensinar algo que a pessoa vai poder aproveitar por toda a vida.
- Prof26.** A demanda foi muito grande, acredito que teremos a partir de agora uma clientela mais preparada.

- Prof27.** No momento não tenho perspectiva nenhuma. Tudo muito difícil para o professor.
- Prof28.** No ensino privado o desafio é com os constantes gastos com inovações e pra nós do ensino público é a procura por um milagre!!
- Prof29.** A principal dificuldade foi o excesso de atividades.
- Prof30.** Todos nós tivemos que nos reinventar, que planejar melhor as nossas atividades, mudar os nossos comportamentos e os nossos estudos, enfim, tivemos que evoluir e nos adaptar. A partir desse momento, tudo irá mudar e todos nós teremos que ter outra postura em sala de aula e teremos que replanejar todas as nossas aulas.
- Prof31.** Como o próprio nome disse, desafiador. Tivemos muitos entraves que tiveram de ser solucionado com o carro em movimento. Isso, por diversas vezes coloca uma pressão que causa desgaste as pessoas principalmente em termos de saúde. Demonstra também que sempre se precisou de investimentos em educação e alguns deles deveriam ser inclusive compulsórios como a própria formação do docente na rede. Esperar de uma forma passiva que o docente se forme, nem sempre é uma boa escolha, pois alimenta a mediocridade. Deve-se investir em um curso de formação, práticas pedagógicas e usos de tecnologia. Esse é o futuro. A mal remuneração acaba desestimulando o servidor a buscar formações pois economicamente não lhe proporciona benefício nenhum.
- Prof32.** Meu maior desafio é fazer com que o professor aprenda a ferramenta educacional que estou ensinando e que essa ferramenta seja utilizada por ele em sua sala de aula com seus alunos. Minhas perspectivas são as melhores, espero que as TDIC fiquem para sempre na vivência do professor para melhorar o processo de aprendizagem.
- Prof33.** Haverá uma mudança de mentalidade quanto ao ensino a distância e remoto, pois haverá alunos auto ditada e alunos excluídos.
- Prof34.** Eu tive bastante dificuldades em executar o meu trabalho totalmente online, pelo fato de não ter uma estrutura física e psicológica adequada para tal.
- Prof35.** Um dos principais desafios foi na jornada de trabalho, pois, eu e outros colegas passamos a cumprir uma jornada de trabalho bem mais extensa ao receber questionamentos dos alunos fora o horário de trabalho ou nos fins de semana e feriado, para a SEDF a recomendação era não responder fora do seu horário de trabalho, mas isso, na prática, não foi possível, já que nossa jornada de trabalho se confundiu com nossa vida privada, se dizer que, muitos colegas respondiam aos estudantes fora do horário de trabalho, por saber que do outro lado havia uma pessoa cheio de angustias, assim como ele.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO GRUPO FOCAL

Grupo Focal em 30 de agosto de 2021

Data de gravação de vídeo: 25/08/2021

- Leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes;
- Início e término da transcrição (tempo: 07' 21s. – 1h 27').

As perguntas do grupo focal foram disponibilizadas no chat da plataforma do Google Meet, para que os professores formadores pudessem responder:

- a Os pontos positivos dessas novas metodologias de ensino são suficientes para contrapor os pontos negativos apontados?
- b A falta de padronização das plataformas limita os recursos a serem disponibilizados aos professores, limitando as possibilidades de parcerias, por exemplo?
- c A partir dos problemas encontrados com a pandemia, que abriram portas para situações de grande desvalorização e falta de condições de trabalho, é possível que a busca por carreiras docentes diminua? Bem como é possível que ocorra uma evasão em massa da área? Ou seja, a partir desse cenário, é possível que muitos professores optem por buscar novas carreiras, deixando a docência?
- d Qual o impacto das mudanças ocorridas a partir do trabalho remoto na vida pessoal dos professores e quais os mecanismos utilizados para contornar esses desafios?
- e É possível que, em algum momento, a educação presencial seja substituída majoritariamente pela educação à distância? Qual a percepção do professor em relação à essa possibilidade?
- f O quanto a falta de investimentos na educação afeta os professores, tanto no desenvolvimento de suas atividades laborais, como na manutenção de sua saúde física e mental?
- g. Diante das mudanças e dificuldades comentadas, é possível dizer que foi atribuído aos professores dos CRTEs uma importância muito maior que anteriormente, visto que tiveram que atender todos os professores da SEEDF que buscavam formações rapidamente e de uma forma muito mais frequente que em outros tempos?

Pesquisadora: Bem, o termo é grande, então eu preciso ler para ter certeza que está tudo bem. Então vamos lá! É. Primeiramente eu vou, são sete perguntas. Então vamos lá. Se vocês acharem interessante eu posso colocar as perguntas no chat, as sete perguntas no chat para que medida que um for respondendo, caso vocês queiram, podem dar uma olhada nas outras. Para terem uma ideia de como procederem às suas respostas. Para ficar mais fácil de responder. Vocês querem que eu faça dessa forma?

Grupo Focal A: Sim.

Prof. 1: Eliani, se você for fazer alguma pergunta aí e tem uma ordem, e se eu puder participar primeiro... devido que eu vou ter que sair.

Pesquisadora: Tá! Pode ser então professor. Eu vou... justamente por isso que eu vou colocar as questões (aponta para tela) e o senhor pode responder todas. Eu coloquei: A, B, C, D... Espera aí, por que não veio o restante? Vou copiar de novo. É porque está indo de três em três. Vou colocar a G agora. Essa numeração aí no final é só mesmo para facilitar o entendimento do texto que eu fiz dentro do questionário, perguntas está ok. Assim, dentro do questionário existe a análise de dados, e dentro da análise de dados eu tenho 6.1, 6.2, 6.3... Então dentro de cada análise desses, dentro daqueles questionários que vocês fizeram e tem alguma noção das perguntas e das respostas, eu tive que fazer alguns apontamentos. Eu precisaria realmente de algumas respostas mais eficazes dentro do que foi respondido anteriormente para mim. Então para não sermos repetitivos, se vocês quiserem... "Olha eu estou com dificuldade de entender essa pergunta sua". Aí eu leio alguma coisa falando sobre assunto e explico, mais ou menos, o que seria. E vocês respondem conforme a vontade de vocês. Então se o professor J. quiser começar.... A primeira pergunta é: **Os pontos positivos dessas novas metodologias de ensino são suficientes para contrapor os pontos negativos apontados?** (Pergunta A). Se tiver dúvidas pode falar, professor J. Aí eu explico. Se não, pode responder.
(Tempo: 11' 13s.)

Prof. 1: Na verdade eu acho que está contribuindo bastante sobre a nova formação, novo processo de aprendizagem. Tanto para o professor como para o estudante, né.

Pesquisadora: Sim. E aí? Os pontos negativos apontados, são... tem alguns relevantes que o senhor possa falar um pouco ou pode passar para próxima?

Prof. 1: Os pontos negativos que eu mais vejo são a questão dos equipamentos e a questão da internet, né. Então nem todo mundo tem bons equipamentos e nem todo mundo tem uma boa internet. Acho que esses são os pontos mais negativos que eu consegui verificar durante esse período aí.

Pesquisadora: Certo. Posso passar para próxima?

Prof. 1: Pode.

Pesquisadora: A falta de padronização das plataformas limita os recursos a serem disponibilizados aos professores, limitando as possibilidades de parcerias, por exemplo? (pergunta B).

Prof. 1: Não. Eu acho que atendeu bem. Claro que merece mais ajustes né, mas em parte atendeu.

Pesquisadora: Vocês utilizaram a plataforma... alguns utilizaram as plataformas *Google Meet* e *Moodle* né. E assim, o Governo, no caso a EAPE junto ao governo do DF é isso? Confirma para mim por gentileza. Vocês fizeram uma parceria com a EAPE, somente com o *Google Meet*?

Prof. 1: Não. Se a plataforma Escola em Casa foi um aplicativo criado... essa plataforma foi criada pelos estudantes da UnB, até o meu conhecimento. E quanto às ferramentas Google, elas funcionam muito bem. Então aí não, não tenho nenhuma ponderação a fazer no momento. É claro que o sistema está sempre em atualização e aí a gente tem sempre que fazer as nossas modificações aí. Mas a plataforma A Escola em Casa, ela é muito simples e ela é só para direcionar mesmo ao *Classroom* né. E eu vejo essa questão que ficou muito devendo porque os estudantes necessitam ter acesso de forma gratuita a outros *sites* e outras plataformas para contribuir na formação pedagógica.

Pesquisadora: Ok. Posso ir para próxima?

Prof. 1: Pode.

Pesquisadora: A partir dos problemas encontrados com a pandemia, que abrem portas para situações de grande desvalorização e falta de condições de trabalho, é possível que a busca por carreiras docentes diminua? Bem, como é possível que ocorra uma evasão em massa da área? Ou seja, a partir desse cenário, é possível que muitos professores optem por buscar novas carreiras, deixando a docência? (pergunta C).

Prof. 1: É... O abandono seria devido ao uso das tecnologias? É isso?

Pesquisadora: Na verdade esse abandono, da docência mesmo, da carreira do professor né.

Prof. 1: Aí você está focando em relação a pandemia, né?

Pesquisadora: Aham, pandemia. Justamente.

Prof. 1: Eu não acredito que tenha, assim, uma evasão grande não. A carreira sempre tem pessoas que podem optar por outras carreiras. Mas não acredito que em função da pandemia possa gerar essa evasão não.

Pesquisadora: Tá. Eu coloquei aqui no finalzinho o restante de 'C'. Essa daqui o caso é a C, o restante da C, para não termos problemas. Vamos para 'D'. **Qual o impacto das mudanças ocorridas a partir do trabalho remoto na vida pessoal**

dos professores e quais os mecanismos utilizados para contornar esses desafios? (pergunta D).

Prof. 1: Então, o que eu vejo como maior dificuldade do professor é exatamente ter equipamentos, dispositivos compatíveis né. Dominar as tecnologias para repassar para os estudantes. E a própria formação do professor, porque ele não estava preparado para esse momento. Eu sempre avalio que o nosso estudante está sempre um pouco na frente dos professores em relação às tecnologias. E de modo os professores, a gente percebe que ainda tem muita resistência em estar avançando o seu conhecimento tecnológico.

Pesquisadora: Ok. **É possível que, em algum momento, a educação presencial seja substituída majoritariamente pela educação à distância? Qual a percepção do professor em relação a essa possibilidade?** (pergunta E)

Prof. 1: Ah, eu não acredito não. O professor sempre vai ocupar o seu papel fundamental dentro de sala de aula, gerando a integração. Fazendo o... sempre desenvolvendo as suas ações pedagógicas. O que vai acontecer é que na verdade o professor, com esse novo formato de aulas simples, *online*, ele teve um avanço. Acho que na verdade o estudante ganhou muito, vai ganhar muito a partir desse período porque o professor adquiriu muitos conhecimentos. Então essa produtividade vai melhorar muito a qualidade das aulas.

Pesquisadora: Ok. Eu vou para próxima aqui. **O quanto a falta de investimentos na educação afeta os professores, tanto no desenvolvimento de suas atividades laborais, como na manutenção de sua saúde física e mental?** (pergunta F).

Prof. 1: O professor, como já é sabido, a educação de um modo geral, é muito carente de investimentos. Por exemplo, como já foi dito, a questão de ter condições de trabalho em relação, principalmente, às tecnologias. Adquirir mais equipamentos que funcionem perfeitamente. Tanto a questão de adquirir computadores, *notebook*, projetores em sala de aula. Enfim, essa parte de investimento é muito carente. E principalmente na questão de estar ampliando, na questão de formação dos professores. Então eu acho que tinha que ser um investimento tanto na questão salarial, tanto na questão de estrutura e equipamentos e na formação. Eu acho que temos que fazer essa pirâmide aí, esses três pés, com certeza a gente conseguiria dar um salto, um avanço. E daí proporcionar também que o estudante tenha acesso a tudo isso, né.

Pesquisadora: Ok. **Diante das mudanças e dificuldades comentadas, é possível dizer que foi atribuído aos professores dos CRTes uma importância muito maior que anteriormente, anterior a pandemia tá pessoal, visto que tiveram que atender todos os professores da SEEDF que buscavam formações rapidamente e de uma forma muito mais frequente que em outros tempos?** (pergunta G).

Prof. 1: Sim claro. O CRTes teve esse papel fundamental aí para que as tecnologias, a informações chegassem aos professores. Foram ministrados diversos cursos de forma rápida. Mas a gente percebe que os professores,

de modo geral, não foi atingindo assim um grande... Ainda, tem uma grande parte dos professores que ainda não tem esse domínio como proficiência, mas, o CRTE foi fundamental nesse momento aí, nesse modelo, já que eles já desenvolviam um trabalho bastante interessante já formando os professores. E então isso foi propiciado pela Secretária: alguns aulões, cursos rápidos e aí o professor que teve interesse buscou mais formações. E aí a gente continua ainda fazendo essas formações com a Secretaria.

Pesquisadora: Ok J. Obrigada pela sua participação. Então você está liberado. Muito obrigada. Então vou dar continuidade com os outros professores.

Prof. 1: Ok, obrigado a você, e tchau amigos. Desculpa a gente não poder ficar porque já tinha uma agenda, uma consulta marcada.

(Prof. 1 saiu do grupo)

Pesquisadora: Colegas vocês querem, cada um responder às questões ou responder cada questão... Cada um responde e depois a gente vai para letra B, aí cada um responde. Como vocês preferem fazer?

Prof. 2: Vamos por letras então. Cada um dá a sua opinião. O que você acha?

Pesquisadora: Ótimo. Porque aí fica, aí a gente consegue fazer mais sincronizado. A gente faz um debate realmente. Então vamos lá: **Os pontos positivos dessas novas metodologias de ensino são suficientes para contrapor os pontos negativos apontados?** (pergunta A). É com vocês.

Prof. 6: Melhor você estabelecer uma ordem, senão vai ficar um esperando o outro e ninguém fala nada.

Pesquisadora: Tá. Então vamos por ordem alfabética. Vamos começar pelo Prof. 2. (Tempo: 23', 56s.).

Prof. 2: Vamos lá. Só recapitulando: vamos começar pela A né. Os pontos positivos dessas novas metodologias de ensino são suficientes para contrapor os pontos negativos apontados. Tem algumas situações, eu enxergo que são distintas. Assim, que elas vieram de uma natureza que ainda não existia, vamos pensar assim. O uso dessas metodologias ainda não existia. Então de uma certa forma, eu não as vejo como forma de contrapor o que estava existindo ou que se tudo estivesse tão bom, tão bem trabalhado, e que essas novas metodologias se destacaram para compor para equilibrar, nesse sentido assim. Eu não consigo enxergar assim coisas diretas compensando algo que não. Vejo como uma onda inovadora, dentro dessas abordagens criativas. O uso dessas tecnologias está nesse movimento... Apesar da forma como foi montado e da forma como a gente começou e tudo né. Ele agora está numa certa acomodação, com todo mundo já adaptado, mas de uma certa forma, a gente teve benefícios muito grandes com essas tecnologias da educação. E há de se pensar como vai ser esse futuro aí, como o J. estava mencionado.

Pesquisadora: Ok. Obrigada professor. Agora quero ouvir o professor Prof. 3. (Tempo: 25').

Prof. 3: Concordo com o E. Algumas coisas são complicadas de você distinguir, de separar uma da outra né. Eu acredito hoje ainda, que nem todos os pontos positivos que a gente tem, dentro dos trabalhos e das metodologias que a gente está utilizando ou já utilizava e que dentro do período de pandemia a gente vá utilizar, elas conseguem contrapor esses pontos negativos. Muitos dos pontos negativos aí, que a gente sempre apontou como a falta de apoio material e financeiro por parte da SEE de modo geral, particularmente não pode melhorar muita coisa não. A gente sempre se virou nos trinta aí, aplicando cursos e as metodologias que a gente já usava para aqueles que vinham buscar esse aprendizado. Mas grande maioria, grande parte das coisas que são necessárias para educação, para que metodologia melhore dentro da escola não implementado. Não mudou. Os pontos positivos, eles não chegam a superar aquilo que a gente tem de dificuldade dentro da SEE para que a aprendizagem seja, tanto com os professores como diretamente com alunos, eficiente não. Na minha opinião.

Pesquisadora: Ok. Prof. 4. (Tempo: 26, 44s.).

Prof. 4: Eu concordo com os colegas. Os pontos positivos não chegam a superar os pontos negativos. Foi tudo muito novo, feito às pressas. Assim, de uma hora para outra tiveram que criar metodologias, criar ferramentas, tentar chegar até os estudantes. E acredito que agora, depois de um ano desse início, nós tenhamos conseguido alcançar. Mas no início foi um trabalho muito árduo. E mesmo assim, acho que não conseguimos superar todos os pontos negativos uma vez que sabemos que as tecnologias não estão acessíveis a toda população como nós tínhamos em mente. Mostrou a grande realidade dos nossos estudantes, de acesso às tecnologias, de acesso à internet e próprio conhecimento de saber manusear isso fora da parte de diversão.

Pesquisadora: Ok. Prof. 5. (Tempo: 27, 48s.).

Prof. 5: Vocês estão me ouvindo? Vou abrir um parêntese aqui rapidinho. João, João da escola Normal de Ceilândia.

Prof. 4: Isso.

Prof. 5: Depois a gente conversa então, João.

Prof. 4: Beleza, um abraço.

Prof. 5: Com relação a essa questão aí, eu não acho nem um e nem outro. Até porque no início da pandemia, quando foi decretado o afastamento dos professores, de fato a gente pode perceber a inanição de todo mundo e até mesmo a acomodação, digamos assim. Porque ninguém sabia que rumo tomar, o que fazer e o que deixar de fazer. É a questão com relação aos

cuidados de fato: que eu posso, até onde eu posso ir. E assim, ficou todo mundo parado e acomodado, para falar a verdade. E aí a partir do momento que se estabeleceu: vamos voltar. Aí realmente foi como o professor G. falou, tivemos que nos virar nos trinta. Nos trinta, porque foi muito rápido. Então assim, ponto positivo e ponto negativo, é complicado dizer isso porque é aquela história: a ordem foi dada “você têm que voltar”, então não tem muito o que escolher. Então é como o professor J. falou, a gente teve que se adaptar. Não tem muito, não teve muita escolha. Ou você faz ou então você é engolido, digamos assim. Então a grande dificuldade realmente foi a questão dos recursos de internet. Muita gente acabou investindo na própria internet por qualquer outro motivo e não pelo próprio benefício do professor. Muitos professores têm filhos pequenos e aí a banda larga que muitos já tinham não era suficiente. Tiveram que aumentar. Então a gente percebe isso, que foi a questão do se vira como pode e volta para o trabalho. Então assim, o ponto positivo que posso observar é que cada um deu um jeito. Ninguém ficou sem fazer absolutamente nada. Então a questão da criatividade do brasileiro de modo geral, é que a gente consegue se virar de qualquer jeito e em qualquer situação. Como o pessoal diz: “Só não dá jeito para a morte, mas o resto a gente dá um jeito”. E o ponto negativo realmente foi essa falta de infraestrutura até de cada um em sua residência. Nem falo de escola, porque na escola sempre falta alguma coisa. Mas como a gente não podia ir à escola, cada um tinha que arrumar o recurso de casa. Eu mesmo estava em mudança de apartamento para casa então foi aquela correria louca, mas deu para fazer tudo certo. Consegui fazer tudo que eu precisava. Mas assim, é aquela história, foi muito corrido, muito em cima da hora e a gente teve que se virar. E a gente continua se virando, até hoje do mesmo jeito. Voltando parcialmente, isso é bom. Mas eu vejo dessa forma que nem acho tudo muito ruim e nem acho tudo muito bom. Claro que o vírus é péssimo, isso aí, sem dúvida nenhuma. Mas quando a gente pensa na situação que nos encontramos hoje, acredito que a gente esteja progredindo cada vez mais nesse sentido. É isso.

Pesquisadora: Ok. Obrigada. Por gentileza professora Nayara. (Tempo: 31’).

Prof. 6: Eu concordo com o que todos os colegas falaram. Não consigo enxergar aqui pontos positivos, como pede a pergunta, para sobrepor os pontos negativos. Tiveram pontos positivos e tiveram pontos negativos. Em relação aos pontos positivos acho que abriu a mente de muita gente para essa área de tecnologia. Eu via muitos professores resistentes em relação a isso, muito focados no ensino tradicional como a gente geralmente chama. E com esse advento da pandemia acabou abrindo a mente e os olhos para essa área, vendo que também é importante ter essa parte de tecnologia no ensino. E em relação aos pontos negativos, foi o que os colegas falaram em relação à estrutura de equipamentos, de acesso à internet. Mesmo o governo tendo feito parcerias com algumas operadoras, oferecendo os dados reversos, para tentar ajudar aquelas pessoas que não podiam ter wifi em casa e tal. Mesmo assim, as pessoas tiveram dificuldades em relação a isso. Principalmente o pessoal de educação do campo que não tinha um sinal tão bom. Enfim tiveram vários pontos

negativos e tiveram pontos positivos. Mas acho que um não é suficiente para sobrepor o outro. Essa é minha opinião.

Pesquisadora: Obrigada. **A falta de padronização das plataformas limita os recursos a serem disponibilizados aos professores, limitando as possibilidades de parcerias, por exemplo?** (pergunta B). (Tempo: 33' 35s.).

Prof. 2: De alguma forma já há uma padronização que é trabalhar com a plataforma do *Google*. Algumas escolas trabalharam com o *Moodle*. Mas assim, essa padronização da plataforma, ela já existiu. Todos os recursos que estavam disponíveis a todos os professores. O que talvez tenha dado um diferencial, dependendo da formação, do conhecimento que o professor tem dessas ferramentas, ele utilizou plenamente. Ele se valeu dos recursos que estavam disponíveis dentro da plataforma, especificamente dessas ferramentas do *Google*. Então assim, o diferencial foi quem dominou, quem se interessou, quem buscou mais informações sobre esses recursos, ele otimizou muito mais essa utilização. Plenamente. Enquanto o professor que ainda estava iniciando ou tinha um conhecimento um tanto quanto superficial, esses talvez não tenham explorado todas as funcionalidades que estavam disponíveis. Então talvez a padronização quando a opção foi a plataforma *Google*, ela contempla muito, muito. Abrange bastante as necessidades para o ensino remoto. Daí a formação de cada professor para poder utilizar esses recursos, que talvez tenha perdido alguma oportunidade de estar trabalhando plenamente essas ferramentas com os seus alunos.

Pesquisadora. Ok. Professor 3. (Tempo: 35' 38s.).

Prof. 3: É a segunda né, letra B a falta de padronização das plataformas limita os recursos a serem disponibilizados aos professores, limitando as possibilidades de parcerias, por exemplo. Assim, é... na verdade não houve assim uma falta de padronização das plataformas. A única plataforma utilizada na SEE foi a plataforma do *Classroom*, com as ferramentas do *Google*. No início até se propôs ou pensavam em utilizar o ambiente *Moodle* para as crianças menores de 12 anos, por causa da questão de direitos, de regras do *Google* que não permitia menores de doze anos com contas do *Google*. Mas acabaram que conseguiram. Não lembro o que a SEE fez que conseguiu fazer a inserção de todos os estudantes. Então nesse sentido a padronização de plataforma não trouxe esse problema. Eu acho que o que faltou mesmo para a SEE, foram os professores estarem, todos nós da SEE, estarmos mais adaptados às tecnologias no geral. Então, assim se a gente... porque o *Google*, o *Gmail* e o *Drive* isso tudo já existia a quanto tempo. Já aí em 2017, 2016, quando começamos os cursos, tinham professores que não tinham *Gmail*. Eles tinham *Yahoo*, eles tinham *Uol* ou qualquer outro e-mail. Eles nunca tinham acessado o *Gmail*. Isso eu me lembro, durante os cursos que a gente dava naquela época sobre a utilização de ferramentas *Google*. Lá, nessa época, tinha gente acessando o *Google* pela primeira vez. Então acho que faltou mesmo assim mais o professor ter um mais de conhecimento da questão do uso das tecnologias. Eu acho que foi isso.

Pesquisadora: Ok. Obrigada. Prof. 4. (Tempo: 37', 58s.).

Prof. 4: Bom eu também concordo. Eu acredito que, nós no DF tivemos uma padronização até que rápida da plataforma. Então como já tínhamos o curso em andamento no *GSUITE*, então já tinha atendido uma parcela dos estudantes e dos professores. E acredito que nós tivemos essa padronização, mesmo com muitos professores desconhecendo essa plataforma. Foram ofertadas oficinas formadoras para esses professores, para que eles tivessem o mínimo de acesso e conseguissem trabalhar de alguma forma. Acho que é isso.

Pesquisadora: Ok, professor. Obrigada. Prof. 5. (Tempo: 39m', 51s.).

Prof. 5: Eu acho que não teve nenhum tipo de problema com relação a isso. Porque é como os professores já ressaltaram: a questão das plataformas que já existiam. É, eu estava em escola técnica e então lá eles optaram, já há anos eles optaram pelo *Moodle*, e assim eu já estava bem adaptado com o Moodle. E quando eu cheguei aqui no CRTE Núcleo Bandeirante, então, foi uma mudança, uma mudança até rápida. Mas de novo aquela história, não tive muito o que escolher. Então aqui usa o *GSUITE* então esquece e muda por enquanto. Então tive que me adaptar também a essa questão do *GSUITE*.

Ah, como já falado, o pessoal se mobilizou rapidamente para oferecer oficinas. Não exatamente cursos, porque o curso é um negócio meio longo, um pouco demorado. Mas quando é uma coisa mais imediata, mais pontual, digamos assim, a gente precisa de oficinas porque elas focam. O foco é mais objetivo. Então nesse sentido elas deram suporte mínimo para que os professores conseguissem aplicar seus conteúdos de forma remota, da melhor forma possível. Então com relação a *Moodle* e *GSUITE* eu conheço bem o *Moodle* estou vendo agora também o *GSUITE*, então a gente percebe que as ferramentas o *GSUITE* são mais completas. O *Moodle* é bastante limitado, simples para falar a verdade. Mas essa simplicidade recai em uma limitação. Já o *GSUITE* ele permite um alcance muito maior. Mas também tem aquela questão de a conta estar atrelada a um e-mail institucional, então foram alguns probleminhas que ocorreram no início. Ainda acontece isso, porque tem muitos professores ainda perdidos em cursos porque tem o e-mail, mas não sabe é um e-mail institucional. Então esse foi um pouco do gargalo do início, mas que foi resolvido. Cada um teve que buscar algum tipo de formação, cursos ou buscar no *YouTube* alguma coisa que suprisse as suas necessidades de imediato. Então as plataformas já eram conhecidas, e cada uma continuou utilizando aquela que mais convinha quando era permitido uma ou outra. No meu caso não era permitido. Na escola técnica de Ceilândia, até hoje se utiliza o *Moodle*, então não se fala em *GSUITE*. Já aqui no CRTEs os cursos de formação são do *GSUITE*, não importa o Moodle. Então é atender as demandas de acordo com a necessidade.

Pesquisadora: Ok. Prof. 6. (Tempo: 42 '55s.).

Prof. 6: Então eu acho que não houve falta de padronização. O padrão para o ensino remoto era usar a plataforma Google. Então tiveram os cursos né, como o pessoal comentou. Cursos não, oficinas, que foram bem rápidas. E o padrão na época era usar as ferramentas *Google; Google Excel, Google Meet, Google Drive*, enfim o que tinha disponível na época. O que pode sair aí da padronização foi a possibilidade de usar outras ferramentas além da plataforma *Google*. Mas, assim, o padrão da SEE foi usar o Google no geral. E o que pode ter acontecido é que professores que já tinham algum conhecimento em tecnologias, já tinham feito cursos nos CRTes, por exemplo, conheciam outras ferramentas e, também, usaram essas outras em suas aulas. Mas o padrão da SEE como um todo foi usar as ferramentas *Google*.

Pesquisadora: Obrigada. Vamos então para a próxima pergunta então, letra C. **A partir dos problemas encontrados com a pandemia, que abriram portas para situações de grande desvalorização e falta de condições de trabalho, é possível que a busca por carreiras docentes diminua? Bem, como é possível que ocorra uma evasão em massa da área? Ou seja, a partir desse cenário, é possível que muitos professores optem por buscar novas carreiras, deixando a docência?** (Tempo: 43' 39s.).

Prof. 2: Eu acredito que essa pandemia atingiu generalizada todas as categorias. Aí de uma certa forma, algumas foram mais evidenciadas por conta do contexto, e algumas outras perderam um pouco de espaço em função do avanço de outras categorias. Agora, já no universo da educação, eu não acredito que isso faria com que as pessoas outras carreiras não. Eu acredito que possa, talvez por conta da pandemia e o despertar, como está acontecendo com outras categorias, na necessidade de buscas por aperfeiçoamentos, por formações. Mas isso não vai ocasionar a desistência da carreira docente. Não acredito que seja nesse sentido. Aprimorar a docência sim. E qual vai ser o futuro, a forma como a docência vai existir, isso também é algo que a gente ainda estará presenciando. Mas diretamente falar que isso fez com que os professores buscassem novas carreiras eu acredito que não. Não foram esses problemas da pandemia, por diversas razões: seja de estrutura, seja do que for que possam vir a causar isso. Vamos supor que esse não seja o fator.

Pesquisadora. Obrigada professor. Professor 3. (Tempo: 45 '30s.).

Prof. 3: Essa questão de evasão ou de busca pela atividade docente ela já vinha caindo aí há muitos anos. Se a gente for analisar os cursos de licenciatura e aquilo que a gente vê no final do ensino médio, quando pesquisa com os alunos o que eles querem ser no futuro, raramente encontramos um ou outro que diz que quer ser professor. Talvez alguns optem por uma questão histórica de família ou alguma coisa assim, ou como sonho mesmo. Mas se for pensar por questão estrutural, por questão financeira e reconhecimento, talvez nem muitos de nós estaríamos nessa função. Lógico que não estou dizendo que a gente não goste de fazer isso, o que estou dizendo por questões que a própria pergunta coloca: questão de desvalorização. Mas assim, a busca pela licenciatura ela já vinha

diminuindo bastante, então acredito, não acho que será a pandemia em si que vai fazer o cara pensar: por causa do que eu vi acontecer que vou deixar de pensar em curso de licenciatura. Isso como já comentado aconteceu com todas as categorias e para algumas profissões foi até pior. Se a gente parar para pensar por exemplo na questão de ser efetivo no trabalho, então a estabilidade, dependendo do emprego, talvez até seja o contrário essa busca. “Eu prefiro estar em um local que eu tenha estabilidade, porque em outros locais que eu estava não tinha estabilidade então eu rodei”. Então não acho que seja isso não. Agora é lógico que esse trabalho, nessa volta, ainda mais nessa volta híbrida, o professor está sentindo um peso maior ainda do que já estava. Eu acredito que seja possível, para qualquer um de nós que tenha a possibilidade de conseguir uma coisa em outra área mais estável também. Porque eu acredito que ninguém vai ser louco de sair de uma situação estável para instável, um lugar que ele já está estabilizado por causa de um salário maior sem estabilidade. Mas acredito que pode sim alguns buscarem uma atividade nova ou uma atividade complementar.

Pesquisadora: Certo. Obrigada professor. Professor 4 por gentileza. (Tempo: 48 '15s.).

Prof. 4: Bom eu acredito que ficou mais evidente durante a pandemia a desvalorização de categoria professor. Apesar de todo o trabalho, tudo que foi feito, os profissionais da educação correndo atrás de formação, tirando dinheiro do seu próprio bolso para melhorar um pouco as condições de trabalho em casa. Eu posso falar que eu não gastei um centavo porque eu achei que seria o cúmulo. Então eu não comprei computador novo, eu não comprei mobiliário. Eu me adequei com o que tinha porque não sabia quanto tempo iria durar. Mas eu conheço professores que gastaram um dinheiro que talvez nem tivessem. O governo veio com uma proposta indecente de uma linha de crédito para profissionais, que era pior que linha de crédito normal. Então assim, uma total falta de respeito. Isso sem falar na população em si, com quem eles falavam. O que nós ouvíamos das outras categorias era que nós não estávamos trabalhando. Porque se a escola não está em funcionamento, eles acham que o professor só trabalha se ele estiver em sala de aula, eles não veem todo o planejamento que tem por trás de uma aula e o trabalho que você tem pós aula. E nessa pandemia o trabalho foi muito grande. Muitos professores adoeceram. Foi uma carga muito grande. Tudo indefinido. Demorava muito para chegar às atitudes da própria SEE. Eu acredito que não vá haver uma saída em massa dos professores, mas o que nós vivemos... Eu estou na SEE há 21 anos e o que eu vejo nos novos profissionais? Ou eles são oriundos de outros estados e já eram professores, então vem aqui por causa de uma melhoria salarial. Outros estados que eu digo são aqui do entorno do DF. Ou os que estão vindo, os novos ficam um pouco espaço de tempo se preparando para outros concursos. Eu estou vendo isso com os novos professores que chegam. Todo um conjunto de fatores faz com que eles não queiram permanecer na carreira. Um exemplo disso foi que eu descobri durante a pandemia que um terço dos profissionais em educação já são de contrato temporário. Então é um número muito grande. Se você

pegar aí uma categoria atuante, em torno de 25 a 30 mil profissionais, nós temos 10 mil contratos temporários. Ou seja, o que está acontecendo? Um processo de desvalorização, um processo em que os próprios profissionais que entram não permanecem e isso por uma série de fatores. E a pandemia, eu acredito que trouxe isso mais a claro. Acho que ficou bem mais visível na mesa, todos esses fatores.

Pesquisadora: Ok. Obrigada. Prof. 5. Tempo: (51 '15s.).

Prof. 5: O professor resumiu muita coisa aí. Concordo com o que ele falou porque eu vi tudo isso já no presencial e não só nessa pandemia. Eu estava vendo isso desde que eu comecei, lá na escola técnica. Eu já estava lá há treze anos e é como o professor falou realmente. Assim, ninguém é professor enganado não é! Não se iluda com isso. Todos sabem o que vem pela frente, sabe a questão do salário que não é lá essas coisas, não é tão atrativo assim, mas faz porque gosta. Quando foi colocado que muitos complementam, isso tem que ter uma outra... ele é professor, mas que nessa pandemia descobriu alguma outra habilidade, que podem pensar entrar nessa área futuramente isso é verdade. Mas, por exemplo, lá na escola técnica eu percebia justamente, também, o contrário. Tinham muitos colegas que trabalhavam em tribunais por exemplo e faziam o inverso. A profissão de professor era um complemento, digamos assim. “Olha estou com folga, pela manhã não estou fazendo nada porque só trabalho de tarde para noite então vou dar aulas em alguma escola”. E lá, muitos contratos temporários e até mesmo efetivos tinham dois empregos. Só que era o inverso. Mas isso já antes da pandemia. Com a pandemia continuou do mesmo jeito, eles não mudaram seus hábitos, mas como realmente foi dito, abriu essa possibilidade, um leque de opção a mais que alguns não conheciam ou não queriam colocar suas habilidades a trabalho por opção mesmo. Mas há essa possibilidade sim, com relação a desvalorização. Isso aí todo mundo já sabe, que infelizmente é realmente desvalorizado. Como o professor falou, isso também me chamou a atenção quando eu ouvi essa parte da linha de crédito. Que realmente se pensou: ah, para o aluno tem que se oferecer isso, oferecer aquilo, como se fosse algo dado. Eu realmente discordo com essa questão de dar alguma coisa. Mas quando foi para o professor, foi exatamente o contrário: linha de crédito para isso, linha de crédito para aquilo. Então assim foi diferente, entre o dar alguma coisa. Se for para dar alguma coisa para alguém que seja para todo mundo, se não for que também seja para todo mundo, que seja igual tanto para professor como para aluno. No meu entender, digamos assim. Posso estar enganado, mas essa é a minha visão. Desvalorização, infelizmente, sempre vai existir. Mas a gente continua aqui na luta. Até porque boa parte ainda acredita que a gente só vai vencer com a educação indo para frente.

Pesquisadora: Ok. Obrigada professor. Prof. 6 por gentileza. (Tempo: 54’).

Prof. 6: Então como os colegas falaram, acho que não vai ter uma maior desvalorização do que já tem em relação a profissão de professor. Também não acho que vá ter uma evasão de professores procurando por trabalho. Eu acho assim, que a procura por ser professor já é muito

pequena pelas condições de trabalho que nós temos. Pela falta de valorização em relação a parte de salário também. E eu acho que vai continuar a mesma coisa. Não acho que vá agravar o que está, por conta da pandemia. Essa é minha opinião.

Pesquisadora: Vamos então para a letra D. **Qual o impacto das mudanças ocorridas a partir do trabalho remoto na vida pessoal dos professores e quais os mecanismos utilizados para contornar esses desafios?** (pergunta D). (Tempo 55'07s).

Prof. 2: O grande impacto foi estabelecer uma forma de trabalhar remotamente. Isso passa pela estrutura física né. Desde equipamento, mobiliários, espaços, espaço físico e passa também pelo conhecimento dessas ferramentas. O grande impacto foi fazer a adaptação dessa modalidade remota nas nossas rotinas pessoais. E aí vem a relação da divisão do tempo, a forma de planejar as aulas por exemplo, que envolve participação. Tudo isso fez a gente replanejar, reprogramar toda uma rotina que já tínhamos de trabalhar. Então assim, cada um, acho, que foi adaptando à medida que conseguiu conhecimento, que conseguiu fazer uso desses recursos tecnológicos. Cada um foi se adaptando de acordo com as suas condições e equipamentos. Então, esse foi o grande impacto que todo mundo sofreu. Não só em sua rotina de trabalho, mas em sua rotina de vida mesmo. Da mesma forma que a gente sai na rua agora se preocupando com assepsia, com álcool gel, com tudo. Assim, essas mudanças impactaram as nossas rotinas, diante das antigas rotinas de trabalho. Alguma coisa assim.

Pesquisadora: Obrigada. Professor 3. (Tempo: 57' 03s.).

Prof. 3: Letra D, qual o impacto das mudanças ocorridas a partir do trabalho remoto? Eu percebo, aí, a mudança geral, tanto pessoal como de trabalho. Mudança geral de estrutura que a gente teve que fazer às pressas, para poder as coisas funcionarem. Eu me lembro que eu não tinha computador, eu só usava o computador aqui do CRTE. O meu notebook eu nem ligava há muito tempo já. Eu chegava em casa e largava tudo. Então a gente teve que se virar para fazer funcionar. Então o grande impacto aí foi a gente se adaptar melhor para fazer aquilo que a gente falava antigamente: a gente levava trabalho da escola para casa e aí a gente transformou a casa em trabalho. A gente ficou trabalhando ali, e esquecia, não sei se todo mundo fez isso, mas, eu mesmo me esquecia, até do horário que tinha que sair ali do quatinho que estava trabalhando. Quando dava fé já era noite. E você esquecia que estava trabalhando porque achava que estava em casa ali mexendo no computador normal. Então assim, eu acho que impactou demais esse período de pandemia no trabalho de todos nós. Todos sofremos bastante e agradecemos que estamos voltando aos poucos. E agradecer que está tudo certo com a gente.

Pesquisadora: Obrigada, ok. Professor 4. (Tempo: 58'34s).

Prof. 4: Eu acredito que esse impacto tenha sido uma mudança temporal. Ou seja, houve uma mudança nos comportamentos naquele momento, que tivemos que nos adequar a realidade, mas que essa mudança não é uma mudança de comportamento. Eu acredito que, após uns dois anos da pandemia, nós estaremos com o mesmo comportamento durante a pandemia com as mudanças que nós tivemos. Um exemplo disso: nos próprios cursos ofertados nós já vimos um aumento na demanda, uma demanda assim... na maioria. Os professores voltaram ao presencial e meio que não querem mais fazer os cursos à distância. Não conseguimos preencher as vagas em vários cursos, ou seja, não fechamos as turmas. Então essa mudança comportamental do ano passado foi temporária. Então no primeiro momento os professores ficaram doidos atrás dos cursos EAD para poder ajudá-los. Agora como eles já estão voltando para o presencial, eu acredito que eles não estão atrás dessa formação EAD, novamente. Eu acredito que eles já vão querer voltar pelos cursos presenciais. Então eu acredito que foi isso, essa mudança foi bruta né, então algumas pessoas se adequaram, mas aos poucos ela está voltando a normalidade como antes.

Pesquisadora. Obrigada professor. Agora o prof. 5. (Tempo: 1h: 02').

Prof. 5: Oi. Essa pergunta para falar a verdade, para mim, é um complemento da primeira, da questão A. Porque como eles já ressaltaram, tanto é que a gente está falando até um pouco menos do que antes. Porque de fato foi um momento de adaptação. De fato, foi essa mudança radical que teve. Como já comentado foi uma necessidade mais imediata, mas a gente percebe que os professores ainda continuam procurando, mas já perguntando: "Olha, vai ter presencial? Ou ainda será da distância? Pelo menos continua o interesse e isso é bom. Mas eles já querem do tipo: "Olha a gente quer voltar à normalidade". Então assim, querendo ou não a gente vai ter que conviver com esse vírus. Já foi dito isso muito anteriormente, mas quando alguém falava isso parecia ser absurdo falar de conviver com o vírus. A gente pega o Japão e eles estão convivendo com o vírus porque não confiam muito nas vacinas. Estão fazendo isso agora. Vai ser mais um tipo de gripe, como a H1N1 que quando chegou foi aquele terror, mas não aconteceu como está acontecendo agora, mas foi um momento de adaptação. Assim, é claro que todo mundo quer que volte à normalidade. A gente não sabe quanto tempo vai demorar isso, mas as pessoas querem a normalidade, querem isso de algum jeito. Por mais que não esteja 100% controlado vai acabar voltando à normalidade do que era antes, na questão de tempo. Vai demorar? Acredito que sim, infelizmente. Mas é uma questão de tempo e vamos continuar assim, buscando essas formações. Para isso serve realmente o CRTE. Porque se não servisse a gente não estaria aqui ministrando os cursos. Continua tendo demandas do mesmo jeito. É isso.

Pesquisadora: Obrigada professor. Prof. 06. (Tempo: 1h. 03').

Prof. 6: Então eu acho que os principais impactos foram mais estruturais e em relação ao conhecimento também. Estruturais no sentido de que os

professores tiveram que adaptar suas residências como um local para darem suas aulas. E, às vezes, a pessoa nem tinha esse espaço, de reservado, em silêncio para poder dar aulas. Então teve que fazer essa adaptação. Alguns tiveram que ir em busca de equipamentos também ou teve que ir atrás para comprar melhores equipamentos e tal. Então o maior impacto foi nessa parte de estrutura e na parte de conhecimento porque muitos professores não sabiam como fazer um vídeo conferência. Até coisas simples como compartilhar uma tela. Enfim, muitos professores tiveram essa parte, esse impacto em relação à estrutura, equipamentos, estrutura em casa para dar uma aula remota e na parte da falta de conhecimento das ferramentas e tudo mais que tiveram que ser apreendidos no decorrer ali mesmo do ensino remoto e em alguns cursos, oficinas, que a gente teve que dar assim rapidamente para que eles já começassem a usar. Eu acho que esses foram os grandes impactos.

Pesquisadora: Ok. Vamos então para a letra E, é possível que, em algum momento, a educação presencial seja substituída majoritariamente pela educação à distância? Qual a percepção do professor em relação a essa possibilidade? (Tempo: 1 h 04').

Prof. 2: Isso é consensual, substituir não vai com certeza. Mas a forma como a gente vai trabalhar, se valer desses recursos tecnológicos, ela com certeza estará presente nesse modelo presencial. Cada vez mais a gente irá fazer uso desses recursos e a gente ganhará nesse sentido como educação. Como extensão da sala de aula, uma continuidade, uma possibilidade de flexibilização de horários que com certeza vai favorecer muito a educação. Então esse pensar ele é coletivo de substituir não, mais sim de implementar, de aprimorar o uso dessas tecnologias no modo presencial. Talvez pensando em formação acadêmica assim, um curso ou outro que tenha a particularidade de que o remoto ou a distância, seja qual for a situação, ele possa talvez atender plenamente. Mas são situações específicas de formação acadêmica. Isso tem que ser bem pensado porque você pode ter situações que você perde o convívio ou outras situações que só existem no presencial.

(Professores 3 e 4 saíram, pois tinha compromisso agendado às 10 horas da manhã).

Pesquisadora: Então pode ser você professor 06? Pode ser assim? (Tempo 1 h 06').

Prof. 6: Pode. Deixa-me reler aqui. É possível que, em algum momento, a educação presencial seja substituída majoritariamente pela educação à distância? Não, não tem a menor possibilidade. Pelo menos na educação básica isso não vai acontecer. A educação a distância substituir, majoritariamente, a educação presencial, não. O que pode acontecer, o que está acontecendo é a educação a distância ser um complemento da educação presencial. Antes praticamente isso não era pensado, mas agora eu acho que vai servir de complemento, vai ser uma parte extra aí. Essa é a minha visão deste momento, mas não substituir.

Pesquisadora: Ok, obrigada. Professor 05. (Tempo 1 h. 06').

Prof. 6: Eu não acredito em substituição. Pode até ser uma questão de complemento como a colega falou, mas também pode ser uma questão de especialização cada vez mais do professor. Continua sendo necessária a figura do professor, se vai ser por meio digital se vai ser presencial ou não, isso aí pouco importa para falar a verdade. Essa pandemia demonstrou isso de forma mais clara. Continuou ainda tendo a necessidade do professor, tanto é que tudo parou. Não pensaram em um plano B, digamos assim. E não tinha plano B, era o plano A e era o único que tinha. E aí pronto foi o que aconteceu. Tiveram que esperar os professores voltarem de forma digital, digamos assim, a distância. E agora no presencial, metade presencial em algumas escolas, metade a distância, mas ainda assim com a figura do professor ali com a sua turma. Então se é presencial ou não, para mim continua a necessidade da figura do professor. Pode acontecer mais uma especialização ou diversificação na forma de transmitir esse conteúdo, mas ainda assim com a necessidade de um professor.

Pesquisadora: Bom enquanto o professor 2 e professor 3 voltam, vamos para a próxima letra porque vocês respondem e daqui a um pouquinho eles voltam e eu continuo conversando com eles, ok. Vamos à letra F, porque só faltam duas letras para responder.

Prof. 5: Os professores deixaram anotado aqui que não vão voltar, tinham um compromisso agendado. Tem uma mensagem no grupo.

Pesquisadora: Então tudo bem. Vamos dar continuidade então. Vamos para as letras F e a G e aí ficam pendentes os dois. Não tem problema. Depois eu encontro com eles, caso precise. Pergunta: **o quanto a falta de investimentos na educação afeta os professores, tanto no desenvolvimento de suas atividades laborais, como na manutenção de sua saúde física e mental?** (pergunta F) Então vamos começar pelo professor 6. (Tempo: 1' 09s).

Prof. 6: A falta de investimentos sempre afeta bastante porque a gente sempre quer estar trabalhando em condições melhores e com ferramentas melhores. O que a gente poderia fazer se tivesse acesso a ferramentas mais adequadas. Igual, por exemplo, aqui no CRTE, em alguns momentos a gente teve, chegou alguns computadores novos recentemente, mas até o ano passado a gente tinha que usar computadores aqui muito lentos. Era muito difícil usar as ferramentas atuais, porque as ferramentas atuais precisam de mais memória do computador, de melhor velocidade de processamento. E algumas vezes a gente não podia mostrar este tipo de ferramenta porque o laboratório aqui não comportava. E acabava que a gente tinha que mostrar sempre as mesmas coisas porque a gente não tinha esse investimento. Estou falando aqui da minha realidade, no caso o CRTE. Não tinha esse investimento em novas máquinas, a internet também não era boa. A gente tinha que ficar insistindo, correndo atrás, justificando porque que a gente precisava desses equipamentos, para poder chegar finalmente esses equipamentos. Antes de chegar era um

pouco frustrante porque a gente tinha aquela sede de trazer novidades, de trazer... ensinando novas ferramentas só que não dava. E a gente não podia exigir que o professor trouxesse o seu computador. Enfim, então tinha esse problema e acabava afetando, dava uma desanimada. Em relação às escolas também. Muitas vezes as escolas têm uma sala quente ou não tem data show, enfim isso fica limitando o que o professor poderia fazer com os estudantes. Não tem computador, não tem laboratório ou o laboratório está fechado. Enfim, então eu acho que de qualquer forma a falta de investimento afeta sim o trabalho do professor e, também, a sua saúde mental, principalmente. Porque de repente ele quer inovar, trazer ferramentas novas, trazer outro formato de ensino e não consegue porque a escola não tem o suporte necessário em relação aos equipamentos.

Pesquisadora: Ok, professora obrigada. Agora professor 05. (Tempo: 1h, 12').

Prof. 5: Complementando o que a colega falou, não só a questão de recursos. Mas, às vezes, tem um *software* mais interessante, mas aí a gente recai naquela história da licença. Então hoje em dia não dá, não tem mais aquela coisa do jeitinho: a gente vai dar um jeitinho, utiliza ali tal. Não tem jeito! O único jeitinho que eu vejo hoje, que o jeitinho legal, digamos assim, é você utilizar aquela ferramenta durante o tempo que te oferecem de uma semana, de um mês. Hoje em dia quase não tem mais um mês, tem mais uma semana ou coisa assim. Então a gente fica limitado com relação a isso. Ontem comentaram no curso de audiovisual a respeito disso, que o pessoal desinstala e instala de novo, tenta mudar o IP para poder dar uma vida mais prolongada ao *software*, entre aspas de forma gratuita. O tal do jeitinho, não concordo muito com isso não, mas a gente vai se virando da forma que pode. Então, essa questão de afetar a sanidade mental dos professores, muitos pensaram tipo: "Ah, o professor está trabalhando em casa, relaxado, tranquilo, numa boa, no ambiente dele". Mas pelo contrário, o ambiente de casa é o ambiente de casa. Muitos têm filhos, o menino pula no pescoço quer atenção, a mulher está fazendo comida... ou então você precisa fazer algumas outras coisas. Então fica assim, boa parte... O meu caso por exemplo: eu tenho duas crianças pequenas, então aquela história: "Meu pai está aqui, minha mãe está aqui, ótimo! Vou conseguir minha atenção". Só que não. Se a gente não sai daquele ambiente ali, vamos supor na sala, se você não vai para o quarto e se tranca para trabalhar de fato, não tem produção nenhuma. Não tem ganho nenhum para falar a verdade. É até pior. Piora a situação e o ambiente acaba te confundindo e te acomodando, digamos. E a gente não quer ficar nessa situação. Realmente quando a gente vem para o trabalho você se desfoca de tudo. Fica focado no trabalho e acabou. Aí você volta a viver normalmente com os problemas corriqueiros que todo mundo tem no dia a dia. E na pandemia, não. Estava tudo misturado. Então, assim, tivemos muitos professores entrando de atestado por conta disso. Tem uma situação que eu vi, eu tenho um irmão, ele também é professor e, assim, quando voltou deram aquele susto nos professores: "Olha vocês vão ter que fazer isso, vão ter que fazer aquilo. Vai ter que utilizar tal recurso, assim, assim e assado". E eu falei: "Lucas, calma, não é desse jeito. Não é a ferro e fogo. Primeiro que esse recurso não é obrigatório, segundo que a escola não

tem isso e não vai proporcionar isso daí”. Então não pode ser uma imposição. Tanto é que logo depois disso aí caiu por terra, não teve jeito. Então, é como a colega falou, a gente vem se descobrindo, utilizando e reutilizando os *softwares* que a gente tem hoje em dia na nossa mão. Claro que seria interessante se tivéssemos mais e melhores opções, digamos assim. Não que as opções que nós temos sejam ruins, de forma alguma. São as que nos atendem nesse momento, mas se tivéssemos algo melhor ainda com certeza boa parte estaríamos utilizando. Essa questão das tecnologias realmente dá um susto em todo mundo. Vamos falar um pouco da questão, mas perguntas anteriores já falaram um pouco disso, quem já trabalha com TI, não é nem quem tem formação de TI. Quem já trabalha com TI ficou um pouco mais confortável e disposto a receber coisas do tipo: “Olha você vai ter que utilizar esse *software*”. Vamos supor se é o Moodle ou é o *Google Works Pace*, então você não tem muita opção. Agora para quem, sei lá, a gente ainda tem muitos professores que nunca pegaram em um mouse ou ainda tem muita dificuldade. Aí realmente fica complicado. Mas foi onde surgiram as oficinas de formação de modo mais urgente para dar o mínimo de capacitação para aquele professor. Então o impacto pode ser menor digamos assim, no medo, na tensão. Mas não tem jeito, isso vai acabar refletindo na saúde de cada um, uns mais e outros menos.

Pesquisadora: Obrigada professor. Prof. 2 por gentileza. (Tempo: 1h 16”).

Prof. 2: Eu quero complementar o que o pessoal disse, até em uma visão mesmo comercial. A gente perde produtividade, a gente perde a capacidade de aprimoramento, a gente perde um avanço enorme. Não só da educação, mas, também, social por conta de não termos os recursos que possibilitam a gente trabalhar com a realidade de hoje, né. Então a mesma analogia que eu faria com a questão comercial, de fábricas ou do próprio comércio, eu faço para educação. Quanto mais amparados estivermos com tecnologias e com recursos, com certeza o resultado será melhor, o avanço, o ganho, tudo isso. A gente poderia estar tendo avanços maiores. E, não ter isso causa frustração, causa a desmotivação e outros fatores. Porque você vê as coisas acontecendo, você vê que existem possibilidades para que isso se torne realidade e não acontece. Então é por aí.

Pesquisadora: Obrigada professor. Agora vamos para a última pergunta: **Diante das mudanças e dificuldades comentadas, é possível dizer que foi atribuído aos professores dos CRTes uma importância muito maior que anteriormente, visto que tiveram que atender todos os professores da SEEDF que buscavam formações rapidamente e de uma forma muito mais frequente que em outros tempos?** (pergunta G). Professor 6, você poderia começar? (Tempo: 1 h 18’).

Prof. 6: Do meu ponto de vista, com certeza. Porque eu lembro que a gente dava os cursos e eu sempre perguntava: “Alguém já ouviu falar do CRTE, alguém sabe o que é?” E ninguém sabia, geralmente. Assim, 99% não sabia nem o que era aquilo. Depois, por causa da pandemia, que tivemos que dar as oficinas e, principalmente indo atrás dos e-mails, porque muita gente não sabia qual era o e-mail institucional e não sei o quê... Aí vieram

atrás de gente, colocaram a gente como referência para isso. E, aí sim, passaram a saber da nossa existência, o que fazemos. Então assim, com certeza a pandemia trouxe esse reconhecimento muito maior para os CRTEs.

Pesquisadora: Ok professor, obrigada. Professor 5, por gentileza. (Tempo:1h 20').

Prof. 5: A colega foi cirúrgica, digamos assim. Porque quem não conhecia o CRTE passou a conhecer. Porque teve que se mobilizar e correr atrás. Então boa parte das Regionais de Ensino possui o seu próprio CRTE. Então foi justamente isso, digamos, foi o apagar do incêndio. Teve que apagar o incêndio porque foi muito rápido, muito urgente. E, quem já conhecia o CRTE... porque assim, eu já, é a segunda vez que eu passo pelo CRTE. Na primeira vez que eu passei ainda era ANTE, e o pessoal fazia aquela piadinha: “Ah, saiu de sala de aula. Está numa boa, está relaxando, está tranquilo”. E não é isso. É uma sala de aula como qualquer outra, só que diferente. Então, às vezes o pessoal pensa: “Você deu sua aula numa quinta-feira, por exemplo, e está de boa o resto da semana”. Não, não estamos. Temos que planejar, temos que corrigir trabalhos que são muitos, na verdade. Sem falar que a linguagem de aulas para professores, os professores agem exatamente como os seus alunos: procuram no sábado de noite, no domingo em horário de almoço: “Eu estou com tal dúvida assim”. Então assim, dificilmente eu vejo um colega negando isso, uma resposta. Mesmo que seja em um horário inoportuno, não habitual como o final de semana. Mas se é aquele momento que o aluno, o nosso aluno professor tem, o professor tem a boa vontade de atender a demanda quando ela é realmente necessária ou se for algo assim do tipo: a gente tem que parar, sentar-se, rever o conteúdo aí é melhor mesmo marcar um horário mais propício. Mas fora isso, o que eu vejo é pessoal respondendo de forma rápida e muito prestativa, mesmo em horários incomuns. Então pelo que eu vejo o pessoal trabalha até mais em proporção, do que se estivesse em sala de aula. Em sala de aula você cumpriu o seu horário, vai embora. Eu sei também, claro, que muitos levam serviço para casa. Você pega o pessoal da escola classe e não tem jeito. Não tem como não levar serviços para casa., sempre leva. Na escola técnica eu levava de vez em quando, não era muito comum, mas levava. Então quem não conhecia passou a conhecer mais um pouco, a observar realmente o que é o trabalho dos CRTEs, né. E como não valorizar? Porque muita gente acabou se apoiando, resolvendo os seus problemas, as suas emergências com o apoio dos CRTEs. E se não fosse esses aí, realmente o negócio iria ficar complicado. Se não tivesse já, até uns anos atrás tentaram extinguir os CRTEs e foi uma briga muito doida, muito grande, mas permaneceu graças a Deus. Mas e se não tivesse? Como é que a gente ia ficar? Ia ser muito complicado, mas muito complicado mesmo. Então, para mim só veio valorizar mais ainda e reconhecer o trabalho. Tanto é que hoje o pessoal busca mais e mais. Então agora é assim: “Oh, qual o próximo curso que vai ter? Então eu já sei, já conheço um pouco do *Google Works Pace*, então já quero outro”. Mas tem gente que não conhece o *Google Works Pace* até hoje. Então vamos continuar ofertando esses cursos de noções básicas e, mudar de vez em quando esses cursos, dar uma formação diferente. Mas

continuando ainda com a formação, porque chegam novos professores e outros se aposentam... E esse círculo é meio que vicioso. Continua ainda desse mesmo jeito, sem transformações. Muda uma ferramenta, muda outra, mas continua aquele ciclo de formar professores para que eles consigam atender as necessidades dos alunos e as suas próprias necessidades.

Pesquisadora: Ok professor. Agora o professor 2, por gentileza. (Tempo 1h 22’).

Prof. 2: Para não ser muito redundante: nunca fomos tão lembrados, né! E, nunca foi tão evidente o trabalho do CRTE. Para ressaltar esse trabalho, quando virou para o remoto, foi um trabalho coletivo com a participação de todos os CRTEs. Então foi muito, foi muito... Eu olho para trás e vejo que foi muito gratificante ver que todos os que estiveram envolvidos nos CRTEs foram competentes e capazes, para poderem fazer essa transformação toda e em um tempo tão curto. Então temos profissionais assim excepcionais nos CRTEs. De conhecimentos mais diversos possível. Então os CRTEs nunca tiveram assim suas metas de *call center* tão elevadas, digamos assim. A minha caixa postal, *WhatsApp* assim lotados. Então foi um momento muito tumultuado, com muitas dificuldades até para poder atender a todos, mas felizmente conseguimos passar por essa fase inicial e executar muito bem essa virada. Então os CRTEs foram assim evidenciados e ainda continuam com essa evidência. E aí é gente tentar agora transferir essa imagem toda para que ela permaneça, por conta das nossas formações e todo esse nosso trabalho de suporte que têm sido realizados desde quando a existência dos CRTEs.

Pesquisadora: Ok. Agradeço a todos os professores que participaram. Vocês têm alguma pergunta para fazerem? Está tudo bem? Porque as minhas perguntas foram muito bem respondidas, mas se vocês quiserem perguntar alguma coisa tudo bem.

Prof. 6: Não. Tudo certo.

Pesquisadora: Então quero agradecer imensamente pelas respostas e tenho certeza de que vai ficar um trabalho muito lindo. E quando estiver tudo ok eu repasso para vocês lá no nosso grupo Análise de Conteúdo. Eu acredito que vai ficar um trabalho belíssimo, que trará todos os quesitos de todas essas perguntas e de tudo que foi trabalhado desde o início. Vocês ajudaram muito no trabalho, a palavração de vocês foi excelente e eu agradeço imensamente. MUITÍSSIMO obrigada pela participação de todos.

APÊNDICE D – QUADRO DE COERÊNCIA PARA TEXTO DE DISSERTAÇÃO

Quadro 07 – Estrutura geral

ESTRUTURA GERAL
<p><u>Título:</u> OS PROFESSORES FORMADORES EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL NA PANDEMIA: DESENVOLVENDO NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS</p>
<p><u>Tema:</u> As principais adaptações na prática pedagógica desenvolvidas pelos professores formadores, dos CRTE's, frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico.</p>
<p><u>Questão Norteadora:</u> Quais são as principais adaptações na prática pedagógica desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE's frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's?</p>
<p><u>Objetivos Geral:</u> Analisar as adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE's frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's.</p> <p><u>Objetivos Específicos:</u></p> <ol style="list-style-type: none">1. Quais as principais diferenças nas práticas pedagógicas usadas pelos professores formadores, principalmente no que diz respeito à formação continuada de professores para o uso das TIC's no contexto da pandemia?2. Quais as principais dificuldades encontradas pelos professores formadores para desenvolverem suas atividades pedagógicas no período de aulas remotas?3. Como o professor formador continuou a ofertar oficinas e outras formas de formação dos professores no uso das TIC's sem aulas/oficinas presenciais e quais as tecnologias e práticas pedagógicas utilizadas nesse contexto?

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A seguir, é apresentada a estruturação do texto de dissertação.

Quadro 08 – Estruturação do texto de dissertação

ESTRUTURA POR CAPÍTULOS		
CAPÍTULOS	ABORDAGEM	PROCEDIMENTOS
RESUMO 1 INTRODUÇÃO 1.1 Justificativa e Tema 1.1.1 Legislação	Resumo acerca da trajetória profissional, pessoal e acadêmica; Introdução de assuntos que contextualizem o restante do texto; Apresentação de elementos visando justificar a temática principal da pesquisa.	Relato baseado nas experiências pessoais; Informações embasadas em estudos anteriores à elaboração da pesquisa; Apresentação da legislação referente ao conteúdo analisado.
2 PROBLEMÁTICA NORTEADORA DA PESQUISA 2.1 Objetivo Geral 2.2 Objetivos Específicos	Limitação da problemática norteadora da pesquisa e dos objetivos gerais e específicos do trabalho. OBJETIVO GERAL: Analisar as adaptações nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE's frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's. OBJETIVOS ESPECÍFICOS 1. Quais as principais diferenças nas práticas pedagógicas usadas pelos professores formadores, principalmente no que diz respeito à formação continuada de professores para o uso das TIC's no contexto da pandemia? 2. Quais as principais dificuldades encontradas pelos professores formadores para desenvolverem suas atividades pedagógicas no período de aulas remotas?	A partir dos questionamentos apresentados na introdução e na justificativa desenvolveu-se a seguinte questão norteadora para o desenvolvimento do trabalho: Quais são as principais adaptações na prática pedagógica desenvolvidas pelos professores formadores dos CRTE's frente às mudanças necessárias para a aplicação do formato de aulas remotas no período pandêmico, no que diz respeito à formação continuada dos professores para o uso das TIC's?

Quadro 08 – Estruturação do texto de dissertação

ESTRUTURA POR CAPÍTULOS		
CAPÍTULOS	ABORDAGEM	PROCEDIMENTOS
	3. Como o professor formador continuou a ofertar oficinas e outras formas de formação dos professores no uso das TICs sem aulas/oficinas presenciais e quais as tecnologias e práticas pedagógicas utilizadas nesse contexto?	
3 REFERENCIAL TEÓRICO 3.1 O professor formador 3.2 O Ensino Remoto 3.3 O professor formador durante a pandemia	Análise e discussão de materiais e estudos anteriores a respeito da temática norteadora da pesquisa.	A partir da revisão da literatura (GIL, 2002), feita no decorrer deste capítulo, buscou-se fazer uma contextualização a respeito dos estudos e referenciais bibliográficos que nortearão a presente pesquisa, de modo a sustentar os argumentos trazidos com base em análise e discussão de estudos anteriormente realizados que abordaram as temáticas referentes ao presente estudo, sendo elas: o professor formador; o Ensino Remoto; e o professor formador durante a pandemia.
4 METODOLOGIA 4.1 Lócus da Pesquisa 4.2 Instrumentos de Pesquisa 4.3 Cronograma	Apresentação do tipo e abordagem escolhidas para a presente pesquisa, demonstração dos instrumentos a serem utilizados na coleta de dados, fundamentação teórica e delimitação do cronograma a ser seguido para a realização da pesquisa.	Tipo: Exploratória - Estudo de Campo; Abordagem: Qualitativa Instrumentos: Entrevista com 35 professores, grupo focal com 6 professores e análise crítica do discurso.
5 DADOS PRODUZIDOS	Demonstração dos dados coletados durante a pesquisa por meio de uma tabela feita a partir de uma categorização feita com base em Bardin (2011).	Dados coletados através da implementação de questionário <i>online</i> enviado aos professores dos CRTE's do DF, por meio do <i>Google Forms</i> .

Quadro 08 – Estruturação do texto de dissertação

ESTRUTURA POR CAPÍTULOS		
CAPÍTULOS	ABORDAGEM	PROCEDIMENTOS
<p>6 ANÁLISE DOS DADOS</p> <p>6.1 Problemática: Ensino Remoto x Quantidade de horas trabalhadas</p> <p>6.2 Problemática: Ens. Remoto x Formação Continuada</p> <p>6.3 Problemática: Ens. Remoto x Saúde Física e mental dos professores</p> <p>6.4 Problemática: Vida profissional x vida pessoal</p> <p>6.5 Problemática: Ens. Remoto x Ferramentas de trabalho</p> <p>6.6 Problemática: Ens. Remoto x Prospecções Futuras</p> <p>6.7 Problemática: Valorização x Desvalorização</p>	<p>Análise do Discurso das respostas coletadas por meio dos questionários <i>online</i>, e desenvolvimento de perguntas a serem aplicadas no grupo focal, bem como análise das respostas.</p>	<p>Análise feita por meio da análise do discurso com base em Gregolim (1995) e Fairclough (2012). Grupo focal realizado com 6 professores com o objetivo de responder às questões que foram desenvolvidas a partir da análise dos dados do questionário.</p>
<p>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</p>	<p>-</p>	<p>Considerações realizadas a partir da análise dos dados coletados como forma de fechamento do trabalho.</p>
<p>REFERÊNCIAS</p>	<p>Referenciar todos os autores e obras citados direta ou indiretamente no decorrer do texto.</p>	<p>Referências ao final do texto feitas conforme o trabalho era criado e revisão final para certificação de que nenhum autor ou obra fosse sido esquecido.</p>

Quadro 08 – Estruturação do texto de dissertação

ESTRUTURA POR CAPÍTULOS		
CAPÍTULOS	ABORDAGEM	PROCEDIMENTOS
APÊNDICES E ANEXOS	Anexo A – Perguntas para o questionário; Anexo B – Perguntas para o grupo focal; Apêndice A – Cronograma; Apêndice B – Quadro de Coerência para texto de dissertação.	
BIBLIOGRAFIA: BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo . Lisboa: Edições 70, 2011. FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Linha d'Água , n. 25 (2), p. 307-329, 2012. GIL, A. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. GREGOLIM, M. A análise do discurso: conceitos e aplicações. Alfa , São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.		

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

ANEXOS

ANEXO A – PERGUNTAS PARA O QUESTIONÁRIO

Quadro 09 – Perguntas para o questionário

Pergunta	Objetivo da pergunta
Qual é o Centro de Referência Tecnológico Educacional (CRTE) que trabalha?	Identificar quais os CRTE's que participaram da pesquisa.
Quais foram as principais mudanças em relação ao seu trabalho que ocorreram durante o período de pandemia?	Destacar as principais mudanças em relação ao fazer profissional dos professores formadores no contexto pandêmico.
Quais são as plataformas utilizadas nas atividades síncronas e assíncronas e quais as principais diferenças levadas em consideração para as escolhas delas? Você as considera suficientes para a ministração dos conteúdos? Elas são as mesmas utilizadas antes da pandemia do Covid-19?	Informar quais as ferramentas utilizadas pelos professores durante o exercício de suas atividades e se as plataformas são vistas por eles como sendo adequadas; Analisar se o professor formador possui as ferramentas necessárias para seu fim pedagógico.
Durante a pandemia a Secretaria de Educação do DF disponibilizou Internet para acesso remoto em casa? Se sim, me informe a velocidade da operadora que foi disponibilizada, senão, explique como enfrentou esse momento vivido.	Informar quais os acessos remotos disponibilizados pela Secretaria de Educação do DF e perceber se o professor recebe da Secretaria os recursos necessários para manter suas aulas.
Além da plataforma, quais são os demais recursos tecnológicos utilizados para a ministração das aulas? Tais como, sistemas operacionais, aparelhos eletrônicos etc.	Coletar quais são as ferramentas utilizadas no processo de ensino à distância, tais como <i>softwares</i> , programas etc.
Durante a pandemia o curso foi ministrado através do ensino remoto. Antes da pandemia o curso que ministrava aos docentes era presencial, híbrido ou Educação a Distância (EAD)? Quais as modalidades que, na sua percepção, são mais viáveis para o ensino da informática?	Entender qual é a percepção dos professores a respeito dos efeitos da pandemia em seus processos pedagógicos e quais metodologias são mais interessantes na visão dos professores.

Quadro 09 – Perguntas para o questionário

Pergunta	Objetivo da pergunta
A partir da experiência vivida, após a pandemia, você continuaria usando o mesmo modelo de ensino que tem sido usado atualmente? Por qual motivo? Quais ferramentas e aspectos você acha que deveriam ser mantidos?	Perceber a visão dos professores em relação à importância de ações que venham a prevenir momentos como esse no futuro.
Quais os maiores desafios enfrentados nesse período com a utilização da tecnologia, em relação aos recursos utilizados? Justifique.	Investigar qual a situação dos investimentos na educação tecnológica na prática e como isso influencia o papel do professor formador.
Quais os principais auxílios oferecidos pelos professores de informática aos professores participantes dos cursos ofertados? Qual sua principal função no auxílio a estes professores cursistas? Quais cursos foram ofertados pré-pandemia e durante a pandemia?	Analisar a importância do professor formador frente às necessidades do ensino remoto.
Os docentes que participaram desses cursos tiveram dificuldade em colocar o que foi ensinado em prática em suas aulas? Em relação aos que apresentaram, quais foram essas dificuldades?	Analisar a importância dos professores formadores em relação à inserção da tecnologia no ambiente escolar.
Com o ensino remoto, as rotinas dos professores de informática sofreram diversas alterações, trazendo com elas muitos desafios. Como foi para você o enfrentamento desses novos desafios? Quais são suas perspectivas para o futuro pós-pandêmico?	Analisar se o professor formador tem consciência de seu papel frente às estratégias de enfrentamento ao Covid-19.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

ANEXO B – PERGUNTAS DO GRUPO FOCAL

Quadro 10 – Perguntas do grupo focal

Pergunta	Objetivo da pergunta
Os pontos positivos dessas novas metodologias de ensino são suficientes para contrapor os pontos negativos apontados no que se refere às metodologias utilizadas no período pandêmico?	Entender a percepção dos professores quanto às metodologias de ensino aplicadas durante o período pandêmico no que se refere às vantagens e desvantagens decorrentes delas.
A falta de padronização das plataformas limita os recursos a serem disponibilizados aos professores, reduzindo as possibilidades de parcerias, por exemplo?	Entender a relação dos professores com as plataformas utilizadas na manutenção das atividades de formação continuada, no que se refere à padronização destas.
A partir dos problemas encontrados com a pandemia, que abriram portas para situações de grande desvalorização e falta de condições de trabalho, é possível que a busca por carreiras docentes diminua? É possível, ainda, que ocorra uma evasão em massa da área? Ou seja, a partir desse cenário, é possível que muitos professores optem por buscar novas carreiras, deixando a docência?	Entender mais sobre as prospecções futuras dos professores no que se refere às carreiras educacionais.
Qual o impacto das mudanças ocorridas a partir do trabalho remoto na vida pessoal dos professores e quais os mecanismos utilizados para contornar esses desafios?	Analisar ainda mais a influência das mudanças de cotidiano, bem como de que forma as mudanças metodológicas ocorridas por conta da pandemia influenciaram, seja positiva ou negativamente, as vidas pessoais e profissionais dos profissionais da educação, bem como as consequências dessas influências.
É possível que, em algum momento, a educação presencial seja substituída majoritariamente pela educação à distância? Qual a percepção do professor em relação a essa possibilidade?	Entender mais sobre as prospecções futuras dos professores no que se refere às metodologias educacionais utilizadas tanto na formação continuada quanto nas demais áreas da educação.
O quanto a falta de investimentos na educação afeta os professores, tanto no desenvolvimento de suas atividades laborais, como na manutenção de sua saúde física e mental?	Entender a percepção dos professores no que se refere à falta de investimentos na educação e o quanto essa carência pode afetar o desenvolvimento de suas atividades, influenciando a manutenção de sua saúde física e mental.

Quadro 10 – Perguntas do grupo focal

Pergunta	Objetivo da pergunta
Diante das mudanças e dificuldades comentadas, é possível dizer que foi atribuído aos professores dos CRTE's uma importância muito maior que anteriormente, visto que tiveram que atender todos os professores da SEDF que buscavam formações rapidamente e de uma forma muito mais frequente que em outros tempos?	Entender a percepção dos professores no que se refere à importância do trabalho realizado pelos professores formadores, por meio dos CRTE's, no auxílio aos professores da educação básica, bem como entender a valorização que obtiveram a partir do aumento da demanda de busca pelas atividades e formações desenvolvidas pelos CRTE's.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).